

SAMARA PEREIRA BALEEIRO ROCHA

ENGAJAMENTO EM
A MORTE E A MORTE DE QUINCAS
***BERRO D'ÁGUA*, DE JORGE AMADO**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
MONTES CLAROS

Fevereiro/ 2017

SAMARA PEREIRA BALEEIRO ROCHA

ENGAJAMENTO EM
A MORTE E A MORTE DE QUINCAS
BERRO D'ÁGUA, DE JORGE AMADO

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Estadual de Montes Claros, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras/Estudos Literários.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Linha de Pesquisa: Tradição e Modernidade.

Orientador: Prof. Dr. Alex Fabiano Correia Jardim.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS

MONTES CLAROS

Fevereiro/ 2017

R672e Rocha, Samara Pereira Baleeiro.
Engajamento em *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, de Jorge Amado [manuscrito] / Samara Pereira Baleeiro Rocha. – Montes Claros, 2017.
108 f. : il.

Bibliografia: f. 92-95.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários/PPGL, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Alex Fabiano Correia Jardim.

1. Literatura brasileira - Novela. 2. Tradição e modernidade. 3. Amado, Jorge, 1912-2001 - *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua* - Análise. 4. Engajamento. I. Jardim, Alex Fabiano Correia. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/ESTUDOS LITERÁRIOS



Dissertação de Mestrado intitulada **ENGAJAMENTO EM A MORTE E A MORTE DE QUINCAS BERRO D'ÁGUA, DE JORGE AMADO**, de autoria da mestranda em Letras – Estudos Literários **SAMARA PEREIRA BALEEIRO ROCHA**, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Alex Fabiano Correia Jardim – Orientador (Unimontes)

Prof.ª Dr.ª Deise Quintiliano Pereira – (UERJ)

Prof.ª Dr.ª Telma Borges da Silva – (Unimontes)

Prof. Dr. Osmar Pereira Oliva

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários

Montes Claros, 17 de fevereiro de 2017.

À Maria Santíssima, Mãe de Deus e minha.

AGRADECIMENTOS

Eis que mais um sonho é realizado. É necessário, pois, agradecer a todos aqueles que contribuíram para que este fosse concluído.

Agradeço a Deus, alegria da minha juventude, pois “Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas. A Ele a glória por toda a eternidade!” (Rm 11, 36). Sem seu Amor e Misericórdia eu nada seria. A Ele eternamente tudo o que tenho e sou.

À minha Mãe, Maria Santíssima, por me educar retamente: *Totus tuus ego sum Mariae et omnia mea tua sunt*. A ela sou imensamente grata por me moldar dia após dia.

Aos meus pais, Auro e Diuzete, meus maiores exemplos, por me apontarem a importância do estudo e do conhecimento para a edificação pessoal. Obrigada por me incentivarem incessantemente a me tornar uma pessoa melhor! Vocês são meu porto seguro.

À Universidade Estadual de Montes Claros, por contribuir para o desenvolvimento e difusão do conhecimento. Os serviços prestados por essa instituição nos incentivam a crer no conhecimento como caminho para um mundo melhor e mais justo.

Ao orientador deste trabalho, Professor Dr. Alex Fabiano Correia Jardim, meu agradecimento pelas valiosas sugestões e contribuições. Obrigada por tornar o caminho da escrita mais leve e por me apresentar a importância de engajar-me criticamente no mundo.

Ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da Unimontes, por nos incentivar a crer na Literatura como forma de reflexão fecunda. Obrigada por nos ensinarem o poder das palavras!

Agradeço, especialmente, à Professora Dra. Telma Borges da Silva, exemplo de profissional. Muito obrigada por me ensinar o valor da Literatura e por todas as contribuições dadas a este trabalho! Elas me ensinaram a ser mais crítica. Agradeço, ainda, ao Professor Dr. Anelito

Oliveira, pela benevolência com que me auxiliou e também contribuiu para as reflexões aqui desenvolvidas.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo valioso e indispensável incentivo para a confecção deste trabalho, e à FAPEMIG/DEG-00009/13, pelo financiamento desta pesquisa.

Agradeço, ainda, pelo acolhimento e dedicação com que fui recebida na Fundação Casa de Jorge Amado e na Casa do Rio Vermelho. O trabalho desenvolvido por vocês me auxiliou grandemente!

Não poderia deixar de agradecer aos meus irmãos DDD's, por caminharem comigo durante esse percurso, ajudando-me a levantar a cada queda. As contribuições de vocês também foram essenciais!

E, sem dúvida, não poderia deixar de render agradecimentos a um dos filhos mais ilustres da Bahia: Jorge Amado! Muito obrigada por dedicar sua existência às letras; através de sua obra conhecemos um pouco da Bahia, e muito de nós mesmos.

Navigare necesse; vivere non est necesse.

General Romano Pompeu (106-48 a.C.)

RESUMO

Este trabalho analisa como o engajamento faz parte da novela *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua* (1998), de Jorge Amado, apontando para a íntima relação entre as experiências do autor e sua manifestação na escrita da obra em questão. Esta pesquisa é descritiva (documental), baseada no método qualitativo-interpretativista. O referencial teórico baseia-se em Sartre (2004), que trabalha a noção de engajamento na literatura; Candido (1989; 2006), acerca da influência social como característica estrutural da obra literária; Bakhtin (1997; 2010), embasando as noções de dialogismo e polifonia; e Hutcheon (2000), tendo como enfoque o recurso linguístico da ironia. O referencial crítico apresenta como cerne diversos estudiosos da obra amadiana, especialmente Duarte (1996, 2002, 2013) e Sant’Anna (1983). Conta-se, ainda, com diversos documentos cedidos pela Fundação Casa de Jorge Amado. Ao observar-se a trajetória política de Jorge Amado, é notório como esta influencia sua produção literária; a metamorfose de uma implica na mudança da outra. Quincas Berro Dágua amalgama a alteração de posicionamento político-ideológico do autor, que anseia por engajar-se e aos seus leitores num pensamento crítico. Há na obra em questão críticas profundas à organização social moderna, suscitando questionamentos sobre como o indivíduo comporta-se perante as imposições sociais. O personagem é o elemento perturbador da ordem pré-estabelecida, tirando o leitor de sua zona de conforto e interpelando-o, também, na busca por liberdade pessoal.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira; Tradição e Modernidade; Jorge Amado; *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*; Engajamento.

ABSTRACT

This work analyzes how the engagement is part of the novel *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* (1998), by Jorge Amado, pointing to the intimate relationship between the experiences of the author and his manifestation in the writing of the work in question. This research is descriptive (documentary), based on the qualitative-interpretative method. The theoretical framework is based on Sartre (2004), who works on the notion of engagement in literature; Candido (1989, 2006) on social influence as a structural feature of the literary work; Bakhtin (1997; 2010), basing the notions of dialogism and polyphony; And Hutcheon (2000), focusing on the linguistic resource of irony. The critical referential has as core several scholars of the amadian work, especially Duarte (1996, 2002 2013) and Sant'Anna (1983). There are also several documents provided by the Fundação Casa de Jorge Amado. When observing the political trajectory of Jorge Amado, it is notorious as this influences its literary production; the metamorphosis of one implies the change of the other. Quincas Berro D'água amalgamates the alteration of the political-ideological position of the author, who longs to engage himself and his readers in critical thinking. There is in the work in question deep criticisms of modern social organization, raising questions about how the individual behaves in the face of social impositions. The character is the disturbing element of the pre-established order, taking the reader out of his comfort zone and inquiring him, too, in the quest for personal freedom.

KEYWORDS: Brazilian Literature; Tradition and Modernity; Jorge Amado; The Double Death of Quincas Water-Bray; Engagement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - UM AUTOR ENGAJADO	16
1.1 O século XX: o mundo se divide	20
1.2 A queda do Muro de Berlim, o decesso de um ideal	27
CAPÍTULO 2 - UMA LITERATURA ENGAJADA	43
2.1 O fator social como fator estrutural	44
2.2 A palavra é engajada	48
2.3 Um engajamento literário questionador	50
CAPÍTULO 3 - A BUSCA PELA LIBERDADE	67
3.1 A negação	69
3.2 O trajeto	76
3.3 Navegar é preciso	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
ANEXO I - DOCUMENTO CEDIDO PELA FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO – CUBA E ARREDORES NO PÊNDULO DA HISTÓRIA	98

INTRODUÇÃO

Jorge Amado é um autor mundialmente conhecido. Teve (e ainda tem) seus livros traduzidos para diversas línguas. Viajou o mundo, especialmente quando fazia parte dos quadros do Partido Comunista, deixando sua filiação em 1956. O autor vivenciou os principais fatos do século XX, e adentrou o século XXI com muitas experiências em sua bagagem.

Vislumbrou o extremismo e o totalitarismo da ideologia socialista, deixando-a por ver os ideais daqueles que acreditaram nesta como possibilitadora de um mundo mais justo revelarem-se o contrário. Suas experiências, porém, moldaram-no intelectualmente, transformando sua visão sobre a política e sobre o mundo.

Traçando o caminho político-ideológico do autor, nota-se como este reverbera em sua escrita literária; há uma consonância de valores entre ambos. Os fatores sociais que influenciaram a vida de Amado, desde suas experiências infantis até o que vive em sua maturidade, estão presentes em sua escrita e fazem parte do aspecto estrutural desta.

No âmbito político-ideológico, é notória a metamorfose sofrida pelo autor, que reafirma sua busca por liberdade crítica; não mais ideologicamente condicionado, mas reconhecendo a importância da reflexão pessoal e do ponderamento sobre qualquer aspecto ideológico.

Nesse sentido, as influências sociais agem em sua obra e dela são indissociáveis, notando-se isto especialmente na novela *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua* (1998). A narrativa das vidas e mortes de Quincas Berro Dágua amálgama o processo pelo qual seu autor passa, culminando num personagem intensamente irônico, sarcástico e crítico.

Perante um mundo ideologicamente marcado e massificado, Quincas renega toda e qualquer imposição e busca sua liberdade pessoal. Vê-se privado de sua individualidade e, por isso, almeja poder fazer suas próprias escolhas e questionar o que está ao seu redor. Instaura, através da ironia, o pensamento crítico, minando pensamentos homogêneos frente a uma sociedade estratificada.

Sua ironia revela um indivíduo que nega verdades ditas completas para instaurar a dúvida fecunda. Sua trajetória e sua busca configuram um indivíduo que busca sua

liberdade pessoal frente às imposições sociais de todo o tipo: econômicas, comportamentais, intelectuais.

Sua coragem e desprendimento, todavia, trazem-lhe consequências e, por isso, vive e morre discursivamente diversas vezes, na busca por alcançar sua almejada liberdade. Como seu autor, que passa a buscar um pensamento cada vez mais crítico, Quincas coloca-se a questionar o que é tomado como verdade pelo senso comum.

O personagem, então, torna-se o elemento perturbador da ordem pré-estabelecida e incomoda a todos a seu redor. Vê-se sem lugar num mundo em que todos se deixam tomar por essa ordem pré-estabelecida e, apesar de divergirem ideologicamente, são condicionados do mesmo modo.

A busca por essa liberdade individual torna-se crescente, até que o personagem some nas águas do mar da Bahia. Torna-se mítico, assim como o que almejou: a liberdade individual e pessoal de pensamento.

Quincas mostra que exercer a criticidade tem um preço alto, pois o personagem torna-se mais que marginalizado, pois nem nesse quadro consegue inserir-se. Ele vai além e, sem lugar no mundo e na sociedade, desaparece, apesar de discursivamente permanecer vivo na memória daqueles que o cercam.

Essa busca tem como consequência a revisão da realidade, estabelecendo a ligação: experiência-escrita-realidade. O leitor toma parte da busca de Quincas e, por consequência, desvenda a própria realidade em que se insere. Há uma interdependência entre os três fatores elencados.

Esta tomada de posição do leitor torna-o engajado em perscrutar no mundo aquilo que o torna alienado para, como Quincas, buscar deixar de sê-lo. Amado engajou-se na escrita transferindo suas experiências para a literatura; esta, no livro em questão, engaja o leitor na leitura de sua realidade.

Apesar de a narrativa localizar-se em Salvador, seus questionamentos são universais; Joaquim/Quincas, nome comum, pode ser todo aquele ideologicamente condicionado de maneira acrítica que busca, porém, libertar-se de tais amarras.

Para tanto, Amado lança mão de uma narrativa dialógica, polifônica e irônica. Essas características estruturais reforçam o posicionamento de Quincas e corroboram o engajamento do personagem em sua busca, e o engajamento do leitor, também, nessa mesma busca.

Inicialmente, torna-se necessário conhecer o panorama dos principais fatos do século XX que influenciaram o mundo e, especificamente, a vida do autor. No *Capítulo 1 – Um autor engajado* nota-se como o mundo torna-se polarizado entre as influências capitalista e socialista. Sob o prisma das experiências de Amado, é possível observar como essa polarização atingiu seu posicionamento político-ideológico e fez com que o autor transformasse sua visão de mundo. Em sua autobiografia intitulada *Navegação de Cabotagem* (1992), o autor narra como se dá essa mudança. Além disso, confrontando-a com diversos documentos cedidos pela Fundação Casa de Jorge Amado, torna-se ainda mais acentuada e clara a transformação intelectual do autor baiano.

Engajado politicamente, sua escrita é diretamente influenciada por seus posicionamentos político-ideológicos. Acerca da forma como esse fato manifesta-se na escrita, tornam-se pertinentes as considerações feitas por Sartre em *Que é a Literatura?* (2004). Apesar de o filósofo defender a tese de que a Literatura se manifestaria completa e livremente num cenário comunista, as experiências de Amado desconstroem essa visão e demonstram que a busca por essa liberdade crítica, exercida pela escrita, deve ser constante e deve buscar superar os limites impostos por ideologias restritas. Entretanto, as considerações feitas por Sartre sobre a relação entre engajamento e Literatura são pertinentes na medida em que teorizam sobre a indissolubilidade da relação entre posicionamento frente ao mundo e a escrita. Escrever é engajar-se no mundo buscando desvendá-lo e, a partir desse desvendamento, mudá-lo e mudar a si próprio – seja autor ou leitor – tencionando melhorar.

Nessa medida, Amado, desde o início de sua carreira, conscientemente relaciona seus posicionamentos político-ideológicos à sua escrita, de forma que é possível acompanhar através desta a metamorfose ocorrida naqueles.

No *Capítulo 2 – Uma escrita engajada* nota-se como cume desse processo de mudança a novela *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua* (1998), publicada pela primeira vez em 1959, logo após a saída do autor do Partido Comunista. Vislumbra-se na composição do personagem principal como as influências ocorridas na trajetória do autor corroboram a construção de um personagem com uma grande força irônica, que desconstrói estruturas comuns do mundo objetivo e busca delas libertar-se, sentindo-se sufocado por uma sociedade massificada e ideologicamente restrita. Quincas Berro Dágua clama por liberdade crítica, individual e pessoal. O autor engaja-se nessa busca e

o personagem representa esse engajamento que influencia diretamente o leitor, tirando-o de sua zona de conforto, fazendo-o partilhar da busca de Quincas e revisar criticamente a realidade em que se insere.

Para tanto, Amado lança mão de uma narrativa dialógica e polifônica, explorada e conceituada por Bakhtin em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2007) e *Problemas da poética de Dostoiévski* (2010). Ambos os recursos permitem que as vozes que retratam as vidas e mortes de Quincas – o núcleo familiar, burguês, e o núcleo dos amigos, marginalizados –, sofram uma avaliação ideológica semelhante. Nenhum dos discursos retratados traz uma resposta redentora às questões levantadas, mas todos são problematizados com o intuito de que, através da subversão operada por Quincas, sejam reavaliados e colocados em questão. Quincas engaja-se na revisão ideológica do mundo, e conduz o leitor ao mesmo, suscitando neste, também, a busca por pessoalidade e por liberdade crítica.

Essa procura é analisada no *Capítulo 3 – A busca pela liberdade*, em que se nota como a postura engajada de Amado, que inicialmente era marcada em prol dos conceitos ideológicos socialistas, passa a ser extremamente crítica e aberta. Quincas Berro Dágua busca a liberdade de expressão e de pensamento que contemple sua individualidade; busca uma liberdade crítica e pessoal. Por isso, desconstrói a todo o momento estruturas cristalizadas e tomadas como verdades, especialmente através da ironia. Para melhor contextualizar esse recurso linguístico, que atua como uma das principais características do personagem, as considerações de Hutcheon em *Teoria e política da ironia* (2000) são pertinentes. A postura irônica do personagem atinge posicionamentos marcados e definidos, minando por dentro verdades pré-estabelecidas, corroborando uma visão crítica da realidade.

Para tanto, Quincas nega tudo aquilo que o delimita, iniciando seu trajeto em busca da liberdade que almeja. Essa busca, tendo em vista as experiências do autor, apontam para a ligação entre a mudança político-ideológica de Amado e a construção de um personagem que, como ele, busca a liberdade pessoal e crítica.

Quincas Berro Dágua mostra-se farto de imposições e de posicionamentos fechados. Por isso, inicia a busca por essa liberdade. Conclui que é impossível viver plenamente o ideal que alavancou sua busca e, por isso, prefere que este viva discursivamente na memória dos que ficam em terra, ao passo que seu corpo perde-se

no mar. Há, nesse sentido, paradoxalmente, a morte de seu ideal – uma vez que não poderá vivenciar a liberdade que almeja –, mas, ainda assim, este vive miticamente entre aqueles que partilham de sua história.

Nesse sentido, as trajetórias de Jorge Amado e de Quincas Berro Dágua relacionam-se intimamente: ambos engajam-se na busca da liberdade, suscitando no leitor da novela o mesmo.

Seguir a trajetória de Quincas Berro Dágua é ser convidado a rever a própria trajetória; é engajar-se no mundo de forma crítica. O autor, através de uma aparente objetividade, instaura a ironia que tira o leitor do lugar comum e o faz, assim como Amado e Quincas, tornar-se crítico.

Assim, nota-se a influência e a interdependência entre as experiências de Amado e a confecção da narrativa elencada, auxiliando em sua interpretação e apontando para o caminho da busca – e não de respostas prontas e fechadas – assim como Quincas Berro Dágua. A condição necessária de Quincas é a da busca por liberdade: individual, pessoal e crítica.

Capítulo 1

Um autor engajado

Jorge Amado permanece inscrito no senso comum como intelectual comunista. Sua história e o contexto em que viveu são essenciais para que se possa compreender que sua produção literária vai muito além da perspectiva comumente difundida sobre sua obra. Ana Maria Machado, em seu livro intitulado *Romântico, sedutor e anarquista: como e por que ler Jorge Amado hoje* (MACHADO, 2006), revela características da obra do autor que o desmitificam em relação às rotulações do senso comum.

O autor vivenciou as duas Grandes Guerras, a Guerra Fria, e adentrou o século XXI como intelectual engajado. Entretanto, suas concepções acerca da vida, da política e das relações humanas sofreram uma progressiva mudança, na qual suas vivências pessoais, dentro dos contextos citados, influenciaram diretamente sua produção. Seu engajamento político modifica-se conforme estas, tornando-se cada vez mais crítico.

Amado nasceu em 10 de agosto de 1912, em Itabuna, na Bahia, e faleceu em 6 de agosto de 2001, em Salvador, capital da Bahia, aos 89 anos. Suas cinzas estão enterradas na casa em que viveu grande parte da vida com sua segunda esposa, Zélia Gattai, e os filhos do casal, Paloma e João Jorge, no bairro do Rio Vermelho, em Salvador. O baiano percorreu o mundo e, apesar das inúmeras viagens, Amado nunca abriu mão de sempre retornar a sua terra natal, fazendo desta objeto e cenário privilegiado de seus escritos.

O autor possui, além das inúmeras obras fictícias, duas obras autobiográficas, *O menino grapiúna* (AMADO, 2010) e *Navegação de Cabotagem* (AMADO, 1992). A primeira tem como mote sua infância, enquanto a segunda trata especialmente de sua vida adulta. O título desta faz referência às viagens marítimas breves, assim definindo a vida como uma breve viagem. Vivendo grande parte de sua existência contemplando a Baía de Todos os Santos, faz uma analogia da própria vida com as diversas embarcações que contemplou perderem-se no mar azul da Bahia, no mar aparentemente infinito. Assim, apesar de definir a própria vida como uma breve viagem, esta passa contemplativa pela infinitude que o mar representa e significa. Ou seja, define que a vida, apesar de breve, pode ser intensa e profunda, trazendo esta ideia para a prosa que conta fatos de sua própria vida.

Navegação de Cabotagem foi escrito entre 1991 e 1992, e é organizado, de certo modo, como o livro de bordo da viagem da vida de Jorge Amado. Nele, o autor conta diversos fatos de sua vida que, apesar de não serem contados cronologicamente, são

datados e localizados espacialmente, além de possuírem subtítulos. A autobiografia conta, ainda, com reflexões não datadas, mas que vêm destacadas das demais, sugerindo sua atemporalidade. Dentre essas reflexões, destaca-se esta:

Não tenho o hábito de reler meus livros, raras vezes uma página aqui e outra acolá por casual necessidade. Não os releio nem os reescrevo como fazem diversos literatos. O livro a meu ver tem data – na concepção, na escrita, no conteúdo, na criação artística e humana – data que corresponde à personalidade do autor quando elaborou e escreveu. Delimita a experiência adquirida até então, a posição perante o mundo e a vida, a maneira de ver e de pensar, os ideais, a ideologia, as limitações, as aspirações, designa um homem em tempo e circunstâncias que já não se repetirão. Se reescrevo o livro já serão outros o tempo e a circunstância, também o livro já não será o mesmo, ainda que melhore a escrita, a composição da história, a condição dos personagens, ao reescrevê-lo eu o perdi, ao burilá-lo eu o reneguei (AMADO, 1992, p. 247).

Nesse trecho, nota-se a importância que o próprio autor confere e reconhece à influência do contexto no processo de escrita. “O livro a meu ver tem data” (AMADO, 1992, p. 247): o conteúdo da criação artística é perpassado pela contextualização humana, logo, pelas relações sociais temporalmente localizadas. A escrita, para o autor, exprime e é capaz de amalgamar “a posição perante o mundo e a vida” (AMADO, 1992, p. 247), ou seja, é repleta de influências ideológicas que, por consequência, influenciam os leitores. O autor encara o livro como um processo complexo da relação mundo-autor-escrita-leitor. Na visão amadiana, o livro representa o paradoxo do momento da escrita e suas implicações, e sua atualização no momento da leitura.

Logo, reconhece a importância dessa complexa relação em seu próprio processo de escrita. Torna-se crucial compreender o período em viveu e como este ressoou em sua obra, pois, reconhece que a palavra é portadora de significados identificados nos âmbitos temporal, local, social e ideológico. Cada produção possui importância dentro de determinado contexto e, para isso, é necessário reconhecer como este se estruturou.

Sartre, em livro intitulado *Que é a Literatura?* (SARTRE, 2004), trata das influências contextuais que tornam a escrita literária objeto impregnado de influências sociais diversas. A escrita, nesse sentido, condensa e revela essas influências, trazendo-as em seu âmago de forma indissolúvel. Ainda que a expressão destas se dê de formas diversas – de forma mais explícita ou permeada de jogos enunciativos –, lá estão presentes, e influenciam a escrita e a recepção, num processo dialógico. Por isso, afirma

que “a prosa é utilitária por excelência; eu definiria de bom grado o prosador como um homem que *se serve* das palavras” (SARTRE, 2004, p. 18).

A prosa é utilitária no sentido de que serve como meio para se explorar concepções, servindo-se das palavras para tanto. A palavra, através da prosa, é o meio pelo qual as concepções do autor tomam forma, podem ser conhecidas e aplicadas através da (re)criação. Amado reconhece esse processo em sua escrita, afirmando que “o livro delimita a experiência adquirida até então” (AMADO, 1992, p. 247), com a consciência de que sua obra traz as diferentes influências que este adquiriu em diferentes contextos e momentos, tendo em vista que afirma que a influência temporalmente localizada “corresponde à personalidade do autor quando elaborou e escreveu” (AMADO, 1992, p. 247).

Há, pois, uma interdependência na obra amadiana entre influências vividas pelo autor, contexto de escrita e intenção de produção. Ainda que a intencionalidade não seja marca obrigatória para o reconhecimento da literariedade, Sartre afirma, como se observou, que aquela está presente no momento da escrita, pois é intrínseca ao exercício da linguagem.

A afirmação de Sartre e a concepção de escrita de Amado encontram-se ligadas, ainda, na medida em que o autor baiano reconhece a importância que as concepções ideológicas exercem na atividade literária. Servindo-se das palavras, o indivíduo expressa através delas suas concepções, com o intuito de causar modificações em seu leitor, tendo este acesso à sua escrita. O exercício da prosa é, então, um exercício de engajamento.

Dentre as diversas acepções do termo, tem-se: “alinhar-se a determinada ordem de ideias ou de ação coletiva; pôr-se a serviço de uma causa” (MICHAELIS, 2016) ou, ainda, “abraçar um ideal filosófico, social, político etc. e lutar por ele” (MICHAELIS, 2016). A partir da contextualização desses significados, à luz das afirmações de Sartre e das considerações de Amado, a prosa, o texto literário, servindo-se das palavras, que são, em sua essência, ideológicas, engaja-se no mundo e interpela o leitor ao mesmo.

A tomada de posição é, pois, intrínseca ao exercício literário. Amado, em sua trajetória, demonstra uma progressiva mudança em sua escrita, com posicionamentos que apresentam essas mudanças em consonância com suas experiências.

O autor baiano engajou-se, ainda jovem, na ideologia socialista, levando-o a, pouco depois, tornar-se filiado do Partido Comunista. Essa influência reverbera em sua obra, assim como o período em que viveu, uma vez que o autor estava inserido no século XX, o qual contempla conflitos que mudaram os rumos e a estruturação do mundo. A partir de suas experiências políticas, o engajamento do autor toma feições diversas com o passar do tempo. Deixa de ser politicamente condicionado pela ideologia socialista e torna-se cada vez mais crítico.

Nesse sentido, a compreensão do século XX e do posicionamento de Jorge Amado perante a complexidade desse século é, também, compreender como sua obra engaja-se tendo em vista o modo como este estrutura sua visão de mundo a partir de suas experiências, reverberando em sua escrita. É, pois, o engajamento social, político e ideológico que se torna engajamento literário.

1.1 O século XX: o mundo se divide

Quando ocorreu a Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, o autor tinha entre dois e seis anos. Ainda menino, teve suas primeiras impressões do mundo durante uma guerra, decorrente da corrida neocolonialista. O século XX iniciou-se em um contexto no qual o mundo encontrava-se em um acirrado processo de reestruturação, em que os países economicamente desenvolvidos, especialmente os europeus, tinham como principal objetivo a manutenção das conquistas sobre suas antigas colônias, pois a expansão capitalista, com a necessidade de novos mercados e fornecedores, impulsionou a corrida imperialista que culminou nessa guerra. Nota-se, então, que o mundo começa a dividir-se cada vez mais, e o posicionamento político passa a ser ditado pelas condições econômicas, influenciando a sociedade em todos os âmbitos. A situação econômica deixa de ser algo abstrato e passa a ser visivelmente uma questão a ser refletida e questionada, uma vez que influi cada vez mais na vida dos indivíduos e na convivência social, ditando posicionamentos.

Jorge Amado nasceu e viveu seus primeiros anos em uma época conturbada, no início de um século que presenciou um conflito que teve como consequência os demais,

dos anos seguintes, que o autor vivenciou à flor da pele, doando sua juventude e sua vida para compreender a complexidade dessas relações.

O mundo encontrava-se numa situação de extrema tensão. Como resposta ao capitalismo, que se fortalecia, vislumbra-se uma teoria que advém do estudo e da análise desse sistema econômico, todavia refutado: o socialismo. Um de seus principais teóricos é o filósofo Karl Marx¹. O socialismo seria um novo sistema que substituiria o capitalismo.

A crítica socialista surge num contexto em que o sistema econômico mundial deixa de ser baseado na economia agrícola e passa a ter como foco o refinamento e a expansão industrial. A manufatura passa a ser a principal atividade econômica e a principal preocupação do Estado – ressalta-se que esse processo se dá primeiramente no contexto europeu. Os trabalhadores passam a ser cada vez mais explorados, sendo o lucro a principal preocupação da então nova classe detentora de poder, a burguesia. Assim, o sistema político vigente nos principais países europeus, a monarquia, fica abalado, uma vez que o poder político e o poder econômico estão cada vez mais descentralizados. A estratificação social fica evidente: a falta de estruturação econômica gera condições de vida díspares; as condições de trabalho da grande massa de operários era precária, enquanto seus patrões, uma minoria, desfrutavam dos lucros. A indústria se desenvolve sem políticas estruturadas para os trabalhadores.

Diante desse quadro, os operários começam a se organizar para reivindicar melhores condições de trabalho e, por consequência, de vida. Porém, a situação toma contornos cada vez mais complexos. Observando as deficiências do sistema capitalista, Marx estrutura a teoria socialista que, em sua realização plena, culminaria no comunismo, consistindo em uma sociedade sem classes – abolindo a classe denominada burguesia – e apátrida – o mundo todo estaria sob o jugo da mesma ideologia –, baseada na livre associação de produtores.

Surge, sob esse prisma, o significado mais recorrente do vocábulo “alienação”: refere-se à transferência de valor de coisas materiais – preceito capitalista – para as relações sociais, em suas diversas instâncias. Assim, segundo Marx, as relações sociais são pautadas em um sistema de troca, em que o posicionamento interpessoal advém daquilo que o outro possa oferecer, atendendo ou não aos interesses individuais. Além

¹ Dentre suas obras acerca do assunto, destacam-se: *O manifesto comunista*, publicado pela primeira vez em 1848, e *O capital*, publicado inicialmente em 1867.

disso, um indivíduo alienado é aquele que não possui criticidade, vive em conformidade com o sistema em que se insere sem questioná-lo. É a coisificação do homem em sua capacidade crítica e moral.

O mundo começa a se polarizar. De um lado, a burguesia capitalista, de outro, a classe operária, cada vez mais organizada e condicionada ideologicamente – o socialismo alastra-se entre os trabalhadores, como esperança de dias melhores. Os trabalhadores apegam-se às promessas de melhora de vida da ideologia socialista e os países europeus começam a passar por conflitos internos. Dentre eles, destaca-se a hoje chamada Rússia e o processo de implantação do socialismo no país, conhecido como Revolução Russa, ocorrida em 1917.

A Rússia tinha como sistema político uma monarquia, o regime czarista, com o poder centralizado na figura do czar. No início do século XX, a Rússia passou pelo processo político e econômico em que o sistema agrícola, já baseado em um sistema de exploração, desenvolve-se para um sistema industrial, também de caráter exploratório. A economia, cada vez mais, desvincula-se do regime político vigente. Devido às pressões populares, o Czar Nicolau II lançou uma monarquia parlamentar consultiva, porém, a população não se satisfaz.

Frustrados, os operários do país começaram a se organizar nos chamados sovietes, conselhos de trabalhadores que refletiam as pressões populares, que cada vez mais ansiavam por participação política. Em 1903, os chamados social-democratas, marxistas do país, organizaram-se em duas facções: mencheviques, que eram minoria, liderados por Martov e Plekhanov pregavam uma revolução burguesa contra o czarismo para, posteriormente, implantar o socialismo; e os bolcheviques, maioria, liderados por Lênin, que tinham por objetivo a união organizada dos camponeses e dos operários, apoiando os sovietes, como forma de tornar viável a implantação do socialismo na Rússia. O início da Primeira Guerra, em 1914, aprofundou a crise do czarismo.

Em março de 1917, o czar Nicolau II foi derrubado após grande mobilização popular, e o poder fora entregue a Alexander Kerenski, líder dos mencheviques. Porém, o novo líder decepcionou a população, uma vez que pretendia a manutenção da Rússia na guerra, ainda que esta tivesse sofrido grandes perdas, especialmente para a Alemanha. Nesse contexto, os líderes bolcheviques aproveitaram-se da fragilidade do novo governo e passaram a criticá-lo. Lênin, então, divulgou as chamadas Teses de

Abril, resumidas no slogan “paz, terra e pão”, propondo o fim imediato da guerra, a distribuição da terra e o controle do abastecimento de gêneros alimentícios. Simultaneamente, os soviets se organizavam e outro líder bolchevique, Trótski, organizava uma milícia revolucionária, que tomaria a frente da revolução bolchevique ao poder.

Em novembro do mesmo ano, os bolcheviques tomaram o poder, afastando a influência menchevique e burguesa. Criou-se o Conselho de Comissários do Povo, liderado por Lênin, secundado por Trótski e Stálin. Paradoxalmente, devido às perdas ocorridas durante a guerra, Lênin baseou a economia do país no estímulo à propriedade privada e aos lucros individuais. Seria uma forma de reestruturar economicamente o país para, posteriormente, implantar o socialismo.

Em 1923 foi proclamada a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS. A morte de Lênin, em 1924, desencadeou uma violenta disputa sucessória. De um lado Trótski, líder do Exército Vermelho; do outro, Stálin, secretário-geral do Partido Comunista. Era uma disputa, também, de ideias, pois Trótski defendia a internacionalização da revolução, ao passo que Stálin defendia, em primeiro lugar, o fortalecimento interno do país.

Stálin foi o vencedor, gerando um intenso conflito com Trótski, sendo que este chegou a ser perseguido e expulso da União Soviética, passando a denunciar o novo regime. Stálin passou a centralizar cada vez mais o poder, reforçando o poder do Partido Comunista. Perseguiu implacavelmente seus adversários, ordenando, por exemplo, o assassinato de Trótski, em 1940, exilado no México. Especialmente entre 1936 e 1938, Stálin julgou e condenou todos os seus inimigos políticos reais ou potenciais, realizando um expurgo na liderança soviética e se fortalecendo ainda mais no poder, florescendo e fortalecendo, assim, a ditadura comunista.

A ascensão do nazismo na Europa, no final da década de 30, representou grande ameaça ao Estado Soviético, pois era ferozmente anticomunista. Os dois sistemas, logo, se confrontariam na Segunda Guerra Mundial.

Devastada pela Primeira Guerra, com uma grande dívida externa imposta pelo Tratado de Versalhes e com uma crise econômica devastadora, a Alemanha encontrava-se em grande crise política. O regime imperial fora substituído pela República de Weimar (1918-1933), nascida em uma frustrada revolução socialista. Em 1919, diante

desse quadro, foi fundado o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, logo chamado de Partido Nazista. Suas principais características eram o autoritarismo, o anticomunismo, o militarismo, o nacionalismo e o idealismo. Sua raiz socialista intensificou o conceito de nacionalismo, tendo como objetivo alastrar pelo mundo o nazismo, tornando-o única ideologia válida. Viu-se, então, ameaçado pelo socialismo soviético que, paradoxalmente, almejava o mesmo.

Os danos da Segunda Guerra foram exorbitantes, deixando Europa, Japão e União Soviética devastadas, com grandes perdas humanas durante a guerra, além do extermínio de judeus nos campos de concentração nazistas. Aos Estados Unidos ficou relegada a posição de potência econômica, com grande produção industrial e credor dos demais países.

Em 1945 ocorreu a Conferência de Yalta, resultando na divisão da Europa em duas áreas de influência: uma socialista, dominada pela União Soviética, e outra capitalista, dominada pelos Estados Unidos. Discutiu-se, ainda, a criação da Organização das Nações Unidas – ONU, efetivada em reunião em San Francisco (EUA).

A chamada Conferência de Postdam, realizada alguns meses depois do final da guerra, em um subúrbio de Berlim, contou com as presenças de Stálin, Truman (sucessor de Roosevelt) e C. Attlee (sucessor de Churchill), os quais definiram os seguintes pontos: desnazificação da Alemanha; divisão do território alemão em quatro áreas de ocupação: inglesa, francesa, norte-americana e russa; divisão da cidade de Berlim, localizada dentro da zona alemã soviética, também, em quatro áreas de ocupação.

Os conflitos entre as áreas de influência capitalista, liderada pelos Estados Unidos, e socialista, chefiada pela União Soviética, logo se intensificaram, culminando na Guerra Fria.

A União Soviética, tendo em vista o forte armamento dos Estados Unidos, passou a investir cada vez mais no setor, especialmente no nuclear. Apesar dos dois países nunca terem chegado ao conflito bélico direto, a iminência de um conflito catastrófico entre ambos deixava o clima mundial cada vez mais hostil.

Em 1947, a Guerra Fria foi oficializada, através de uma declaração do então presidente dos Estados Unidos, Truman, afirmando que o país se defenderia de qualquer nação que desejasse resistir a suas tentativas de dominação.

Diante da divisão alemã, Berlim Ocidental passou a ser uma “ilha” capitalista em meio a um país socialista. Em 1961, foi construído o Muro de Berlim, separando fisicamente a cidade e se tornando o principal símbolo da Guerra Fria.

Em 1981, Ronald Regan assumiu a presidência dos Estados Unidos, investindo maciçamente no setor armamentista, iniciando o programa Guerra nas Estrelas. Em contrapartida, a União Soviética fez o mesmo, o que fragilizou demasiadamente sua economia, deixando grande parte da população insatisfeita.

Em 1985, Mikhail Gorbachev assumiu o poder na União Soviética, tomando diversas medidas, impulsionando a industrialização e o consumo, e realizando uma reforma político-econômica que culminou no fim do monopólio político do Partido Comunista, com a convocação de eleições diretas em 1991. Gorbachev buscou, ainda, aproximação com os Estados Unidos. A partir de 1989, os países do leste europeu começaram a passar pelo seu próprio processo de reformas, tendo como consequência o fim do socialismo nas então repúblicas soviéticas. O principal símbolo da divisão mundial foi destruído em novembro do mesmo ano, em que o Muro de Berlim, a cortina de ferro, veio abaixo.

Nesse contexto, a República Russa, então governada por Boris Yeltsin e a mais importante das quinze repúblicas que formavam o conjunto da União Soviética, tinha como objetivo implantar o capitalismo no país. Uma após outra, as repúblicas soviéticas começaram a proclamar suas autonomias, culminando na independência da Rússia. Gorbachev renunciou ao cargo da União Soviética em 1991, que, na realidade, já não existia, encerrando definitivamente a Guerra Fria.

Por outro lado, os trabalhadores, também no Brasil, organizavam-se em busca de melhores condições de trabalho. O país, durante a Primeira Guerra, declarou-se opositor da Alemanha.

O Brasil sofreu sucessivas revoltas no período, destacando-se a revolta militar conhecida como Tenentismo. Inicialmente, o movimento teve como principais reivindicações a desorganização e o abandono em que se encontrava o exército. Um dos principais nomes envolvidos foi o do capitão Luís Carlos Prestes. Este, posteriormente,

uniu-se ao movimento comunista e ficou conhecido como herói do Partido Comunista no país, envolto numa atmosfera lendária, que o caracterizava como um homem incansável em busca dos direitos do povo. Jorge Amado, ainda engajado nos âmbitos socialista/comunista, escreveu uma biografia deste romantizando sua história, intitulada *O Cavaleiro da Esperança*, publicada pela primeira vez em 1942.

Os anos entre 1964 e 1985 são conhecidos, no país, como o período da República dos Generais. O país investiu maciçamente em industrialização, e passou a se envolver cada vez mais na economia mundial, porém, com uma modernização subdesenvolvida. Durante a Segunda Guerra, o país aliou-se aos Estados Unidos contra o nazismo alemão. Durante a Guerra Fria, o país posicionou-se firmemente contra a influência socialista/comunista, culminando na ditadura que marcou o período.

O Brasil, durante o período democrático, anterior a 1964, vislumbrou a tentativa de grupos e partidos que partilhavam da ideologia socialista investirem força e energia para impô-la, também, no país. A América Latina sofreu grande efervescência desses grupos, muitos alcançando seu objetivo, como em Cuba e Manágua. O primeiro, inclusive, vive sob o jugo de uma ditadura socialista até os dias atuais.

O Estado brasileiro, observando a situação mundial e as consequências do radicalismo com que essa ideologia se manifestava – como ocorrera na Alemanha e na URSS –, ficara atento às práticas desses grupos, que se fortaleciam cada vez mais. Nesse contexto, a República dos Generais tornou-se paradoxal: por um lado, fortaleceu a soberania do Estado contra ataques de grupos socialistas, por outro, suprimiu o direito de expressão de muitos cidadãos.

A população, insatisfeita com a pouca influência na política brasileira, iniciou movimentos, sendo um dos principais conhecido como “Diretas já”, ocorrido entre 1983 e 1984, com a população indo às ruas clamando por eleições populares. O país saiu do período ditatorial em 1985 e, em 1988, após a promulgação da Constituição, o Brasil passou a ter eleições diretas.

Diante da situação mundial, o Brasil esforçava-se para inserir-se na dinâmica da economia capitalista. No âmbito político, o país passou por períodos conturbados, também sendo influenciado pela polarização capitalista x socialista. Posicionou-se contra este segmento, sendo que o Partido Comunista Brasileiro, fundado em 1922, só teve sua legalidade reconhecida em 1945. Depois, passou por momentos de repressão

durante o período ditatorial, sendo restabelecida sua legalidade em 1987, após o fim deste período.

1. 2 A queda do Muro de Berlim, o decesso de um ideal

Jorge Amado vivenciou ativamente todo o processo político e econômico pelo qual o mundo estava passando e, ainda que vivesse no Brasil, logo notou que os acontecimentos que partiam da Europa se alastravam e influenciavam o mundo. O autor passou os primeiros anos de sua vida em Ilhéus e fez os estudos secundários na capital da Bahia, Salvador. Depois, mudou-se para o Rio de Janeiro e lá se iniciou, efetivamente, no engajamento político. Formou-se em Direito em 1935, pela Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro, realizando um sonho de seu pai. Nesse período, teve seus primeiros contatos com o movimento comunista organizado. Em 1931, com 18 anos, o autor já havia publicado seu primeiro romance, intitulado *O país do carnaval*.

Tornando-se militante do Partido Comunista, foi obrigado a exilar-se na Argentina e no Uruguai entre 1941 e 1942. Em 1945, foi eleito membro da Assembleia Nacional Constituinte, na legenda do Partido Comunista.

Em 1947, todavia, o Partido Comunista é declarado ilegal e seus membros são perseguidos e presos. Jorge Amado teve de se exilar com a família na França, onde permaneceu até 1950, quando foi expulso. Entre 1950 e 1952, vivem em Praga.

De volta ao Brasil em 1955, Amado afastou-se da militância política comunista em 1956. Dedicou-se, a partir de então, inteiramente à Literatura, sendo um dos poucos escritores brasileiros a conseguir viver da renda de sua produção. O ano de 1958, em que foi publicado *Gabriela, cravo e canela*, representa um momento de mudança em sua produção literária. Em 1959, publica *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, na revista carioca *Senhor*, considerada uma de suas obras com maior amadurecimento literário.

O engajamento político de Amado influenciou diretamente sua produção literária. Sua participação no Partido Comunista não só aponta seu posicionamento político, mas a principal influência que permeia sua obra, como declarado por ele próprio. Tanto no

período de engajamento comunista, quanto no período posterior, sua trajetória política influenciou sua escrita. Sua participação política teve fases distintas, assim como sua produção literária, sendo impossível dissociá-las. Todavia, esses momentos diferentes de sua escrita revelam uma progressão, e não uma cisão.

Assim, o autor declara, em *Navegação de Cabotagem*:

Tinha eu seis anos de idade ao término da Primeira Grande Guerra, a de 1914/1918, quando do impacto da Revolução de Outubro, do estabelecimento do Congresso dos Sovietes em nome dos trabalhadores, chego aos oitenta anos quando o mundo nascido de duas guerras mundiais e da revolução socialista se esbaroa e nas ruas se discute e se planeja uma nova carta geográfica e política, quando o impossível acontece, ruem muros, nações, impérios. Fragmentos do Muro de Berlim são vendidos como brinde por espertos negociantes norte-americanos.

Teorias, ideologias – teorias ditas científicas, ideologias consideradas de pureza incontestável – que seduziram intelectuais, mobilizaram multidões, massas populares, comandaram lutas, revoltas, guerras em nome da felicidade do homem, dividiram o mundo em dois, um bom, um ruim, se revelam falsas, pérfidas, limitadoras: conduziram à opressão e não à liberdade e à fartura (AMADO, 1992, p. I-II).

Nesse trecho, nota-se o encantamento e o posterior desencantamento de Amado com a situação político-econômica mundial. Inicialmente, vê-se envolvido pelo Partido Comunista como resposta válida e eficaz aos problemas do mundo, especialmente aqueles que surgiram após a Primeira Guerra. Há um encantamento, repleto de esperança, de que esta seria a solução para os problemas que assolavam a população mundial. Todavia, ainda neste trecho, fica evidente a decepção do autor com todas as ideologias com as quais teve contato durante seu período de engajamento político. Esta divisão ideológica conduziu o mundo à “opressão, e não à liberdade e à fartura” (AMADO, 1992, p. I-II), ou seja, em prática, nenhuma das ideologias mostrou-se eficaz, e, ainda, pioraram a situação mundial, gerando ainda mais segregação.

Durante os conflitos do século XX, o embate entre capitalismo e socialismo tornou a situação mundial tão complexa que, analisando a conjuntura em que se desenvolveram, torna-se pertinente considerar que “os trabalhadores não se uniram para lutar contra os proletariados, mas para lutar contra outros trabalhadores” (AZEVEDO JÚNIOR, 2016). Jorge Amado foi percebendo, paulatinamente, o quanto a teoria socialista tornou-se, paradoxalmente, alienadora. Assim, reverberam questões como esta nas reflexões posteriores do escritor:

Depois da I Guerra Mundial, o marxismo estava em plena crise teórica: como foi possível a união dos trabalhadores para matar outros trabalhadores, buscando defender os interesses de seus patrões? Quem os alienou? (AZEVEDO JÚNIOR, 2016).

O extremismo das ideologias que se alastraram durante o século XX levou a considerações como esta e, então, foi possível constatar que “em nome da liberdade, cria-se a ditadura. Em nome dos Direitos Humanos, cerceiam-se os direitos do homem” (AZEVEDO JÚNIOR, 2016).

O engajamento político de Amado passou por fases que culminaram em um amadurecimento sobre o desenvolvimento das ideologias difundidas durante o século XX e sobre seu próprio engajamento. No trecho anterior, de *Navegação de Cabotagem*, as poucas linhas revelam em seu âmago um profundo desencantamento com a maneira pela qual os acontecimentos do século XX se desenvolveram e, especialmente, as consequências das guerras ideológicas e militares, ocorridas por todo o mundo.

Sua autobiografia revela informações importantes sobre sua vida e seu engajamento, ou seja, seu envolvimento político e as proporções que este toma em sua vida e obra. Entretanto, o autor faz uma ressalva:

(Moscou, 1952 – os desmemoriados)

Tantos anos depois de ter deixado de ser militante do Partido Comunista, ainda hoje quando a ideologia marxista-leninista que determinava a atividade do Partido se esvazia e fenece, quando o universo do socialismo real chega a seu triste fim, ainda hoje não me sinto desligado do compromisso assumido de não revelar informações a que tive acesso por ser militante comunista. Mesmo que a inconfidência não mais possua qualquer importância e não traga consequência alguma, mesmo assim não me sinto no direito de alardear o que me foi revelado em confiança. Se por vezes as recordo, sobre tais lembranças não fiz anotações, morrem comigo (AMADO, 1992, p. 2).

Portanto, ainda que haja diversas menções a sua participação política, há muitos fatos que Amado prefere manter em sigilo. Nessa passagem observa-se o que o autor define como “socialismo real”, contrapondo-se, desse modo, ao socialismo teórico. Nessa perspectiva, o socialismo real mostrou-se fracassado, impossibilitado de exercer seu ideal, o que o levou a concluir que a teoria não levou a uma prática fecunda, e o autor observa a situação a que o mundo chegou com um sentimento de

desencantamento, desencadeado pelo fracasso político que observou, de maneira próxima, em sua participação no Partido Comunista.

Durante os relatos em sua autobiografia, a localização espacial feita pelo autor revela suas idas e vindas à então União Soviética. Sua participação política servia de ponte entre o Brasil e as repúblicas soviéticas.

Seu desencantamento com o posicionamento político que então julgava ideal, se inicia quando começa a descobrir o que intitula de socialismo real, que não se importa com os meios para chegar ao poder, chegando a um radicalismo extremo. O autor chega a comparar o governo de Stálin ao nazismo, como nota-se no seguinte trecho:

(Budapeste, 1951 – honra e orgulho)

Arrasado escuto da boca dos presentes no atropelo da língua húngara, na tradução implacável, histórias de arrepiar, detalhes que me atingem no coração, me destroçam, sinto-me desonrado, conspurcado meu orgulho comunista: *torturam, sim, e como!* Os policiais que servem e defendem o regime são os mesmos do tempo da ocupação nazista, a profissão de guardião da ordem está acima e além das ideologias.

Com febre e frio atravesso a primeira noite de dúvida, o coração traspassado, o estômago embrulhado, ânsia de vômito: a polícia comunista me espanca e pisoteia, obriga-me a confessar o que não fiz. Assim começou minha travessia do deserto (AMADO, 1992, p. 30-31, grifo do autor).

O socialismo real começa a se descortinar perante seus olhos, literalmente. Amado descobre a tortura e a repressão comunista. Em seus pensamentos, durante a ocupação nazista era necessário manter uma postura igual a dos soldados de Hitler, todavia, o autor vislumbra que o comportamento se estende, sendo prática comum da União Soviética. A manutenção do poder está “acima e além das ideologias” (AMADO, 1992, p. 30), ele nota que está, principalmente, acima da dignidade humana. Para ele, os fins não justificam os meios e, portanto, inicia-se sua “travessia no deserto”, o contraponto entre o ideal e o real da política socialista/comunista, culminando em seu desencantamento ideológico. Ele segue o relato do que presenciou no governo de Stálin:

(Praga, 1951/1952 – o medo)

Posso tocar o medo com a mão. Erguido em nossa frente o muro da devassa na visita do Santo Ofício comunista. Separa vida e morte, a morte infame dos traidores, ninguém está a salvo das ameaças, nem o mais ilustre nem o mais poderoso: bocas trancadas, olhares fugidios, a dúvida, a desconfiança, o medo.

Nas forcas stalinistas balouçam os cadáveres dos mais poderosos dos principados tcheco e eslovaco, ainda ontem senhores da corda e do barão,

Slanky, Clementins, Gaminder, a cúpula do Partido. Antes já tinham executado Rajk na Hungria, a onda de processos e purgas se alastra no mundo socialista, as confissões e as sentenças. Em Praga Arthur London escapou da morte, pegou prisão perpétua: também ele confessara crimes monstruosos. Certamente os renegados o enganaram, pois é-nos impossível, a Zélia e a mim, acreditar que Gerard, herói da Espanha e da Resistência, o mais leal dos comunistas, seja um traidor (AMADO, 1992, p. 241).

Amado vislumbra as ações implacáveis de Stálin contra aqueles que se opunham, de alguma forma, ao regime comunista. A tensão e o medo tornam-se sentimentos comuns para todos os envolvidos no Partido Comunista. A repressão, a tortura, a morte, tornam-se práticas comuns e corriqueiras. O autor descreve a situação fazendo uma comparação com a forma do Santo Ofício que permeia o imaginário popular.

No episódio de condenação do ativista Arthur London (Gerard), chega-lhes a informação de que este confessou crimes monstruosos, apesar de sua conduta, para o casal, representar um posicionamento completamente contrário. Paira a dúvida sobre sua culpabilidade, uma vez que o sistema tornava-se cada vez mais repressor. O clima de desconfiança é quase palpável. Amado e sua esposa, Zélia, já não sabiam em que e em quem acreditar e confiar:

(Praga, 1951/1952 – o medo)

Dias de medo, malditos, desgraçados, prolongam-se em semanas e meses infelizes. As dúvidas crescem, não devemos duvidar, não queremos duvidar, queremos continuar com a crença intacta, a certeza, o ideal. Nas noites insones, nos contemplamos, Zélia e eu, um nó na garganta, vontade de chorar (AMADO, 1992, p. 244).

O casal vê ruir, gradualmente, a certeza ideológica que possuía. Na realidade, na prática, a teoria mostra-se falha e deficiente. O desencantamento político-ideológico vai-se concretizando também, substancialmente, através da experiência. O autor chega a definir a situação política socialista/comunista como um pesadelo:

(Rio de Janeiro, 1952 – o mundo da paz)

Tarefa política, de volta da União Soviética e dos países de democracia popular do leste europeu, escrevo livro de viagens, o elogio sem vacilações de tudo que vi, tudo ou quase tudo parece-me positivo, stalinista incondicional silencieei o lado negativo como convinha. Para falar da Albânia plagiei título de Hemingway: *A Albânia é uma festa*. Em verdade ainda não era o pesadelo em que se transformou, estava só começando (AMADO, 1992, p. 233).

O autor conscientiza-se, pouco a pouco, de que o socialismo/comunismo, especialmente na União Soviética, estabelece-se como uma dura ditadura, um “pesadelo”, que não mede esforços para perpetuar-se no poder e difundir no mundo sua ideologia, sendo extremamente reativo a todos que se opõem a suas ideias.

O stalinismo parte da União Soviética e almeja expandir-se pelo mundo, por isso os conflitos tornaram-se tão acirrados, culminando na Guerra Fria. Com uma legenda que diz defender os interesses do proletariado, do povo, o comunismo praticado expressa exatamente o contrário, oprimindo veementemente toda a população. Amado, observando esse quadro, conclui:

(Rio de Janeiro, 1957 – acervo)

Fui stalinista de conduta irreprochável, subchefe da seita, se não bispo ao menos monsenhor, descobri o erro, custou trabalho e sofrimento, deixei a missa em meio, saí de mansinho (AMADO, 1992, p. 588).

O autor defende a liberdade de pensamento e de expressão, almeja a igualdade crítica social. Percebe, então, que o socialismo/comunismo exerce exatamente o contrário: impõe para os indivíduos um pensamento único, tira-lhes o livre arbítrio e pune aqueles que são contra seus ideais. Por isso, o autor descreve seu engajamento no partido como um “erro”, que “custou trabalho e sofrimento”, uma vez que se desiludiu com a prática de uma política que imaginou ser o contrário do demonstrado.

Em 1946, logo após a legalização do Partido Comunista no Brasil, Jorge Amado encontrava-se no auge de seu engajamento político dentro do partido. Publicou nesse ano, então, o livro *Homens e coisas do Partido Comunista* (AMADO, 1946). No livro, o autor romantiza ao máximo a história do partido e de seus filiados. Conta a história de diversos militantes, numa narrativa que os exalta e coloca-os como heróis que sofrem pelo povo. No seguinte trecho, nota-se como o autor relata a legalização do Partido no Brasil:

No dia 11 de junho de 1945, na rua da Glória, em São Paulo. Quando pela primeira vez no Brasil a tabuleta do Partido Comunista debruçou-se numa sacada, legalmente aos olhos da gente espantada e comovida (AMADO, 1946, p. 9).

Naquele período, o país presenciava o fim do Estado Novo, vivenciando então a democracia. O partido podia, então, estabelecer-se na legalidade. Entretanto, Amado ainda não tinha vivenciado as limitações e imposições da ditadura comunista. Observa-se, portanto, o contraponto entre sua visão inicial e seu posicionamento crítico posterior em relação à política, expressos em sua escrita. Sua esperança na ideologia socialista era visível:

Onde iríamos nós caber, por acaso, senão dentro deste partido que é o do povo? Só nas suas fileiras poderemos fortalecer, ao contato com o proletariado e o povo, a nossa capacidade de criação artística e científica (AMADO, 1946, p. 11).

Nesse fragmento ressalta-se a relação que autor estabelece entre a criação artística e a política. Ambas, para ele, são indissociáveis e, em sua visão inicial, o Partido Comunista seria o ambiente ideal para um desenvolvimento democrático da arte, uma vez que envolveria o povo em sua totalidade. Concluiria, posteriormente, exatamente o contrário.

Contrapondo-se a sua visão após a saída do Partido, expressa especialmente em sua autobiografia, o trecho a seguir, também do livro *Homens e coisas do Partido Comunista* (AMADO, 1946), revela a esperança que a URSS emanava a seus militantes: “Stálin, o grande, criava de armas na mão, sua espada refulgia com um brilho de nascimento de estrelas, era a concepção de um mundo” (AMADO, 1946, p. 21). O escritor romantiza a figura de Stálin, exalta-o à categoria de herói, salvador do povo. Porém, a caracterização de sua figura transforma-se completamente com o passar dos anos, quando Amado tem contato cada vez mais profundo com o partido, conhecendo e vivenciando suas práticas reais. Stálin era, realmente, “a concepção de um mundo”, mas não do mundo fantasiado por Amado e pelos militantes do partido, e sim da ditadura implacável que se abateu sobre a União Soviética e que o autor relata em sua autobiografia.

Muitos viam os líderes socialistas como os salvadores do povo, conforme demonstra o seguinte trecho, em que Amado relata a relação de uma humilde senhora com o então partido legalizado no Brasil:

E [ela] desenvolveu sua teoria. Existia uma raça de homens que eram os “mestres”, homens tristes mas que amavam ver e criar alegrias para os demais. Esses eram os criadores de vida, os capazes de renovar o mundo, de mudar sua face. Assim tinha sido Lênin e assim era Stálin (AMADO, 1946, p. 28).

Continua os relatos acerca do partido:

Os homens que construíram em São Paulo o grande Partido de hoje tiveram audácia e fé, coragem e decisão, *souberam estudar e trabalhar, aplicar a teoria à prática* e aprender os ensinamentos do trabalho, *souberam ser humanos e firmes*. A isso eu chamo de *heroísmo* (AMADO, 1946, p. 23, grifos nossos).

Nesse fragmento observam-se diversos pontos que, em contraponto à autobiografia, demonstram o amadurecimento político do escritor, tornando-se crítico em relação a ideologias fechadas e monológicas. Este admite que considera, inicialmente, os militantes do Partido como heróis. Porém, como se observou em sua autobiografia, a teoria não os levou à prática esperada. Stálin, a título de exemplificação, não foi um partidário “humano e firme” (AMADO, 1946, p. 23), muito ao contrário. Em *Navegação de cabotagem*, Amado revela:

(São Paulo, 1981 – esperança vã)

Conheci e tratei com muitos desses indivíduos, em escalões diversos do poder – por vezes o pequeno poder de uma célula do Partido –, alguns não eram má pessoas, mas estavam todos deformados. De repente perdiam a fisionomia humana, *bonecos repletos de ideologia de segunda mão*, de marxismo, leninismo, de maoísmo, aprendida de oitiva, pois não são muito de ler – no particular não lhes nego certa razão, pois Marx reinventado em soviético é dose para elefante, fica tão estulto quanto chato (AMADO, 1992, p. 32, grifo nosso).

Contrapondo-se os trechos, evidencia-se a disparidade entre a visão política inicial do autor, e a visão que adquire a partir de suas experiências políticas. De “souberam estudar e trabalhar” (AMADO, 1946, p. 23), Amado critica seus ex-companheiros de partido: “bonecos repletos de ideologia de segunda mão” (AMADO, 1992, p. 32). “Perdiam a fisionomia humana” (AMADO, 1992, p. 32), tornavam-se não mais alienados pelo trabalho, conforme a crítica marxista, todavia alienados por uma ideologia que se diz completa, não estimulando a criticidade, tornando a visão de seus

adeptos cada vez mais estreita, configurando-se como uma ditadura, que na URSS fora efetivada.

Acerca das imposições stalinistas, continua seus relatos pessoais:

(Viena, 1952 – os maus alunos)

Na clandestinidade do Partido Comunista Brasileiro nos idos de 1953, fomos colegas no Curso Stalin. De olhos vendados, várias horas de percurso, chegávamos ao local do curso clandestino, qualquer parte na zona rural, durava mês de lições ditadas pelos dirigentes. Mas já estávamos os dois, René e eu, tomados pelas dúvidas e certas proposições dos professores nos deixavam arrepiados. A nós e a Alina Paim, também aluna, também invadida pelo desassossego.

Lembro-me como se houvesse acontecido ontem de uma aula sobre a revolução chinesa, a referência do conferencista a documento do pecê de Mao recomendando que os filhos denunciassem os pais, obrigação de militante vencer os sentimentos burgueses de família, cumprir o dever revolucionário. Não se tratava de invenção maoísta, novidade: na URSS haviam levantado estátua a um menino que assim agira – espionara os pais e os denunciara, levava-os ao patíbulo, herói stalinista. O professor perora contra a moral burguesa.

Sentado junto a mim na primeira fila, René me cutuca, no outro lado da sala o olhar aflito de Alina Paim, desarvorada. Lições que não conseguimos aprender, valores que não conseguimos aceitar, comunistas inconsequentes que já somos, incapazes de vencer as abusões, de abandonar sentimentos soezes de amor aos pais.

- Denunciar os pais... Preferia me matar. – Considera Alina na hora do recreio.

- Quelle connerie! – Cospe René, apaga o cuspe com o pé.

- Dose para elefante – digo eu.

Espavoridos, três maus alunos de marxismo-leninismo no Curso Stalin (AMADO, 1992, p. 408-409).

O relato, de 1952, poucos anos antes de Amado deixar o partido, revela até que ponto o regime comunista era capaz de levar seus militantes: qualquer pessoa que se colocasse contra o regime deveria ser denunciada, independentemente de quem fosse. A manutenção do regime comunista estaria acima de qualquer instituição ou laço. Nota-se, no trecho, o quanto Amado e seus companheiros encontram-se indignados com os ensinamentos do curso. Veem, nesse momento, a real alienação de um sistema que se propõe cada vez mais ditatorial.

A raiz desse ensinamento, especificamente, encontra-se no *Manifesto Comunista*:

Abolição da família! Até os mais radicais ficam indignados ante essa proposta infame dos comunistas.
[...]

Mas, direis, destruímos a mais sublime das relações ao substituir a educação doméstica pela educação social (ENGELS; MARX, 2003, p. 42).

Engels e Marx, em texto publicado inicialmente em 1848, rebatem as críticas que os demais segmentos sociais faziam à teoria socialista. Segundo eles, a família moderna seria uma instituição burguesa, imposta aos proletários e que, por ser a classe subalterna, não conseguiam vivenciá-la assim como a classe dominante. Portanto, no sistema comunista esta deveria deixar de existir, ser abolida, uma vez que a educação social estaria acima de qualquer laço, fosse esse sanguíneo ou afetivo. Nessa medida, Stálin e Mao somente colocavam em prática, portanto, os ensinamentos que estão na raiz da teoria socialista.

Jorge Amado indigna-se cada vez mais com o que vivencia dentro da política comunista e observa, através de sua experiência, que esta não abarcava seus ideais, especialmente no que se refere à busca por liberdade de pensamento e de expressão, sua principal marca. Pode-se comparar, novamente, sua concepção inicial e sua concepção madura acerca da prática comunista:

Uns e outros só com o tempo e o exemplo e a superação de si mesmo compreendem que existe uma condição moral dos comunistas que é cheia de humanidade, que é a valorização das qualidades do homem, que é criadora de alegria e de beleza (AMADO, 1946, p. 33).

O autor encontrava-se cheio de esperança na teoria marxista, via nela a realização do slogan de Lênin, “paz, terra e pão”, em que haveria, finalmente, igualdade social e o fim das disparidades econômicas, gerando iguais condições aos indivíduos, que assim poderiam, em tese, desenvolver-se livremente. Todavia, anos depois, em 1990, já de muito afastado do Partido Comunista, Amado discorre acerca da situação de Cuba, em texto intitulado *Cuba e arredores no pêndulo da história* (BR FCJA, 19--). O país latino-americano, atualmente, é um dos únicos que ainda exerce a política comunista. No texto, o autor discorre acerca dos ganhos e das perdas do país sob o jugo comunista, e assinala:

E tudo vem assim acontecendo, o que era verdade indiscutível dos catecismos ideológicos mais disciplinados revelou-se de uma hora para outra a mentira mais descarada, a intrujice mais sórdida e o herói impoluto não passava do último dos corruptos. *Os amanhãs de felicidade prometidos às*

*populações desesperadas pelos teóricos e líderes desmancharam-se como flocos de neve, enterrado o sonho na lama e no sangue. Onde foram parar les lendemains que chantent?*², o amanhã igualitário, farto e feliz?

Vontade de chorar, de arrancar os cabelos, de gritar: como pode ser assim tão vazio e torpe o que pensávamos tão pleno e belo? Incapacidade de entender: por favor, camarada, me acuda, não sei o que pensar, estou na maior confusão, o que era claro, evidente, o que era límpida verdade deixou simplesmente de ser (BR FCJA, 19--, p. 3A, grifo nosso).

Assim como faz em sua autobiografia, o autor assinala sua própria decepção com a prática comunista, demarcando na escrita sua desilusão com a política que acreditava ser libertadora. O slogan de Lênin não se concretizou e a política exercida por este e por seus sucessores revelou o oposto. Questiona, portanto, como Cuba pode perpetuar um sistema político que se mostrou tão ineficiente anteriormente e, com sua experiência, faz uma análise que reconhece o esforço de Fidel e de seus aliados, todavia considera que qualquer ganho advindo ao país não é mérito de seu sistema político, e sim do esforço dos envolvidos, conforme o seguinte fragmento comprova:

Os acontecimentos obrigaram os barbudos a buscar abrigo e alcançam ao aprisco da ideologia marxista, sobre cujas teorias e leis estava sendo construído o socialismo no leste europeu, na China, na Coréia do Norte, no Vietnã. Quero crer que se deva à ideologia adotada sobretudo os erros, os desacertos, as tolices, as limitações da revolução cubana e se devam os acertos, os êxitos, as vitórias, ao patriotismo, ao humanismo dos rapazes que assumiram o poder ao descer da Serra Maestra (BR FCJA, 19--, p. 8).

E continua:

Quem é responsável pela tese limitadora do partido único, do partido determinando, ditando, mandando, incontestável, irrepreensível, incapaz de cometer o menor erro? Quem é responsável pela política estreita e grosseira da violação dos direitos humanos, as limitações à liberdade, à democracia? Não será por acaso o sistema atrasado e estreito nascido da ideologia marxista leninista? (BR FCJA, 19--, p. 8-9).

Nesse sentido, ressalta-se a coerência de Amado. O autor faz da escrita instrumento de seus ideais, ainda que estes se transformem com o passar do tempo. Como ele assinalou em sua autobiografia, “o livro tem data” (AMADO, 1992, p. 247). A evolução de sua escrita revela seu amadurecimento político, sempre expresso por

² Em tradução do francês para a língua portuguesa, o trecho faz menção a um “futuro brilhante”, à prosperidade.

esta, demonstrando sua busca pela liberdade crítica, sendo contra imposições ideológicas, observando e concluindo que a ditadura do pensamento único impossibilita o desenvolvimento crítico.

Sartre, ainda em *Que é a Literatura?*, faz reflexões contundentes acerca da situação política de países tomados pela política comunista. O filósofo, que pondera sobre a Literatura como instrumento naturalmente engajado, via numa sociedade tomada pelos valores socialistas a possibilidade da arte literária desenvolver-se livremente, como Amado, inicialmente. Porém, também nota que as práticas desenvolvidas levam exatamente ao contrário, uma vez que escamoteiam a verdade e ludibriam aqueles que colocaram as esperanças nessa ideologia:

Imaginemos que um partido revolucionário minta sistematicamente a seus militantes a fim de protegê-los contras as incertezas, as crises de consciência, a propaganda adversa. O fim pretendido é a abolição de um regime de opressão; mas a mentira em si já é opressão. Será possível perpetuar a opressão sob o pretexto de acabar com ela? Será preciso subjugar o homem para melhor libertá-lo? Dirão que o meio é transitório. Não quando contribui para manter uma humanidade *mentida* e *mentirosa*, pois então os homens que tomarão o poder não serão mais aqueles que mereciam tomá-lo; e as razões que se tinham para abolir a opressão acabam minadas pela maneira escolhida de consegui-lo. Assim, a política do partido comunista, que consiste em mentir para suas próprias tropas, em caluniar, em esconder as suas derrotas e falhas, compromete o fim que ele procura atingir. [...] *As massas, enganadas pela propaganda, o seguem* (SARTE, 2004, p. 211, grifo nosso).

A população, inserida nessas práticas torna-se, então, “massas”, um conjunto de cidadãos ludibriados, uma vez que têm acesso a uma visão monológica dos fatos, incapazes de exercerem sua criticidade.

O escritor baiano deixou a militância política depois de vivenciar a opressão do Partido Comunista, tanto no exterior quanto em seu país de origem, vislumbrando as limitações deste. A ideologia socialista não satisfaz os ideais de Jorge Amado.

Ainda que tenha deixado a militância, o engajamento nos moldes do partido, o autor nunca deixou de ser engajado politicamente, de acreditar num mundo mais justo, com melhores condições de desenvolvimento econômico e intelectual. Criou a certeza de que, para isso, é necessária uma vivência democrática, que possibilite a convivência em sua diversidade.

Acerca das eleições presidenciais de 1989, no Brasil, a primeira após a promulgação da Constituição, o autor posiciona-se em relação ao modo como a ideologia socialista se manifesta no discurso dos candidatos:

(Bahia, outubro de 1989 – campanha eleitoral)

Atento, acompanho nos vídeos a trajetória de Lula, candidato do poderoso Partido dos Trabalhadores, cuja fundação durante o regime militar tanto me alvoreçou. Não conheço Lula pessoalmente, dele falam-me bem e acredito. Parece-me homem direito, hoje coisa rara, sua atuação de dirigente sindical nas greves dos metalúrgicos, durante a ditadura, foi exemplar. O alarmante sectarismo de seu discurso eleitoral, ao que tudo indica, não é inerente a sua personalidade, decorre da própria campanha, influência talvez dos ideólogos do PCdoB que a dirigem e orientam. Discurso de um atraso pasmoso, como é possível imaginá-lo diante dos acontecimentos do leste europeu, ao fim de uma época, quando ruem teorias e estados, desmorona o socialismo real, se assiste ao funeral da ditadura do proletariado? Discurso classista, aponta exatamente para a ditadura do proletariado: tão antigo e superado, dá pena (BR FCJA, 1992, p. 10).

Novamente, Amado depara-se com políticos que considera “repletos de ideologia de segunda mão” (AMADO, 1992, p. 32) e sente-se inseguro quanto às propostas que permeiam a primeira eleição presidencial após um longo período ditatorial. Sente-se inseguro, ainda, por compreender que as necessidades do país são outras e que ideologias importadas não são capazes de atendê-las. Além disso, receia pelas consequências caso o povo optasse por um partido nos moldes da teoria socialista – independentemente de qual fosse –, uma vez que experienciou, no passado, como esta se manifestou.

Nas eleições presidenciais de 1994, Jorge Amado posiciona-se novamente contra as tendências socialistas que se manifestavam na campanha. Em reportagem intitulada *Desespero e esperança*, publicada no jornal *A Tarde*, em Salvador, em 16 de outubro de 1994, o escritor dá satisfações aos eleitores, ao mesmo tempo em que os alerta:

Se o clima de confiança nascido do sucesso inicial do Plano [Real] foi a razão decisiva do quadro eleitoral, ele não pesou na posição que assumi, de apoio à candidatura de Fernando Henrique Cardoso. Como se pode comprovar com a leitura da minha “declaração de voto”, o que determinou a posição por mim adotada foi a certeza de que o professor da Universidade de São Paulo e da Sorbonne significava uma garantia de continuidade para a democracia política existente hoje no Brasil – sem democracia política não chegaremos à democracia social, terminaremos mergulhados na ditadura em nome do socialismo (BR FCJA, 1994).

Evidencia-se, pois, a posição política do autor após longa trajetória política: é partidário da democracia, pois vê neste sistema de governo, então, a esperança para uma sociedade mais igualitária. Sua experiência nos quadros do Partido Comunista o leva a refutar veementemente a ideologia socialista e quaisquer outras que se consideram completas e suficientes em si. Jorge Amado efetiva-se, pois, como partidário da convivência harmônica da diversidade, questionando, incessantemente, os condicionamentos ideológicos extremistas. Assim, seu engajamento estendeu-se por toda a sua vida, tomando contornos diferentes, conforme suas experiências ideológicas e políticas, resultando em seu amadurecimento crítico.

Sua trajetória literária, por vez, encontra-se intimamente relacionada à sua trajetória político-ideológica, uma vez que o autor considera a arte como instrumento necessário para tais posicionamentos e inevitavelmente influenciada por estes.

Em meio ao ano de 1979, no Brasil, levando em consideração a situação econômica e política mundial em seus diversos âmbitos, Jorge Amado declara, em tom inconformado:

Estamos fartos de constatar, e fazer que não constatamos, a pobreza e a estreiteza da maior parte das obras de ficção que se pretendem testemunhas do drama político atual, no Brasil e no mundo. Quase sempre, os autores são dominados pelo imediatismo e pelo circunstancial, pela necessidade de não deixar dúvidas no espírito do leitor, pelo desejo de impor certas regras morais, determinados conceitos ideológicos ao tratamento romanesco, um discurso talvez útil em comício, mas evidentemente distante da criação literária propriamente dita. Em tais livros, pululam personagens em branco e preto, os positivos e os negativos, mocinhos perfeitos, vilões monstruosos. Sei que na vida existem os perfeitos – felizmente – e, em muito maior número, os monstruosos – infelizmente. Mas que literatura chata e ineficiente resulta de tais dogmas! (BR FCJA, 1979, p. 11).

O autor questiona, portanto, como a estreita visão ideológica única se transfere para a obra de arte, especialmente literária. Em sua visão, esta deve ser aberta e dialógica, espaço de questionamento e criticidade, o que a torna muito mais rica e fecunda. Assim, de instrumento utilitarista condicionado, nota-se como o autor amadurece sua concepção artística – concomitantemente a sua visão político-ideológica –, pois, considera a literatura como capaz de amalgamar os mais diversos conflitos de forma reflexiva.

Em texto intitulado *Atualidade da literatura brasileira* (BR FCJA, 19--), Amado, atento às necessidades de seu país, reforça a posição de que a literatura nele produzida relaciona-se diretamente às questões que permeiam a história de seu povo:

A literatura brasileira possui uma estrita ligação com a vida do povo, com a realidade do país, com os seus problemas. Desde o seu início e no decorrer dos tempos, nossa literatura, sempre foi aliada do povo brasileiro na luta contra a miséria, a opressão, a tremenda situação de vida da imensa maioria da população (BR FCJA, 19--, p. 3).

Relacionando-se esses excertos, conclui-se que o autor considera a literatura, especialmente a brasileira, como forma de expressão das questões que fazem parte da história do povo, caminhando com este e o acompanhando em suas necessidades, uma vez localizada no tempo e no espaço. É impossível à literatura, em sua concepção, abster-se das questões que permeiam a realidade social de um povo, manifestando-se direta ou indiretamente em sua composição. Além disso, o autor assinala a importância de obras abertas, que não façam da literatura apenas instrumento utilitarista sectário, mas que, em sua essência, despertem a dúvida, a procura e a reflexão.

Portanto, na literatura produzida por Jorge Amado reverbera sua história e sua trajetória política, sendo permeada pela influência dos contextos em que fora desenvolvida, abarcando a complexidade do embate de ideias que se manifestou durante o século XX. Suas obras demonstram essa evolução; esse amadurecimento que se dá no âmbito político-ideológico se manifesta em sua escrita, enriquecendo sua produção e tornando o trato com a palavra cada vez mais refinado.

Seu engajamento político está presente em toda sua caminhada como escritor. Todavia, a partir de sua experiência, este se modifica, passando de militância política ao engajamento pela vida em toda sua complexidade e diversidade, um engajamento crítico que questiona as relações humanas em seus mais diversos âmbitos.

A busca de Amado, em sua trajetória, configura uma busca por liberdade política e ideológica. Nota-se que, quando militante do Partido Comunista, via na ideologia socialista uma possibilidade de desenvolvimento igualitário, tanto nos aspectos políticos quanto intelectuais. Todavia, a experiência do autor baiano mostrou o contrário. A partir disso, seu engajamento político alterou-se, uma vez que sua busca compreendia uma empreitada dialógica, e não discursos fechados e ditos portadores de verdades

inquestionáveis. Esse posicionamento reverberou em sua escrita, e seu engajamento passou a ser mais crítico e aberto. A liberdade, tema central da escrita de Amado, foi permeada pela influência desse processo contextual pelo qual passou.

Sartre salienta acerca da ligação entre engajamento e liberdade na escrita literária:

Pois não se pode exigir de mim, no momento em que percebo que minha liberdade está indissolivelmente ligada à de todos os outros homens, que eu a empregue para aprovar a servidão de alguns dentre eles. Assim, quer seja ensaísta, panfletário, satirista ou romancista, quer fale somente das paixões individuais ou se lance contra o regime social, o escritor, homem livre que se dirige a homens livres, tem apenas o único tema: a liberdade (SARTRE, 2004, p. 52).

O escritor, portanto, engaja-se na escrita em busca dessa liberdade, seja sob qual prisma for. A servidão, independentemente do caráter que assuma, é refutada, e almeja-se interpelar o outro à busca por essa liberdade.

Amado, a partir dos contextos nos quais se inseriu, posicionou-se sempre pela busca dessa liberdade. Sua escrita, engajada, sofreu as influências do processo político-ideológico pelo qual passou, culminando em uma escrita ainda mais dialógica e crítica.

Na novela *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua* (AMADO, 1998) é possível observar como o autor instaura, após o processo político-ideológico que vivenciou, uma narrativa dialógica, que é capaz de abarcar o indivíduo em sua complexidade social, uma vez que é rodeado por influências ideológicas diversas. A narrativa é, pois, espaço de questionamento dessas influências, subvertendo os sentidos comuns e despertando, de maneira carnavalesca, a criticidade.

A novela, engajada na busca de pensamento crítico, é subversiva à medida que coloca em questão os embates ideológicos, zombando daqueles que creem ser os portadores de uma verdade redentora. Esse engajamento, então, parte em busca da liberdade ideológica, satirizando as respostas completas e elevando essa busca a um patamar permanente.

Capítulo 2

Uma Literatura engajada

O século XX, em que viveu o autor de *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, caracterizou-se por um acentuado embate ideológico. Amado envolveu-se criticamente nesse quadro, desenvolvendo uma atitude reflexiva diante dos fatos que vivenciou. Em sua obra reverbera seu engajamento político e o processo pelo qual passou.

Após sua saída do Partido Comunista, em 1955, sua literatura adquire novas feições, passando a ser mais amadurecida e crítica, não produzindo mais obras voltadas especificamente à militância política, mas sim obras que interpelam o outro à reflexão acerca do constante embate ideológico em que a sociedade está invariavelmente envolvida. Seu engajamento, então, deixa de ser por uma ideologia específica, e passa a ser um engajamento crítico.

2.1 O fator social como fator estrutural

A questão acerca da complexidade ideológica passa a fazer parte da estrutura de sua obra, especialmente em *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*. A problematização dessa questão sociológica não se enquadra somente como contexto de produção, mas como aspecto intrínseco à sua escrita a partir de então. Acerca de obras assim caracterizadas, Antonio Candido assevera:

Esta liberdade, mesmo dentro da orientação documentária, é o quinhão da fantasia, que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva; de tal maneira que o sentimento da verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica. Tal paradoxo está no cerne do trabalho literário e garante a sua eficácia como representação do mundo. Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causal.

Mas se tomarmos o cuidado de considerar os fatores sociais [...] no seu papel de formadores da estrutura, veremos que tanto eles quanto os psíquicos são decisivos para a análise literária, e que pretender definir sem uns e outros a integridade estética da obra é querer, como só o barão de Münchhausen conseguiu, arrancar-se de um atoleiro puxando para cima os próprios cabelos (CANDIDO, 2006, p. 22).

Amado, a partir da liberdade de criação, relaciona literatura e vida social, de maneira que aquela funciona como mecanismo de expressão acentuada desta,

exatamente pela condição criativa. O leitor é interpelado por esta expressividade literária, que lhe possibilita enxergar a realidade empírica através de outra visão. O fator social torna-se, deste modo, parte da estrutura artística, além de ser fator de contextualização.

Portanto, a trajetória crítica do autor, adquirida através de suas experiências políticas, o faz relacioná-la a sua escrita, sendo, pois, o fator social por ele eleito e posto em discussão através da expressividade e criatividade da escrita literária. Acerca deste quadro, Candido assinala:

Assim, a primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. É difícil discriminá-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que *os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação*. O grau e a maneira por que influem estes três grupos de fatores variam conforme o aspecto considerado no processo artístico. Assim, os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão. Eles marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio (CANDIDO, 2006, p. 31, grifo nosso).

Nessa perspectiva, confluem na escrita literária a “estrutura social” e a “posição social do artista”, neste caso, a trajetória política e a metamorfose pela qual passa o engajamento do autor, que fazem parte do seu processo de escrita; confluem, ainda, os “valores e ideologias” na “forma e conteúdo da obra”, fazendo parte intrínseca de sua estrutura, então, a questão do embate ideológico levantado e discutido especificamente na novela, reverberando as problemáticas vivenciadas do século XX e atualizadas na contemporaneidade da leitura. Às técnicas de comunicação fica relegado o trabalho polifônico e irônico, o qual contribui para que a história das vidas e mortes de Quincas Berro Dágua configurem-se como subversivas.

Relacionando os quatro momentos de produção elencados por Candido à novela *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, constata-se que Amado, a partir de suas experiências políticas, vivenciadas no século XX, elegeu como um dos temas proeminentes a serem discutidos em sua escrita a questão dos embates ideológicos, que se expressam literariamente a partir de uma narrativa polifônica e dialógica. Como

resultado, interpela o leitor à reflexão desses embates e o condiciona ao questionamento dos posicionamentos ideológicos individuais diretamente ligados à estrutura social. Acerca da narrativa polifônica, é pertinente observar que esta é caracterizada pela

multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes [...]. Não é a multiplicidade de caracteres e destinos que, em um mundo objetivo uno, à luz da consciência do autor, se desenvolve [...]; é precisamente a multiplicidade de consciências que aqui se combinam numa unidade de acontecimento, mantendo a sua imiscibilidade (BAKHTIN, 2010, p.4-5).

Nesse sentido, Amado explora através dos personagens de *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua* diferentes vozes, que expressam diferentes posicionamentos ideológicos. Todavia, uma não irá sobrepor-se a outra, todas terão igualdade de expressão, ainda que demonstrem a desigualdade atribuída a estas no mundo recriado. Nenhuma é tida como a detentora de uma verdade libertadora, mas todas são questionadas através das relações que travam entre si. Assim, a narrativa polifônica tem como premissa as relações dialógicas, que assim se estruturam:

O romance polifônico é inteiramente dialógico. Há relações dialógicas entre todos os elementos da estrutura romanesca, ou seja, eles estão em oposição como contraponto. As relações dialógicas – fenômeno bem mais amplo do que as relações entre as réplicas do diálogo expresso composicionalmente – são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância (BAKHTIN, 2010, p. 47).

As relações dialógicas são marcadas pela oposição e pelo contraponto. Para que o contraponto exista, este deve estar intimamente ligado ao posicionamento que o originou. Ou seja, a relação dialógica é responsiva, instaura uma interdependência das vozes envolvidas: uma não existe sem a outra. Forma-se, assim, uma cadeia, em que o posterior relaciona-se a seu anterior.

O romance polifônico, levando-se em consideração essas características, estrutura-se através das relações dialógicas compostas socialmente, de forma que são expressas na narrativa através da multiplicidade de vozes exploradas, que possuem as mesmas condições de expressão. As múltiplas vozes, então, pressupõem múltiplos posicionamentos, socialmente localizados pelas ideologias que as estruturam. São

colocadas em questão, então, as relações entre ideologias diversas que têm igualdade de expressão no plano da narrativa. As ações individuais dos personagens têm ligação direta com esses posicionamentos sociais.

Nesse sentido, o recurso polifônico, marcadamente dialógico, é explorado por Amado na narrativa em questão, levantando um embate discursivo que se relaciona à crítica ideológica que o autor passa a explorar através deste modo diverso de engajamento, resultado de suas experiências e vivências político-ideológicas anteriores.

A literatura amadiana contempla em sua totalidade a reflexão ideológica e aspectos políticos. As obras do autor concebidas antes de sua saída do Partido Comunista fazem alusão à ideologia por este defendida, sendo, pois, marcadas por um engajamento militante – ainda que o autor já prenunciasse aspectos que prezassem por uma literatura questionadora. Todavia, após sua saída, seu engajamento político-ideológico passa a ser marcadamente questionador, de toda e qualquer ideologia. Eis a pertinência do que afirma Eduardo Portella sobre este período da literatura de Jorge Amado:

Jorge Amado compreendeu que era conveniente dispensar a canônica partidarista para levar adiante aquele compromisso de alargamento. É que os partidos políticos – o seu de então, especificamente – se supõem absolutamente inteiros, e ministram de forma compacta a quimera da disciplina associativa (PORTELLA, 1983, p. 111-112).

Nesse sentido, a ideologia socialista/comunista não era capaz de abarcar o ideal libertário do autor. Esta passou a sufocar sua literatura, uma vez que sua escrita vai além dos moldes que esta ideologia requer. Desse modo, o autor passa a buscar a expressão de uma almejada liberdade, cerceada em seus tempos de militância. Portella salienta, então, que,

despartidarizar significa, portanto, inventar a liberdade. Aqui se inicia a trajetória de Jorge Amado enquanto intelectual saudavelmente inorgânico. É que a despartidarização não implica na desmobilização (PORTELLA, 1983, p. 112).

A despartidarização aumenta a visão do autor acerca de seu objeto de trabalho: a escrita. Torna-se “saudavelmente inorgânico” (PORTELLA, 1983, p. 112) uma vez que sua obra passa a ser mais reflexiva e crítica, tomando feições mais universais. Seu

engajamento metamorfoseia-se, deixando de ser restrito e passando a ser expansivo, mobilizado pelas questões sociais em sua ampla visão. Assim, “Jorge Amado rasga o roteiro, e fica mais livre para desempenhar a liberdade. O escritor amplia politicamente o político” (PORTELLA, p. 112, 1983).

Essa ampliação do político se dá, em *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, através das relações travadas entre os personagens envolvidos, que acontecem de maneira dialógica e, especialmente, polifônica – o questionamento que cerca as vozes discursivas surge através dessa característica estrutural da tessitura da obra. Esta interpelação reflexiva, espertamente camuflada por uma ilusão de simplicidade fluente da novela, caracteriza a forma de engajamento que contempla uma visão aberta na busca (e não imposição) por respostas.

2.2 A palavra é engajada

Amado enxergava o fazer literário como forma de recriar o mundo, por isso, grande parte de sua obra é inspirada em suas experiências, em seus mais diversos âmbitos: tanto em relação aos locais retratados, quanto aos personagens, além de experiências mais complexas, como seu engajamento político-ideológico e as feições que este tomou com o tempo. Esta recriação do mundo na obra amadiana envolve o engajamento do autor, que a abraça como meio de explorar seus ideais.

Sob este prisma, Sartre trata da relação entre engajamento e literatura. Para este autor, a Literatura por si só é engajada, uma vez que é produto social e se expressa através da linguagem, que é, por excelência, ideológica. Assim, ainda que um escritor almeje e acredite estar produzindo de forma despretensiosa, a Literatura, indissoluvelmente envolvida nessas características, é por estas naturalmente impregnada. Por isso, discorre que

assim, ao falar, eu desvendo a situação por meu próprio projeto de mudá-la; desvendo-a a mim mesmo e aos outros, *para* mudá-la; atinjo-a em pleno coração, transpasso-a e fixo-a sob todos os olhares; passo a dispor dela; a cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo e, ao mesmo tempo, passo a emergir dele um pouco mais, já que o ultrapasso na direção do porvir. Assim, o prosador é um homem que escolheu determinado modo de ação secundária, que se poderia chamar de ação por desvendamento. É

legítimo, pois, propor-lhe esta segunda questão: que aspecto do mundo você quer desvendar, que mudanças quer trazer ao mundo por este desvendamento? O escritor “engajado” sabe que palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar (SARTRE, 2004, p. 20).

A escrita literária se caracteriza, sob esse enfoque, como forma de ação sobre o mundo: o engajamento requer a interpelação do outro, tem como objetivo atingi-lo de algum modo. O engajamento se expressa na Literatura na medida em que, na escrita, inúmeras forças sociais se manifestam, aquelas que agem sobre o indivíduo e aquelas que almeja atingir, seja de maneira consciente ou não. O desvendamento do mundo através da estrutura literária é, pois, característica constituinte desta. Desvenda-se o mundo para que a reflexão acerca deste possa mudá-lo. Portanto, a Literatura caracteriza-se como meio de ação sobre o mundo – aspecto intrínseco à linguagem, levada à sua máxima expressão pela arte. Nesse viés, Sartre continua:

mas desde já podemos concluir que o escritor decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, a sua inteira responsabilidade (SARTRE, 2004, p. 21).

O homem, através da Literatura, desvenda-se a si mesmo e ao próximo; propicia o olhar sobre aquilo que precisa ser refletido, uma vez “posto a nu” através da recriação pela escrita. Tendo acesso a esse mundo agora desvendado, o indivíduo é então capaz de assumir sua responsabilidade frente ao sugerido e descoberto através da leitura.

Nesse sentido, o engajamento se materializa através da palavra, que assume características próprias na escrita literária. Esta não se torna mero instrumento utilitarista, mas abarca a complexidade do ideal que alavancou a escrita e que nela se expressa. Eis a pertinência do que afirma Sartre:

as palavras estão ali como armadilhas, para suscitar nossos sentimentos e fazê-los reverter sobre nós; cada palavra é um caminho de transcendência, dá forma e nome às nossas afeições; ela as atribui a uma personagem imaginária que se incumbe de vivê-las por nós e que tem como única substância essas paixões emprestadas; a palavra lhe confere objetos, perspectivas, horizonte (SARTRE, 2004, p. 38-39).

Instaura-se assim uma relação puramente dialógica: autor, leitor e personagem assumem posições intercambiáveis, de forma que aqueles se reconhecem neste, e o atualizam a cada nova leitura. A palavra condensa “perspectivas, horizonte” (SARTRE, 2004, p. 39), é, pois, nela e por ela que os indivíduos se posicionam e têm acesso ao posicionamento dos demais perante a vida, a palavra amálgama posicionamentos e influências sociais, conforme comprova o seguinte excerto:

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia* (BAKHTIN, 1997, p. 31).

Nesse sentido, a palavra, como signo, expressa e dá vida às mais diversas ideologias, pois está sempre situada em determinado contexto sócio-histórico. Ela tem a capacidade de estruturá-las e, ainda, de contribuir para a ação destas sobre o mundo sendo, assim, característica intrínseca de sua formação.

Na Literatura, conforme assevera Sartre, há uma transferência dos valores, posicionamentos e ideologias aos personagens, que os (re)vivem através da recriação do mundo, desvendando-o ao leitor. A palavra, nesse sentido, é o meio que condensa a complexidade que liga mundo exterior à Literatura. Na narrativa amadiana elencada a polifonia é eleita como modo de demonstrar igualmente diversos posicionamentos ideológicos, colocando todos em questão. O engajamento amadiano se expressa através da palavra literária, impelindo o leitor a um posicionamento crítico, assim como o construído pelo autor em sua trajetória.

2.3 Um engajamento literário questionador

Em relação à literatura amadiana, os aspectos sociais são essenciais para sua compreensão, uma vez que a palavra, como signo ideológico, servirá como modo de expressão e de ligação à realidade empírica. Torna-se pertinente salientar que

a ficção, em Amado, é o espaço fundador do arquivo, desde que se reconheça a literatura como investimento e como suporte de um saber que a precede e ilumina (FRAGA, 2004, p. 20).

Este “arquivo” não se trata de um projeto de cópia da realidade, mas sim de instaurar na escrita ficcional um espaço que recrie a história com o intuito de questionar os saberes que a compõem.

Em *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, desde o início, paradoxalmente, fica claro que a narrativa será permeada de “diferentes versões”, ou seja, um mesmo fato será retratado sob o prisma de diferentes visões, conforme nota-se no seguinte fragmento:

Até hoje permanece certa confusão em torno da morte de Quincas Berro Dágua. Dúvidas por explicar, detalhes absurdos, contradições no depoimento das testemunhas, lacunas diversas. Não há clareza sobre hora, local e frase derradeira. A *família*, apoiada por vizinhos e conhecidos, mantém-se intransigente na versão da tranquila morte matinal, sem testemunhas, sem aparato, sem frase, acontecida quase vinte horas antes *daquela outra propalada e comentada* morte na agonia da noite, quando a lua se desfez sobre o mar e aconteceram mistérios na orla do cais da Bahia. Presenciada, no entanto, por testemunhas idôneas, *largamente falada nas ladeiras e becos escusos*, a frase final repetida de boca em boca representou, na *opinião daquela gente*, mais que uma simples despedida do mundo, um testemunho profético, mensagem de profundo conteúdo (como escreveria um jovem autor de nosso tempo) (AMADO, 1998, p. 1-2, grifos nossos).

Em seu início, a novela explicita que será constituída de dúvidas. Ou seja, através de diversos relatos, as vidas e as mortes de Quincas começam a emergir, todavia, são versões variadas, por indivíduos que se concentram em contextos sociais variados, com interesses divergentes. Por isso, há “contradições” e “lacunas”, durante toda a história.

Um mesmo fato, a morte física do personagem principal, é relatado por óticas diferentes, tornando-o, assim, também diverso. A palavra, nesse sentido, é exercida como signo plurivalente, capaz de abarcar diversos posicionamentos. A “clareza” sobre o fato, então, torna-se impossível, uma vez que as variadas versões instauram a dúvida constante não só acerca do ocorrido, mas também acerca da situação que o engloba.

A história de Quincas, desse modo, vai sendo tecida através dessas versões. Sua vida passa a ser conhecida, porém, as variadas versões sugerem vidas distintas. O personagem assume, então, figuras diversas – e esta se torna sua principal característica. Por isso, desde o título, o vocábulo “morte” repete-se: este terá mais de uma acepção na

narrativa e, como a morte tem como condição a vida, esta também variará conforme aquela.

A palavra, como signo ideológico, serve então como materialização dessas versões acerca das vidas e mortes do personagem. Há, assim, um embate dessas vozes, que se estruturam em núcleos diversos, gerando diferentes versões acerca da figura de Quincas. No trecho acima, nota-se a menção a esses núcleos, que estruturam a narrativa polifônica.

O primeiro é a família, que defende a versão de uma “morte tranquila” (AMADO, 1998, p. 1); o outro, por sua vez, é formado pelos amigos, que fazem parte “daquela gente” (AMADO, 1998, p. 2) que propalou a versão de uma morte “misteriosa”. Nota-se no trecho, ainda, uma ironia latente, que se estenderá por toda a narrativa. Instaure-se a dúvida, então, de quem seriam verdadeiramente as “testemunhas idôneas” (AMADO, 1998, p. 1).

Esse quadro, delineado e marcado pela família, de um lado, e os amigos, do outro, ressalta o fato de que a “‘cena’ da ironia é uma cena social e política” (HUTCHEON, 2000, p. 19). A ironia configura-se como um modo de acentuar as diferenças entre ambos os lados e, ainda, de questioná-los, pois suas versões diferem conforme o prisma que relatam a(s) vida(s) e morte(s) de Quincas.

Esses núcleos expressam, através de seus posicionamentos, que tipo de relacionamento tinham com o morto. Caracterizam-se por serem núcleos discursivos, uma vez que através da palavra se expressam visões divergentes de um mesmo fato. A palavra, nesse sentido, é explorada duplamente por Amado – através do narrador e dos personagens, pois aquele os caracteriza em consonância com suas falas. Assim o narrador discorre sobre o núcleo familiar:

A família do morto – sua respeitável filha [Vanda] e seu formalizado genro [Leonardo], funcionário público de promissora carreira; tia Marocas e seu irmão mais moço, comerciante com modesto crédito num banco – afirma não passar toda a história de grossa intrujice, invenção de bêbedos inveterados, patifes à margem da lei e da sociedade, velhacos cuja paisagem deveria ser as grades da cadeia e não a liberdade das ruas, o porto da Bahia, as praias de areia branca, a noite imensa (AMADO, 1998, p. 2-3).

Nota-se no trecho a ironia acentuada que se estende por toda a narrativa. Para os moldes tradicionais – criticados através deste recurso linguístico – a filha, o genro, a tia

e seu irmão são caracterizados com adjetivos considerados de boa expressão, todavia colocados em dúvida através do sarcasmo: “respeitável” e “formalizado”. As profissões elencadas endossam essa visão, “funcionário público” e “comerciante” definem uma classe média burguesa, que se supõe viver honestamente de seu trabalho.

Em contraponto, o narrador expõe a visão desse núcleo discursivo em relação ao outro, que vai se formando dialogicamente a este, caracterizado por expressões pejorativas: “bêbedos”, “patifes”, “velhacos”. É notável que o núcleo discursivo familiar despreza aqueles que fazem parte de uma classe social considerada inferior a sua. Considera-os “à margem da lei e da sociedade” (AMADO, 1998, p. 3), ou seja, não são considerados por eles, pois, no rol de cidadãos. Há um dualismo dialógico que marcará a narrativa e cada signo nela existente.

Esses termos são colocados em questão, gerando no leitor dúvidas acerca da veracidade das versões contadas, pois “[...] a ironia consegue funcionar e funciona taticamente a serviço de uma vasta gama de posições políticas, legitimando ou solapando uma grande variedade de interesses” (HUTCHEON, 2000, p. 26-27). Há, na exploração deste recurso linguístico, a função de questionar todas as visões que são (des)construídas no decorrer da novela, e os filtros ideológicos que as delimitam.

Assim, Amado traz à tona grupos considerados à margem da sociedade, e coloca em discussão considerações feitas acerca da definição de classes. Através da narrativa, contempla-se uma visão crítica sobre o modo estante com que estas são definidas pelo senso comum, instaurando questionamentos através dos comportamentos dos personagens representativos delas. O autor dá voz plenivalente às classes muitas vezes silenciadas, pois

trata-se de uma profissão de fé da escrita amadiana: salvar do esquecimento, recuperar das margens sociais, culturais, intelectuais ou políticas, todos aqueles que as elites oprimem e condenam ao silêncio (OLIVIERI-GODET, 2004, p. 128).

Portanto, Amado recupera a voz daqueles que o núcleo familiar – representativo da classe média burguesa – defende que deveriam estar atrás das “grades da cadeia” (AMADO, 1998, p. 3). Há, nessa recuperação, um intuito: sua voz pode confrontar-se igualitariamente a das demais classes. Todas são colocadas num mesmo patamar, ironicamente retratadas, pois seus sentidos devem ser transpostos do lugar comum –

principal função desse recurso linguístico. Por isso, sua escrita é considerada uma “escrita da margem”:

A margem também é o espaço em branco que envolve o texto impresso. Metaforicamente, uma *escrita da margem* é a que faz falar este espaço em branco da página: as palavras salvas da condenação ao silêncio encontram seu lugar de legibilidade e podem assim fazer e criar fissuras na homogeneidade de um discurso que se quer portador da verdade. Uma escrita aberta à escuta da margem questionará as ideias pré-concebidas e se abrigará a outros valores e a outras formas de sociabilidade (OLIVIERI-GODET, 2004, p. 112, grifo da autora).

A escrita de Amado, especialmente nessa obra, coloca em questão os discursos comumente homogeneizados, questionando valores de verdade que fazem parte do senso comum. Tira o leitor de sua zona de conforto, e, através da recriação dos embates ideológicos que se dão através das palavras, há um deslocamento de seus sentidos comuns, num mundo recriado que, em sua verossimilhança interna, ressalta esse confronto.

Inicia-se, pois, a saga pela descoberta da verdadeira versão da morte de Quincas e de sua verdadeira vida. De um lado, a posição social de sua família confere à sua versão o status de oficial; em paralelo, os amigos sustentam outra versão que caminha socialmente à margem da versão da família.

Na versão do núcleo familiar, o personagem principal era, na realidade, Joaquim Soares da Cunha, e assim o caracteriza:

Segundo eles [a família], Quincas Berro Dágua, ao morrer, voltara a ser aquele *antigo e respeitável Joaquim Soares da Cunha*, de boa família, exemplar funcionário da Mesa de Rendas Estadual, de passo medido, barba escanhoada, paletó negro de alpaca, pasta sob o braço, ouvido com respeito pelos vizinhos, opinando sobre o tempo e a política, jamais visto num botequim, de cachaça caseira e comedida. Em realidade, num esforço digno de todos os aplausos, a família conseguiu que assim brilhasse, sem jaça, a memória de Quincas desde alguns anos, *ao decretá-lo morto para a sociedade* (AMADO, 1998, p. 6, grifos nossos).

Nesse trecho, nota-se que há muito Joaquim estava morto, desde quando decidiu levar uma vida diversa daquela considerada como digna por sua família. Para eles, Joaquim deixara de ser um cidadão respeitável quando decidiu sair de casa e viver nas ruas. Portanto, a figura que prevalece e é sustentada em seu discurso é a de Joaquim,

sendo a vida vivida por Quincas nas ruas de Salvador indigna de ser considerada. Tem-se, assim, a primeira morte do personagem: a morte social, de maneira que a ideologia da família deseja sobrepor-se àquela que passa a permear a vida do personagem, quando sai de casa:

A verdade é que Joaquim só começara a contar em suas vidas quando, naquele dia absurdo, depois de ter tachado Leonardo de bestalhão, fitou a ela [Vanda] e a Otacília e soltou-lhes na cara, inesperadamente:

– Jararacas!

E, com a maior tranquilidade desse mundo, como se estivesse a realizar o menor e mais banal dos atos, foi-se embora e não voltou (AMADO, 1998, p. 35).

O personagem deixa o espaço de sua casa por livre e espontânea vontade, parecendo estar inconformado com uma vida de aparências. Quincas sentia-se reprimido pela figura de Joaquim, não sendo esta sua almejada personalidade, conforme nota-se no trecho em que o personagem recebe uma homenagem pelos serviços prestados em seu emprego:

Parecia ela [Otacília] a homenageada. Joaquim ouvia os discursos, apertava as mãos, recebia a caneta sem demonstrar entusiasmo. Como se aquilo o enfiasse e não lhe sobrasse coragem para dizê-lo (AMADO, 1998, p. 34).

Quincas sentia-se preso, forçado a um papel que não lhe cabia, mas que lhe era imposto pela família – especialmente pela esposa Otacília – e pela condição social em que se enquadrava, até que diz um veemente “não” para essa situação e liberta-se dessa repressão social que o impedia de viver a espontaneidade desejada, no entanto, reprimida.

A caneta recebida por Joaquim tem grande representatividade e peso na composição de sua figura: significa o letramento, a cultura, o poder daqueles que têm acesso e podem decidir, muitas vezes, o destino de seus semelhantes. Para aqueles que o assistiam, esta representava a ascensão; para ele, meras pompas sem significado, amarras que o prendiam a um ambiente vazio de significado autêntico, mas repleto de aparências.

Assim, a voz social do segmento familiar se manifesta na caracterização da figura de Joaquim, tentando mantê-la intacta, apesar da revolta do personagem. A ideologia

burguesa se instaura na narrativa, e estrutura essa faceta do personagem. Porém, é importante destacar que,

com sabedoria e manha, o romance amadiano incorpora a equivocidade dessas vozes diversas que chamam com a mesma intensidade (*equi-vocus*), atraindo os incautos para caminhos igualmente tentadores e merecedores de atenção (MACHADO, 2003, p. 108).

Nesse sentido, a narrativa também instaura o outro lado da moeda, a figura de Quincas, que se contrapõe dialogicamente à figura de Joaquim, e é explorada especialmente pelas rememorações do núcleo formado pelos amigos do falecido: Negro Pastinha, Curió, Cabo Martim e Pé-de-vento. A contraposição de vozes que emerge do confronto discursivo do núcleo familiar e do núcleo dos amigos revela a vida de Quincas, que se contrapõe intensamente a todas as características que estruturam a figura de Joaquim, conforme nota-se no excerto:

O cachaceiro-mor de Salvador, o filósofo esfarrapado da rampa do Mercado, o senador das gafieiras, Quincas Berro D'água, o vagabundo por excelência, eis como o tratavam nos jornais, onde por vezes sua sórdida fotografia era estampada (AMADO, 1998, p. 31-32).

Joaquim caracteriza-se por uma figura habitual; Quincas, todavia, tem como principal característica ser rei do espaço boêmio. Diante de diferenças tão marcantes, formam-se duas figuras distintas, que estruturam o embate ideológico que marca a narrativa – de um lado, a família, tradicional e burguesa; de outro, os amigos, moradores das ruas de Salvador, que vivem (aparentemente) sem amarras sociais. Em sua trajetória, Joaquim/ Quincas transpassa o ambiente fechado de sua casa e passa pelo ambiente amplo e aberto das ruas, em busca de liberdade.

Ressalta-se a relação dialógica que se estabelece entre o nome de registro do personagem, burguês, Joaquim Soares da Cunha, e os epítetos que recebe em sua outra vida, a de Quincas Berro D'água. A alcunha de seu apelido, “Berro D'água”, deu-se por, um dia, confundir água com cachaça e, sendo inconcebível ao seu paladar aquela, deu um grito ensurdecido e indignado. Por isso, “cachaceiro-mor” (AMADO, 1998, p. 31) funciona quase como uma titulação, ainda que antes o personagem tomasse apenas a “cachaça caseira e comedida” (AMADO, 1998, p. 6). A bebida passa a ser característica

marcante de sua figura, representativa do que o limitava, mas que, agora, encontra-se a seu bel-prazer, conforme sua vontade e a seu próprio tempo.

Se Joaquim era “ouvido com respeito pelos vizinhos” (AMADO, 1998, p. 6), Quincas é “o filósofo esfarrapado da rampa do Mercado” (AMADO, 1998, p. 31); mais que respeitadas, suas reflexões são tomadas por aqueles que o cercam nas ruas e ladeiras de Salvador como conhecimento de profundo conteúdo, ainda que não mais possua “barba escanhoada, paletó negro de alpaca” (AMADO, 1998, p. 6), pois seus pensamentos ultrapassam as aparências. Antes, possuía “passo medido” (AMADO, 1998, p. 6), depois, se torna “o senador das gafieiras” (AMADO, 1998, p. 32), numa gradação em que o que antes o limitava cede lugar à liberdade de expressão e pensamento, mesmo que tachado de “vagabundo por excelência” (AMADO, 1998, p. 32) por aqueles que não compreendem seu novo posicionamento e que não possuem a coragem e a ousadia de desprender-se das amarras que os limitam, como Quincas o fez. Se, no espaço burguês, Joaquim é respeitado, no espaço público de Salvador, Quincas é rei, filósofo, senador. Os julgamentos de valor variam conforme as ideologias pelos quais são retratados, demonstrando as distorções de umas pelas outras, conforme corrobora a afirmação de Sant’ Anna:

[...] a rigor, Vanda está querendo entronizar o personagem nos valores conservadores da sua classe e da sua família e desentronizá-lo do espaço da malandragem onde é rei. Aí já aparecem várias ambiguidades, pois aos olhos dos boêmios a camisa de força que lhe põem de “chefe” de família é um destronamento, pois, para eles, ele é rei do espaço livre, das praças, ruas e prostíbulos (SANT’ANNA, 1983, p. 57).

Há, pois, um embate ideológico travado na narrativa que se torna cada vez mais expressivo ao longo de sua leitura. É desvendado ao leitor, sempre de modo sarcástico, um mundo recriado em que camadas sociais bem definidas estão em constante confronto. Quincas é o elemento questionador dessas estruturas tão bem definidas. O personagem é, pois, o elemento desencadeador do engajamento que permeia a narrativa; sua função questionadora dos caracteres sociais é crescente e, somente ao final, a forma desse engajamento torna-se ainda mais evidente. Por conseguinte, Sartre afirma:

que raciocinem, pois, que afirmem, neguem, refutem e provem; mas a causa que defendem deve ser apenas a finalidade aparente dos seus discursos: a finalidade profunda é entregar-se sem o aparentar (SARTRE, 2004, p. 27).

O embate dos personagens está em constante afirmação, negação e refutação da imagem do verdadeiro Joaquim/ Quincas, aquele que deve ser conhecido pela sociedade; é necessário provar a todo tempo quem foi Joaquim e quem foi Quincas. A causa defendida pelo autor, o embate ideológico, que é evidente apesar de fluidamente trabalhado e explorado, entrega sem aparentar, através dessa fluidez, um engajamento não mais fechado, mas aberto e crítico, questionador desse confronto social. Esse engajamento questionador instaurado através da figura de Quincas desvenda um mundo estratificado, que condiciona as pessoas e que cerceia ideologicamente sua liberdade. A indignação do autor diante desse quadro é tão grande que, por isso, a narrativa tem como característica estrutural o sarcasmo, pois é necessário desvendar ao outro aquilo que deveria ser evidente. Ri-se de uma situação que é absurda:

e se esse mundo me é dado com suas injustiças, não é para que eu as contemple com frieza, mas para que as anime com minha indignação, para que as desvende e as crie com sua natureza de injustiças, isto é, de abusos-que-devem-ser-suprimidos. Assim, o universo do escritor só aparecerá em toda a sua profundidade no exame, na admiração, na indignação do leitor; e o amor generoso é promessa de manter, e a indignação generosa é promessa de mudar, e a admiração é promessa de imitar; é certo que a literatura é uma coisa e a moral é outra bem diferente, mas no fundo do imperativo estético discernimos o imperativo moral (SARTRE, 2004, p. 51).

Esse “abuso-que-deve-ser-suprimido” (SARTRE, 2004, p. 51), na narrativa, é o condicionamento ideológico acrítico, amarras sociais que não permitem ao indivíduo exercer suas próprias escolhas, suscitando no leitor, também, indignação diante desse quadro, e um impulso de mudá-lo como escolha pessoal. O imperativo estético, presente na obra, que se vincula ao imperativo moral, reforça os caracteres sociais como característica estrutural da obra em questão: o desvendamento de um embate ideológico que revela posicionamentos acríticos, que fazem o leitor rever suas próprias escolhas nesse mesmo sentido, mobilizando-o para um questionamento pessoal. A estética migra, sob este prisma, para o campo moral: o engajamento explorado por Amado tem como principal característica a mudança através do questionamento, e não através da sugestão de respostas prontas e unívocas. Quincas é, nesse sentido, o elemento questionador e

que amálgama essa forma diversa de engajamento e suscita a “indignação generosa” (SARTRE, 2004, p. 51).

O embate ideológico explorado por Amado não se caracteriza por um maniqueísmo definido, mas se impõe pela plenivalência das vozes que o compõe, sendo necessário enfatizar que,

do linear ao ambíguo, do equívoco ao multívoco, os caminhos da obra de Jorge Amado vão se multiplicando e se irradiando à medida que ela se desenrola. O maniqueísmo inicial fica para trás, porque a realidade à qual ele se aplicava não é abstrata: é vivida, tecida em memória, e se impõe com força. Por maiores que sejam a indignação e a solidariedade, por mais intenso que se faça o chamado da liberdade, não há como evitar a certeza de que a vida é mais poderosa, e as pessoas, mais complexas. Há sempre um “não é bem assim” implícito, um “por outro lado” latente (MACHADO, 2006, p. 63).

O leitor solidariza-se com a situação de Quincas, com a repressão por ele sofrida e por sua incessante busca por superação, por libertar-se. Dessa solidariedade, surge a indignação com a situação, e o engajamento presente na obra interpela o leitor a rever a realidade empírica; a narrativa amadiana impõe com força a complexidade da vida, que se expressa com a decisão final do personagem principal.

Quincas Berro Dágua é o elemento perturbador da ordem socialmente estabelecida. Por isso, ele é tido, especialmente por sua família, como um incômodo. Na memória dos personagens ressoam suas atitudes subversivas, num confronto latente a essa ordem pré-estabelecida. O riso e o sarcasmo são indicadores de sua indignação frente a um mundo ideologicamente estreito:

Viu o sorriso. Sorriso cínico, imoral, de quem se divertia. O sorriso não havia mudado, contra ele nada tinham obtido os especialistas da funerária. Também ela, Vanda, esquecera de recomendar-lhes, de pedir uma fisionomia mais a caráter, mais de acordo com a solenidade da morte. Continuara aquele sorriso de Quincas Berro Dágua e, diante desse sorriso de mofa e gozo, de que adiantavam sapatos novos – novos em folha, enquanto o pobre Leonardo tinha de mandar botar, pela segunda vez, meia-sola nos seus –, de que adiantavam roupa negra, camisa alva, barba feita, cabelo engomado, mãos postas em oração? Porque Quincas ria daquilo tudo, um riso que se ia ampliando, alargando, que aos poucos ressoava na pocilga imunda. Ria com os lábios e com os olhos, olhos a fitarem o monte de roupa suja e remendada, esquecida num canto pelos homens da funerária. O sorriso de Quincas Berro Dágua (AMADO, 1998, p. 35-36).

A tentativa da funerária de transformar Quincas Berro Dágua em Joaquim novamente é fracassada. Seu riso de “mofa e gozo” (AMADO, 1998, p. 35) permanecia intacto na memória dos personagens. Seu questionamento acerca do que lhe prendia em vida está dialogicamente em constante confronto com as ideologias dos personagens que o cercavam. As vestes de Quincas, deixadas no canto, parecem ser desejadas pelo personagem que, ainda que morto, vive na memória dos personagens. Há, pois, um confronto entre Joaquim e Quincas, de maneira que, no plano ideológico, esse embate subsiste apesar da morte física. Seu riso subversivo traz como cerne o fato de que,

num regime totalitário (ou simplesmente num contexto discursivo repressor), usar ou atribuir ironia para minar por dentro é relativamente direto, ainda que perigoso (Benton, 1988; Dynes-Levy, Smith, 1988, p. 245): as regras e as normas são conhecidas e acatadas na letra, embora não no espírito, da elocução que ironiza. Os perigos só se materializam se as autoridades também atribuírem ironia e a cobertura protetora da circunlocução for retirada (HUTCHEON, 2000, p. 34).

O personagem, vestido como Joaquim, comporta-se como Quincas, minando por dentro o sistema que o tenta repreender. Seu riso é irônico e sarcástico, pois sua essência continua por ser a escolha pela vida levada por Quincas, consciente do decesso que isso causa naqueles que desejavam o contrário. Por isso, irrita tanto sua família burguesa: a ironia que o cerca atinge e questiona os posicionamentos ideológicos desta.

Os amigos do morto, compondo o núcleo discursivo dos amigos, marginalizados, chegando ao enterro, deparam-se com um desconhecido: “Curió chegou a pensar num engano, aquele morto não era Quincas Berro Dágua. Só o reconheceu pelo sorriso” (AMADO, 1998, p. 61). O sorriso de Quincas é sua marca registrada, é característica marcante de sua personalidade. Destacam-se os sentidos desse sorriso: para a família, “cínico e imoral” (AMADO, 1998, p. 35), uma vez que contraria seus preceitos e destitui a figura de Joaquim; para os que conviviam com Quincas, “era seu habitual sorriso acolhedor” (AMADO, 1998, p. 8), pois por eles o personagem fora acolhido sem maiores distinções ou considerações e, em sua presença, Quincas só poderia ser ele mesmo, e não havia problema algum nisso.

No espaço das ruas e ladeiras de Salvador, Quincas era conhecido e respeitado, era o “paizinho Quincas” (AMADO, 1998, p. 62), conquistara amizades – em detrimento de sua própria família, que o declarara morto por não obedecer aos preceitos

a ele imputados. Cabo Martim, ao saber da morte do amigo, “teve a sensação de um vazio súbito, não ouvia sequer os pássaros nas gaiolas próximas, na barraca de um feirante” (AMADO, 1998, p. 58). A morte do amigo transformara-se em peso, ao passo que para a família, fora um alívio: “para sempre desaparecera o vagabundo, o *rei da gafeira*, o *patriarca da zona do baixo meretrício*” (AMADO, 1998, p. 32). Enquanto os amigos sentiam o peso da morte de Quincas, a família apressava-se em afirmar-se, restituindo a ele o papel de Joaquim.

É explorado, assim, o desvendamento através da recriação: “escrever é apelar ao leitor para que este faça passar à existência objetiva o desvendamento que empreendi por meio da linguagem” (SARTRE, 2004, p. 39). O leitor relaciona a crítica de Quincas à crítica à realidade, relacionando a narrativa ao que nela se assemelha o mundo a seu redor. A linguagem literária tem a capacidade de desvendar o mundo, de ressaltar aquilo que aos olhos torna-se habitual. Quincas é o elemento que desloca esse habitual, colocando em questão aspectos tão convencionalizados que passam despercebidos: a vida pautada em aparências e as amarras ideológicas tomadas como verdade de forma acrítica.

Esse mundo objetivo, tornado habitual e comum – mesmo com toda a sua problemática, é colocado em questão também pela aparente objetividade da narrativa que, todavia, expressa uma subjetividade questionadora:

Tal é, pois, a “verdadeira” e “pura” literatura: uma subjetividade que se entrega sob a aparência de objetividade, um discurso tão curiosamente engendrado que equivale ao silêncio: um pensamento que se contesta a si mesmo, uma Razão que é apenas a máscara da loucura, um Eterno que dá a entender que é apenas um momento da História, um momento histórico que, pelos aspectos ocultos que revela, remete de súbito ao homem eterno; um perpétuo ensinamento, mas que se dá contra a vontade expressa daqueles que ensinam (SARTRE, 2004, p. 28).

A escrita literária, nesse sentido, tem intrinsecamente a capacidade de refletir sobre o homem, uma vez que é produto seu, da relação travada entre a objetividade que o cerca e a subjetividade que lhe é inerente. A objetividade de sua expressão é porta de entrada para o conhecimento de uma subjetividade mais profunda, que revela – ou relembra – ao próprio homem sua complexidade e sua fugacidade, características eternas de sua condição.

Amado, então, utiliza-se de uma narrativa fluida, cômica e irônica, aparentemente objetiva, apesar de absurda – uma vez que a condição da morte é completamente dessacralizada –, para instaurar questionamentos que vão além dessa objetividade, “talvez porque se convencesse de que as pressões da subjetividade são menos perigosas, ou menos danosas, do que as impressões da objetividade” (PORTELLA, p. 113, 1983).

Desse modo, a aparente objetividade é impulsionada por uma reflexão mais profunda, subjetiva. Essa forma de escrita, por si só, é crítica: através de uma narrativa que apela para a objetividade, mas que tem como cerne a subjetividade, vislumbra-se a condição humana perante o mundo. Vive-se uma aparente objetividade que sufoca as subjetividades. Quincas vivia uma condição aparentemente objetiva. No momento em que decide libertar sua subjetividade, é constantemente criticado e tentam sufocá-lo novamente – mesmo depois de morto. Essa condição também fora vivida por Amado em seus tempos de militância – as ideologias ditas unas e objetivas sufocavam-lhe a subjetividade, assim como a dos demais envolvidos. Estes, sim, tornavam-se alienados, ainda que acreditassem estar lutando contra isso. Sua literatura posterior, especialmente a novela em questão, revela essa condição, que se estende como fato social.

No momento em que o leitor passa a conhecer as vidas e mortes de Quincas Berro Dágua, é interpelado a desvendar esse quadro que se estrutura através da verossimilhança interna da narrativa. E, desvendando através da aparente objetividade esta subjetividade, ele é impulsionado a rever em qual aparente objetividade se insere e como sua própria subjetividade esta sendo cerceada. A narrativa, assim, engaja o leitor em uma situação que o interpela à reflexão e à mudança:

eu diria que um escritor é engajado quando trata de tomar a mais lúcida e integral consciência de ser embarcado, isto é, quando faz o engajamento passar, para si e para os outros, da espontaneidade imediata ao plano refletido (SARTRE, 2004, p. 61-62).

Amado explora, pela história de Quincas, através da objetividade, da “espontaneidade imediata” proporcionada pela comicidade, o “plano refletido”, incitando o leitor à possibilidade de também engajar-se mediante a crítica que a narrativa proporciona, pois,

se a sociedade se vê *vista*, ocorre, por esse fato mesmo, a contestação dos valores estabelecidos e do regime: o escritor lhe apresenta e a intima a assumi-la ou então a transformar-se (SARTRE, 2004, p. 65).

A narrativa, então, tem o papel dialógico de comunicar literatura e realidade, ficção e fato, de maneira que se vislumbra o mundo objetivo na verossimilhança interna da novela, e o desvendamento desta proporciona o engajamento na causa de assumir e transformar essa realidade.

A figura de Quincas, nesse sentido, coloca em evidência a principal instituição social: a família moderna, questionando sua possível alienação. Os amigos, em seu enterro, sentem este peso:

A presença da família – sobretudo das mulheres – deixava-os amedrontados e tímidos, sem saber como agir, onde pousar as mãos, como comportar-se ante o morto (AMADO, 1998, p. 62).

A caracterização burguesa da família de Quincas aponta que seu relacionamento com esta se daria como uma espécie de “prêmio por bom comportamento”, se sobrepondo às relações afetivas. O personagem, notando isto e cansado do mundo estreito em que se inseria, declara sua liberdade e por ela sai em busca.

As mulheres presentes na narrativa, especialmente com as quais Joaquim/Quincas se relacionou, endossam o embate ideológico nela expresso. Sua esposa, Otacília, é a personificação da toda a rigidez e opressão sentida por Joaquim:

Na sala, o santeiro admirava um colorido retrato de Quincas, antigo, de uns quinze anos, senhor bem-posto, colarinho alto, gravata negra, bigodes de ponta, cabelo lustroso e faces róseas. Ao lado, em moldura idêntica, o olhar acusador e a boca dura, dona Otacília, num vestido preto, de rendas (AMADO, 1998, p. 11).

Otacília é caracterizada externamente pela rigidez que a toma intelectualmente, o que tanto incomodava Joaquim. A filha do casal, Vanda, perpetua esta relação, e vê na morte do pai a oportunidade perdida pela mãe de recuperar a memória de Joaquim, prendendo-o, novamente, em seus moldes e regras.

Em contraponto, na vida que levava nas ruas e becos de Salvador, Quincas teve um relacionamento em especial – entre tantos que tivera. Quitéria comporta-se como a verdadeira viúva do morto, sofre por sua perda:

Quanto a Quitéria do Olho Arregalado, cercada pela lacrimosa dedicação das companheiras de casa, seus gritos cruzavam a ladeira de São Miguel, morriam no largo do Pelourinho, eram de cortar o coração. Só encontrou consolo na bebida, exaltando, entre goles e soluços, a memória daquele inesquecível amante, o mais terno e louco, o mais alegre e sábio (AMADO, 1988, p. 46).

A exaltação da personagem serve, também, como externalidade de seu relacionamento com Quincas, com toda a intensidade com que o viveram. Se, para as mulheres de sua família, o personagem optara por viver uma vida indigna, para aquelas com quem se relacionou posteriormente, ele era “o mais alegre e sábio” (AMADO, 1988, p. 46).

Há, assim, para cada núcleo discursivo, configurações distintas de família: a família de Joaquim prende-o e sufoca-o; em contraponto, a “família” de Quincas, formada nas ruas por suas mulheres e amigos, parece não se importar com suas opções e assim o aceitam e estimam.

Entretanto, partilham de um ponto de encontro, uma mesma caracterização para o personagem, tido por ambos os núcleos como “louco”. Para a família de Joaquim, era inadmissível sua escolha por sentir-se oprimido e buscar uma almejada liberdade; o espaço da casa, então, é transposto pelo das ruas. Essa “loucura”, por outro lado, apesar de incompreendida pelos amigos de Quincas, era tida como certa sabedoria, camuflada por este na perdição das ruas, mas que em sua mente era mais complexa e por ele guardada, sabendo que muitos não o compreenderiam. Por isso, permanece a pergunta por toda a narrativa: “tenta-se classificar o tipo, mas continua a pergunta: *quem e como* é esse Quincas/Joaquim?” (SANT’ANNA, 1983, p. 51).

Através das caracterizações feitas pelos dois núcleos discursivos que compõem a narrativa, Quincas Berro Dágua adquire a personalidade que para eles torna-se mais conveniente. Há, nesse entremeio, a dúvida constante de quem realmente seria Quincas e de como seria sua verdadeira personalidade, uma vez que seus pensamentos são, quase que majoritariamente, passados pelo filtro das ideologias que os expressam. Na narrativa amadiana, “nada ou ninguém é apenas o que parece ser, embora possa sempre ser *também* exatamente o que parece” (MACHADO, 2006, p. 63). O personagem, para ser aquilo que é/deseja precisou passar por essas caracterizações, todavia, tornam-se insuficientes, pois se sente limitado e preso.

O embate ideológico entre as caracterizações de Joaquim e de Quincas revela figuras distintas. A plenivalência de vozes dos grupos discursivos formados pela família e pelos amigos através do recurso polifônico configura esse embate, que revela o percurso do personagem em relação a seu objetivo, a almejada utópica liberdade das amarras ideológicas que o prenderam durante tal percurso. A plenivalência das vozes discursivas exploradas por Amado não fragmenta o mundo recriado nos conceitos de certo e errado, mas questiona tudo o que retrata:

Mais que isso: ao evitar a moralidade estática e pré-fabricada que permitia dividir o mundo entre bandidos e mocinhos, ele passa a incorporar a suas histórias uma dinâmica revigorante, capaz de insuspeitadas variações e movimentos incontáveis. São inúmeras possibilidades imaginárias que se manifestam então, em uma pluralidade de escolhas que se somam mas não se eliminam, e criam um elenco relacional extremamente rico e fecundo (MACHADO, 2003, p.108).

A riqueza e a fecundidade das relações travadas dialogicamente na narrativa são concentradas especialmente na figura de Quincas, que reúne em sua trajetória essa “dinâmica revigorante”, culminando numa busca interminável por respostas. Quincas retira tudo e todos de seu lugar comum, uma vez que não se encaixa completamente em nenhum dos moldes que lhe são impostos. Sua condição é a da busca constante, pois

na pedagogia amadiana os espaços do sonho e da liberdade devem ser conquistados por aqueles que empreenderam a tarefa de decifrar e de afrontar a complexidade dos signos do mundo (LUCAS, 2004, p. 209).

O mundo, nesse sentido, é confrontado veementemente pelo personagem, que não se conforma em prender-se a conceitos pré-estabelecidos, instaurando a dúvida e a criticidade. Quincas é o responsável por fazer com que o leitor desvende na narrativa sua própria condição, num plano em que o ficcional passa a ter como consequência a influência na realidade empírica. Assim, o personagem de Amado é o elemento que impulsiona o engajamento presente na narrativa.

Através da complexidade da questão ideológica, em que o indivíduo prende-se a moldes pré-estabelecidos sem uma necessária reflexão, Quincas coloca em evidência o que deveria ser óbvio: a criticidade que leva a um autoconhecimento. Por recusar ser “massificado”, o personagem torna-se um “velho marinheiro sem barco e sem mar,

desmoralizado em terra, mas não por culpa sua” (AMADO, 1998, p. 42). Não consegue enquadrar-se num mundo por ele considerado estreito.

Desse modo, sua busca por desvencilhar-se de tais amarras torna-se crescente. A metáfora é pertinente, pois Quincas navegou pela vida, assim como seu autor, que retratou em *Navegação de Cabotagem* sua viagem pela vida. As mortes sociais de Quincas, enfim, revelam sua necessidade de busca por liberdade e as imposições sociais pelas quais passou. Sua trajetória engaja o leitor a uma visão crítica acerca da sociedade e lhe revela que sua própria condição é, também, pela autenticidade da busca por liberdade; ainda que esta seja um conceito extremamente complexo, a liberdade almejada por Quincas configura-se como a busca pela liberdade de escolha e de pensamento crítico.

Capítulo 3

A busca pela liberdade

A narrativa das vidas e mortes de Quincas Berro Dágua aponta para um indivíduo que, farto das imposições sociais, posiciona-se criticamente em relação a estas. O posicionamento sarcástico e irônico do personagem coloca-o em um patamar diferente daqueles que o cercam, uma vez que mina, por dentro, o(s) próprio(s) sistema(s) em que é inserido.

Há, nas vozes que retratam as figuras de Joaquim e Quincas, núcleos discursivos definidos: a família, burguesa, de um lado; os amigos, marginalizados, de outro. Um fato físico, a morte, passa a ser relativizado pelo prisma de ideologias diversas, que configuram sistemas diversos e, assim, significam o signo Joaquim/Quincas de acordo com seus posicionamentos.

Todavia, o personagem não se deixa definir por nenhum desses núcleos discursivos. Apesar de já ter feito partes de ambos, a ironia presente durante toda a sua trajetória deixa entrever que o personagem não se encaixa em nenhuma das ideologias que lhe são apresentadas. Seu posicionamento é sempre sarcástico e crítico, engajado na busca por libertar-se das amarras que lhe são impostas.

Ainda que estas vozes busquem suprimir as vontades de Quincas – seja intencionalmente, como a família, ou despreziosamente, como os amigos –, sua busca por libertar-se permanece e ressoa na memória de todos os personagens. Nas diversas vezes que tentam defini-lo ou delimitá-lo, ecoa dialogicamente em suas memórias a negação constante do personagem, como forma de afirmação de si próprio e de suas vontades pessoais.

Há um confronto entre o social e o pessoal, uma vez que Quincas vê-se encurralado por tais imposições durante sua(s) vida(s). Seu esforço é por afirmar-se como indivíduo dotado de opinião própria, capaz de escolher por si – assim como seu autor, após sua complexa trajetória político-ideológica.

Por isso, Quincas é o elemento perturbador da ordem social pré-estabelecida. É o indivíduo que zomba desta, aparentemente ébrio, mas, em realidade, sóbrio em sua crítica irônica. Sua negação às imposições é consistente, e sua trajetória demonstra um indivíduo desiludido com a sociedade, que anseia por autenticidade e coerência.

Busca, através da crítica, a liberdade pessoal. A liberdade que configura a busca de Quincas Berro Dágua pressupõe primeiramente a negação de toda e qualquer imposição social ou massificação.

Dotado da capacidade de refutar o que não lhe convém, sente-se capaz de ir à busca do que almeja, iniciando sua trajetória, vivendo e morrendo socialmente diversas vezes, ainda que para isso deixe a aparente estabilidade de sua casa, ou o espaço boêmio das vielas e ladeiras de Salvador.

Culmina na certeza de que para afirmar-se será sempre necessário sair de sua zona de conforto e, literalmente, mergulhar em águas mais profundas, elegendo a busca como condição necessária ao alcance de tal utópica liberdade.

3.1 A negação

Quincas Berro Dágua é o elemento perturbador da ordem social pré-estabelecida. Ele se recusa a viver alienado por uma sociedade que deseja impor-se sobre a capacidade de escolha individual e crítica. Percebe-se sendo conduzido por conceitos que não correspondem às suas aspirações e, por isso, decide dizer um veemente *não* a tudo aquilo que o massifica.

Amado retrata camadas sociais bem definidas a partir da delimitação do núcleo discursivo familiar burguês e do núcleo discursivo dos amigos, marginalizados. Apesar de fazer a caracterização de uma sociedade economicamente capitalista, em que os bens materiais geram a (des)valorização do indivíduo, tornando-os bens sociais regulados economicamente, nota-se que o recurso polifônico por ele utilizado coloca em questão as vozes retratadas por esses núcleos. A ironia com que Quincas refere-se a estes suscita questionamentos sobre a validade de suas afirmações, satirizando a organização econômica, política e social.

Através da polifonia, essas camadas sociais são colocadas num mesmo patamar avaliativo, e a negação de Quincas em pertencer a elas suscita uma avaliação ideológica. Apesar das disparidades econômicas, ambos os núcleos deixam-se levar pelo meio em que estão inseridos, tornando-se ali sua zona de conforto. Deixar os conceitos já cristalizados de que partilham e seu espaço social lhes parece inconcebível, e assim vão vivendo de acordo com o modo como a sociedade dita onde devem se inserir.

Agem acriticamente, de acordo com as convenções sociais que delimitam suas ideias e ações. Ainda que inseridos numa dinâmica econômica capitalista, estão

impregnados por certo marxismo cultural. Assim como Amado viu-se cerceado por esse sistema, os personagens por ele retratados também o são: todavia, não mais claramente como o autor, mas, silenciosamente, são massificados pelo sistema. Quincas assume um posicionamento parecido com o de Amado: recusa-se a ser massificado e ter sua liberdade cerceada. Acerca da cultura de massas, Baudrillard assevera:

É com o pensamento marxista em seus desenvolvimentos sucessivos que se inaugura o fim do político e de sua energia própria. Nesse momento começa a hegemonia definitiva do social e do econômico, e a coação, para o político, de ser o espelho, legislativo, institucional, executivo, do social. A autonomia do político é inversamente proporcional à crescente hegemonia do social. O pensamento liberal sempre viveu de uma espécie de dialética nostálgica entre os dois, mas o pensamento socialista, o pensamento revolucionário postula abertamente uma dissolução do político no fim da história, na transparência definitiva do social. O social triunfou. Mas a esse nível de generalização, de saturação, em que só há o grau zero do político, a esse nível de referência absoluta, de onipresença e de difração em todos os interstícios do espaço físico e mental, o que se torna o próprio social? É o sinal de seu fim: a energia do social se inverte, sua especificidade se perde, sua qualidade histórica e sua idealidade desaparecem em benefício de uma configuração em que não só o político se volatilizou, mas em que o próprio social não tem mais nome. A MASSA. AS MASSAS (BAUDRILLARD, 1994, p. 20-21).

Na modernidade, o âmbito político tem a capacidade de conciliar as diferentes opiniões e segmentos, no sentido de instaurar a harmonia social: sua função não é a de transformar todos os seguimentos sociais em um só igualitário, suprimindo as diferenças, mas equalizar as oportunidades no sentido da convivência harmônica entre essas diferenças.

Há, na (re)escrita da história de Quincas Berro Dágua, disparidades econômicas bem delimitadas. Todavia, os personagens agem da mesma forma dentro do círculo social no qual se encontram inseridos: acomodados e confortáveis, não veem a necessidade de reconhecer as diferenças e de questioná-las. As discussões políticas dão lugar a esse conformismo social, que se caracteriza pelas diferenças econômicas, mas não críticas. A preponderância do social gera, então, uma de cultura de massas, em que os indivíduos são levados pela corrente, mas não são capazes de posicionar-se diante desta. Na narrativa, o social retira o espaço do individual e almeja, a todo custo, sobrepor-se àqueles que o questionam, como o personagem principal.

A cultura de massa é criticada por Amado, sendo Quincas o elemento que se desloca desse sistema e questiona-o através da ironia. Há uma preocupação em deslocar as ideologias retratadas, tirá-las de seu lugar comum e sobre elas refletir; há um engajamento no sentido de mostrar como o social deixou de ser político, corroborando com opiniões expressas em sua autobiografia:

(São Paulo, 1933, 1938, 1945 – o revolucionário)

O jargão esquerdista reduziu a significação das palavras *revolução* e *revolucionário*, deu-lhes conteúdo ideológico estrito, limitado, retirou-lhes a amplitude e a grandeza. Também a direita concorreu para a falsificação, não fez por menos: classificar o golpe de estado militar de 1964 de revolução é desconhecer, deturpar a verdade dos fatos, cada qual sua salafrice. Revolucionário passou a identificar qualquer borra-botas a militar em partido ou grupelho dito operário ou marxista, os teóricos de oitiva nos diversos desvios do leninismo, do trotskismo, do stalinismo, do maoísmo, os simpatizantes do sistema soviético de governo, enquanto pessoas, fatos, livros realmente revolucionários perderam o direito de serem considerados como tais. Revolução virou etiqueta de ditadura, revolucionário é corruptela. *Quem sabe agora, com o desmascaramento das ideologias, podemos reencontrar a dimensão, a amplitude real de palavras de conteúdo tão denso e expressivo, espero que aconteça* (AMADO, 1992, p. 331-332, grifo nosso).

Nota-se como o autor posiciona-se: não mais se coloca de um lado ou de outro, porém observa, criticamente, que ideologias ditas completas, em realidade, conduziram seus adeptos à alienação. Questiona as revoluções, tendo em vista às experiências políticas pelas quais passou. Possui, agora, a preocupação de desmascarar, ou de, nos termos de Sartre, “desvendar”, as ideologias, engajado em vivenciar e incitar nos leitores uma postura verdadeiramente política.

Na narrativa, encontram-se afirmações como esta: “assim é o mundo, povoado de cétricos e negativistas, *amarrados, como bois na canga*, à ordem e à lei, aos procedimentos habituais, ao papel selado” (AMADO, 1998, p. 2, grifo nosso). A falta de reflexão pessoal e de criticidade é tida como uma condição animalizadora, uma vez que destitui o ser humano de sua capacidade essencial: pensar. Nota-se durante o percurso de Quincas Berro Dágua seu incômodo com o “papel selado” (AMADO, 1998, p. 2), com os pensamentos estreitos e fechados: com a massificação que observa ao seu redor.

O personagem não é envolto por uma ideologia redentora, mas questiona tudo aquilo que está no seu entorno e, quanto mais tentam coloca-lo numa camisa de força, mais Quincas torna-se debochativo, conforme nota-se no seguinte fragmento:

Nem agora, morto e estirado num caixão, com velas aos pés, vestido de boas roupas, ele se entregava. Ria com a boca e com os olhos, não era de admirar se começasse a assoviar. E, além do mais, um dos polegares – o da mão esquerda – não estava devidamente cruzado sobre o outro, elevava-se no ar, anárquico e debochativo.

– Jararaca! – disse de novo, e assoviou gaiatamente.

Vanda estremeceu na cadeira, passou a mão no rosto – será que estou enlouquecendo? –, sentiu faltar-lhe o ar, o calor fazia-se insuportável, sua cabeça rodava (AMADO, 1998, p. 38).

A morte física de Quincas não corresponde à sua morte discursiva. Ele (re)vive na memória dos personagens, dialogicamente. Sua voz está sempre em confronto, o personagem não se enquadra nas ideologias e modos a ele imputados. Sua resposta é sempre negativa e contrária, “anárquica e debochativa”.

Vanda é a continuidade da repressão de sua mãe, Otacília. Consciente disso, a personagem vê-se chamada pelo pai da mesma forma que este se referiu à sua mãe, quando deixou sua casa e instaurou a negação a tudo a que lhe obrigavam. Essa repetição ocorre somente no nível discursivo, uma vez que o personagem já não possui vida física. Sua voz ecoa dialogicamente na mente da filha, de forma responsiva aos atos desta, similares ao da mãe, na tentativa de prendê-lo ao estereótipo de Joaquim.

A caracterização de Quincas no velório proporcionado a ele por sua família demonstra que, a todo o momento, sua postura em vida era a da negação e, por isso, ressoa nas lembranças dos demais personagens esse posicionamento, que se repete.

A negação de Quincas frente aos estereótipos, às respostas prontas e acabadas, é o primeiro passo rumo à sua busca por liberdade. Esta, por sua vez, caracteriza-se pela crítica a conceitos pré-estabelecidos, pelo engajamento em recuperar sua individualidade.

Acerca desse mundo (re)criado, Sartre assevera:

É esse mundo bem conhecido que o autor anima e impregna com sua liberdade, e é a partir dele que o leitor deve realizar a sua libertação concreta; ele é a alienação, a situação, a história, é ele que deve recuperar e assumir, é ele que devo mudar ou conservar, para mim e para os outros. Pois

se o aspecto imediato da liberdade é negatividade, sabe-se que não se trata do poder abstrato de dizer não, mas de uma negatividade concreta, que retém em si aquilo que nega e dele se impregna por inteiro (SARTRE, 2004, p. 58, grifo nosso).

O mundo fictício, a partir desse engajamento, torna-se mote para uma reflexão acerca do que se encontra além das páginas. Joaquim ou Quincas, nomes comuns, torna-se todo aquele que vê sua individualidade ser sorrateiramente tomada. O leitor é impelido, como o personagem, a posicionar-se criticamente ante as imposições e para elas dizer não quando necessário. Assim, engaja-se no mundo.

A negação do personagem não consiste somente no ato de refutar, mas traz em seu âmago a reflexão acerca do que foi negado, num posicionamento crítico, entrevisto a partir da ironia repleta de indignação frente à coisificação do ser humano. O personagem, através da subversão, critica a todos que não pensam por si próprios.

Em sua autobiografia, Amado assim discorre:

Pensar pela própria cabeça custa caro, preço alto. Quem se decidir a fazê-lo será alvo do patrulhamento feroz das ideologias, as de direita e as de esquerda e as volúveis: há de tudo, e todas implacáveis. Ver-se-á acusado, xingado, caluniado, renegado, posto no pelourinho, crucificado. Ainda assim vale a pena, seja qual for o pagamento, será barato: a liberdade de pensar pela própria cabeça não tem preço que a pague (AMADO, 1992, p. 50-51).

A reflexão do autor baiano é válida para seu personagem, que paga o preço por querer “*pensar pela própria cabeça*” (AMADO, 1992, p. 50), é colocado à margem social. Todavia, em toda a sua trajetória, nota-se seu contentamento na busca por sua liberdade de pensamento, mostrando que, realmente, “*não tem preço que a pague*” (AMADO, 1992, p. 50-51), uma vez que é preferível ao personagem viver uma vida errante do que se sentir preso e sufocado.

Seu sorriso é marca de sua resistência. Em situações nas quais este seria inconcebível, lá está presente. A ironia presente em cenas como esta demonstra a resistência de Quincas frente às imposições:

Quando Vanda começava a acreditar o pai vencido, disposto finalmente a entregar-se, a silenciar os lábios de sujas palavras, derrotado pela resistência silenciosa e cheia de dignidade por ela oposta a todas as suas provocações, de novo resplandecia o sorriso na face morta, mais do que

nunca era de Quincas Berro D'água o cadáver em sua frente (AMADO, 1998, p. 63, grifos nossos).

Quincas parece invencível e obstinado em sua luta. Seu incômodo em vida permanece mesmo quando morto, por isso, paradoxalmente, permanece vivo, sendo impossível silenciá-lo. Ainda que o personagem seja incapaz, na situação em que se encontra, de pronunciar quaisquer palavras que sejam, seu engajamento na busca pela liberdade permanece vivo na memória dos que o cercam.

Essa subversão irônica se expressa nas palavras e atitudes que tiram as situações do seu aspecto convencional, tal como acontece na cena acima, tem o intuito de dessacralizar aqueles que vivem pelas aparências, massificados.

O enterro de Quincas por sua filha Vanda não expressa dor ou compaixão, pelo contrário, destitui a situação de seu aspecto comum e subverte seus sentidos. O sorriso, sobretudo daquele que é velado, é inconcebível para tal momento. Todavia, o “habitual sorriso acolhedor” (AMADO, 1998, p. 8) de Quincas se sobressai. Habitual, pois seu sorriso é uma afronta para aqueles que não conseguem compreender as aspirações do personagem, que escolhe como meta a felicidade que deve advir da busca pela liberdade.

O sorriso é provocativo, e assim como em inúmeras outras situações, Quincas desafia a tradição do momento e instaura sua subversão através da ironia. Esta, segundo Hutcheon, “é a transmissão intencional tanto da informação quanto da atitude avaliadora além do que é apresentado explicitamente” (HUTCHEON, 2000, p. 28).

Nesse sentido, as atitudes subversivas de Quincas são intencionais. Seu sorriso não representa somente alegria ou satisfação, mas traz a carga avaliativa para o momento de seu velório e para sua família. O personagem não sorri para eles, sobretudo ri deles. Das pompas, das aparências. Sorri de satisfação por conseguir enxergar aquilo que os que estão ao seu redor são incapazes de ver. Quincas sorri para refutar e negar aquele momento e o que ele representa: “através da estética do riso, o autor [Jorge Amado] desarma o automatismo da sociedade e seus valores imponderáveis” (LUCAS, 2005, p. 76).

O humor culmina na ironia, que tem a capacidade de trazer à baila significados distintos dos que parecem claros para as situações criadas na narrativa. Não é uma comicidade inocente, mas repleta de significados em suas entrelinhas, especialmente no

que diz respeito à subversão e à negação do dado, com o intuito de deslocar essas situações e ressignificá-las através de um prisma crítico. Nesse contexto, é pertinente a afirmação de Machado:

Cada vez mais, o humor está presente, como se o autor [Jorge Amado] renunciasse às pompas engravatadas e *levasse cada vez menos a sério solenes discursos cheios de promessas e certezas intelectuais*. Não substitui, porém, pelas graçolas rasas de um humor gratuito e passageiro. Muitas vezes a organização de toda a narrativa se faz em torno da presença estruturadora de uma *comacidade crítica*, que vai além do cômico superficial, cresce para a *sátira social*, aprofunda o picaresco e chega ao grotesco. *Um humor libertário*, muitas vezes fundindo ao onírico e delirante, seja por meio de estados alterados da consciência (da bebedeira ao transe), seja pela intensidade da emoção na corda lírica retesada [...], seja pelo coro coletivo que multiplica suas vozes e máscaras em sucessivas contribuições cômicas, como uma grande *troupe* de palhaços saltimbancos (MACHADO, 2003, p. 103, grifos nossos).

O humor, no contexto da obra amadiana e especialmente na narrativa em questão, funciona como meio para a crítica aos discursos que tomam forma a partir dos núcleos familiar e dos amigos. Superficialmente cômico é, em realidade, irônico, e, deslocando os elementos aos quais se dirige do lugar comum, instaura a sátira social: utiliza dos próprios segmentos, das próprias ideologias a eles pertencentes, para questioná-los.

Assim, a burguesia é questionada por sua alienação, por optar viver de aparências, numa vida sem sentido; os amigos do falecido, representativos das classes marginalizadas, apesar terem a simpatia de Quincas, sofrem também a ironia do personagem, pois também não o compreendem: todos são massificados, acomodados nos locais sociais que lhe são designados. Por isso Bruneti afirma que, na novela, “a família vê tudo em termos de transação monetária; os amigos em termos de perda pessoal” (BRUNETI, 1982, p. 238).

Todos se assustam com as atitudes subversivas de Quincas Berro Dágua, pois são incapazes de compreender o que o personagem critica em sua ironia e em sua resistência. Todavia, sentem-se atingidos; mas não conseguem superar a si mesmos, como o personagem, e sair de sua zona de conforto.

Esse “humor libertário” (MACHADO, 2003, p. 103) tem como característica o

[...] discurso irônico, [no qual] toda posição solapa a si mesma, deixando assim o escritor politicamente engajado numa posição onde seu discurso

irônico poderia começar a desconstruir a própria política (MOI, 1985, p. 40 *apud* HUTCHEON, 2000, p. 35).

Há, nessa resistência expressa através da ironia, um engajamento crítico, representado por Quincas Berro Dágua, que não se deixa definir pelos discursos que o circundam. Ele toma posse desses discursos para desconstruí-los, num intuito de posicionar-se contra eles, solapando o social e abrindo caminho ao pessoal, pois, “o herói de Jorge Amado é um homem ou mulher que diz *não*, que não admite os mecanismos opressores da sociedade” (MACHADO, 2006, p. 74).

A resistência e a ironia que permeiam suas vidas – e mortes – formam e endossam seu posicionamento ao longo de toda a narrativa: servem para negar tudo aquilo que objetifica a existência, tudo o que o impede de pensar por si próprio e que cerceia sua liberdade.

O personagem não deixa explícito seu posicionamento, pois somente aqueles que almejam pensar por si próprios e libertar-se intelectualmente conseguem captar a sagacidade de seus posicionamentos e da ironia que permeia sua trajetória. Quincas instaura a negatividade frente à opressão intelectual, forçando o leitor a sair de sua zona de conforto para compreender os significados contidos nas entrelinhas de sua história.

Sartre salienta que “se a negatividade é um dos aspectos da liberdade, a construção é o outro” (SARTRE, 2004, p. 173). A negatividade consiste na desconstrução que, por sua vez, pressupõe e clama pela construção do novo.

Quincas engaja-se na busca por essa liberdade, e a negação às imposições é o passo que o move: o personagem pode não definir exatamente onde almeja chegar, mas sabe que o caminho se inicia pela negação a tudo que o cerceia. Sua condição é a da busca por essa liberdade, que começa a ser construída a partir da negação.

3.2 O trajeto

Em busca de sua liberdade, Quincas Berro Dágua traça um trajeto. Esse trajeto exterior tem íntima ligação com suas aspirações interiores. Negando sua presença em determinado lugar, em realidade, Quincas nega compactuar com o modo de vida ali desenvolvido. O personagem busca sempre ir além; os ambientes fechados parecem

sufocá-lo, e os ambientes abertos, por sua vez, servem como meio para a busca dessa utópica liberdade. Observando esse quadro, Lucas afirma que

toda uma tradição literária acabou por transformar em norma canônica a relação entre o deslocamento no espaço e o percurso interior [...]. No romance amadiano, no qual o discurso introspectivo está praticamente ausente, é a correlação entre o espaço percorrido e a transformação do personagem que é significativa (LUCAS, 2004, p. 205).

Há, portanto, uma correlação entre os espaços percorridos por Quincas e seus posicionamentos e reflexões. Uma vez que o personagem encontra-se fisicamente sem vida, é seu discurso que permanece vivo: um discurso de negação para a construção do novo. Seu trajeto exterior está em consonância com esse discurso.

Começando ainda em vida, todavia apenas rememorado, seu trajeto inicia-se quando Joaquim deixa sua casa. Esta o sufoca e cerceia, como sua família. O lar, que deveria ser um local de descanso, torna-se um local de repressão. Ali, o personagem sente que não pode ser ele mesmo, uma vez que é permeado por regras ditadas pela ideologia que o domina nesse ambiente.

A partir do momento em que descortina a seus olhos a situação em que se encontra, é inconcebível a Joaquim ali permanecer:

A verdade é que Joaquim só começara a contar em suas vidas [de sua família] quando, naquele dia absurdo, depois de ter tachado Leonardo de bestalhão, fitou a ela [Vanda] e a Otacília e soltou-lhes na cara, inesperadamente:

– Jararacas!

E, com a maior tranquilidade desse mundo, como se estivesse a realizar o menor e mais banal dos atos, *foi-se embora e não voltou* (AMADO, 1998, p. 35, grifo nosso).

Nota-se no trecho que o narrador absorve os discursos dos personagens. Ao retratar que o dia da saída de Quincas de casa foi “absurdo”, expressa a opinião de sua família, que se colocou contra essa decisão, pois mancharia, irremediavelmente, sua imagem.

Porém, ao retratar a saída de Quincas, “com a maior tranquilidade desse mundo” (AMADO, 1998, p. 35), muda seu tom, notando-se que está em consonância com o espírito do personagem.

Joaquim estava farto de conviver com “jararacas” (AMADO, 1998, p. 35). O animal, na cultura popular brasileira, é uma cobra que, na linguagem informal, tem seu nome atrelado à esperteza, maldade, ambição. Ao atribuir tal adjetivo à sua esposa e à sua filha, Joaquim demonstra todo seu cansaço com aquela estrutura social em que se inseria, na qual seus familiares funcionam como metonímia. O personagem opera, nesse momento, uma espécie de catarse que altera, para sempre, sua vida e a de seus familiares.

Há, nessa atitude de Quincas, um desmascaramento, um desvendamento que leva à ligação entre sua saída de casa e as razões que o levaram a isso: buscar sua liberdade, uma vez que se encontra farto de ver suas ações e sua vida ditadas por normas e regras sociais vazias de sentido.

Longe do abrigo e da estabilidade familiar, o personagem tem a oportunidade de exercer-se, de viver sua individualidade. Todavia, suas ações parecem enquadrar-se mais como tentativas de subversão do que, necessariamente, como exercício da liberdade. Quincas age como uma espécie de criança que tem a oportunidade de viver sem os pais mandando e ditando regras. Por isso, faz o que quer, como, quando e onde deseja.

As ruas, vielas e ladeiras de Salvador tornam-se seu lar e seu ambiente preferido, em contraste com os significados que sua casa possui. Nelas, o personagem vive uma espécie de anarquismo pessoal. Morre Joaquim, vive Quincas Berro Dágua. A casa, ambiente fechado, é negada em favor da abertura e das possibilidades de independência pessoal que a rua traz. As normas das ruas são menos repressivas dos que as impostas a ele como chefe de uma casa, pois, no romance amadiano, “a rua, enquanto lugar do povo, atrai para o seu espaço edificante os personagens pequeno-burgueses sedentos de sentido e em busca de verdades fundamentais” (LUCAS, 2004, p. 202).

A caracterização do espaço aberto das ruas de Salvador coloca o personagem num ambiente propício ao exercício da liberdade que almeja, ainda que, por aqueles que deixou para traz, seja visto como louco: “mar, porto e brisa, as ladeiras subindo pela montanha, os ruídos da rua faziam parte daquela terminada existência de infame desvario” (AMADO, 1998, p. 33). Para muitos, Quincas era um desvairado, todavia, aqueles que compreendem o percurso de suas vidas e mortes o veem como um

indivíduo que contestou, até o fim, o direito ser ele mesmo, de exercer sua individualidade ante as pressões sociais.

As ruas da cidade representam o caminho para a almejada liberdade. É percorrendo esse espaço, que por si só configura a possibilidade de mobilidade exterior, que o personagem exerce a possibilidade da mobilidade interior, isto é, intelectual:

Quanto às ruas da cidade, elas são dotadas de várias significações no simbolismo amadiano: biótopo do “se virar” picaresco, lugar por excelência sagrado da liberdade popular, espaço seletivo da luta pela vida e da aventura, *caminhos da errância e da feliz vagabundagem contrastando com o mundo confinado das casas pequeno-burguesas sufocadas pelo conformismo social*. As ruas pertencem aos meninos abandonados, às prostitutas, aos estivadores, às vendedoras de acarajé, aos noctâmbulos bêbados. *Elas constituem o lugar paradoxal de regeneração popular de personagens pequeno-burgueses que fazem delas o espaço de uma segunda vida caracterizada por uma verdadeira liberdade, segundo a ótica amadiana* (LUCAS, 2004, p. 201-202, grifos nossos).

Há, na negação do personagem pelo espaço de sua casa, pequeno-burguês, o deslocamento e a valorização daqueles que habitam as ruas de Salvador: os marginalizados. Sua convivência com esses personagens, com suas vozes retratadas a partir do recurso polifônico, dá legitimidade a seus discursos. Todos, inclusive estes, são questionados a partir da força irônica que emana de Quincas Berro Dágua.

A vida levada por este nas ruas pode, num primeiro momento, parecer o exercício de uma “verdadeira liberdade” (LUCAS, 2004, p. 202). Todavia, seu desaparecimento no mar desconstruirá esta ilusão, uma vez que era inadmissível a Quincas prender-se em terra, habitat consagrado dos homens e de suas ideologias, conforme afirmado por ele mesmo:

Então Quincas Berro Dágua fazia seu solene juramento: reservara ao mar a honra de sua hora derradeira, de seu momento final. *Não haviam de prendê-lo em sete palmos de terra, ah! isso não! Exigiria, quando a hora chegasse, a liberdade do mar*, as viagens que não fizera em vida, as travessias mais ousadas, os feitos sem exemplo (AMADO, 1998, p. 43, grifos nossos).

A liberdade das ruas ainda não era suficiente para Quincas. Por isso proclama que somente o mar mereceria, literalmente, abarcá-lo. “Não haviam de prendê-lo” (AMADO, 1998, p. 43) em terra, pois esta não era suficiente para seus ideais; aqueles que nela habitam são incapazes de compreender aquilo que ele conseguiu desvendar.

Surge o mar, então, com toda a simbologia que o cerca: a linha infinita que possui não permite ao olho humano, em terra, visualizar seu fim. Por isso, contempla-o como espaço infinito e misterioso. Para Quincas, então, este seria o espaço que poderia enfim recebê-lo como local de vivência dessa incompreensível liberdade, impossível de ser alcançada em terra.

Há, portanto, na gradação da mobilidade exterior, uma gradação da mobilidade interior: quanto mais aberto o local, maior sua representatividade quanto à ânsia de Quincas Berro Dágua na busca por liberdade, conforme esquematizado por Santa'Anna:

CASA	RUA	MAR
Fechamento/morte	Abertura/vida	Vida/morte míticas

(SANTA'ANNA, 1983, p. 62).

A casa, ambiente fechado, representa as pressões sociais, a morte da individualidade e da liberdade pessoal. A rua, por sua vez, traz a abertura à vida, a busca por essa liberdade negada no ambiente familiar de Quincas. O mar, por fim, representa o alcance da vida, sendo a morte condição necessária ao nascimento do mito de sua busca pela liberdade. Desse modo, a rua não é o espaço de exercício pleno da liberdade, e sim o mar, infinito como esta: “a rigor, nesta novela, o mar vai ser um prolongamento da praça pública e das ruas, enquanto espaço da liberdade. Só que acumulando um significado simbólico mais denso” (SANTA'ANNA, 1983, p. 62).

A observação da trajetória exterior de Quincas Berro Dágua corrobora com sua caracterização subversiva: o personagem está, a todo o momento, operando deslocamentos e desconstruções de significados, engajando-se na busca por autenticidade e liberdade. Nesse sentido, é pertinente a afirmação de Lucas:

O espírito de revolta, que constitui um dos valores fundamentais da ética amadiana, impele os indivíduos a recusar a fatalidade e a mudar de espaço, a fim de escapar a certos contextos que os condenam. A relação ao espaço transforma-se então numa aventura de vida e de morte. Os indivíduos que conseguem atravessar o espaço geográfico e existencial são os que possuem certos dons: a perseverança, a combatividade, a capacidade de se relacionar e de se inserir nos combates coletivos (LUCAS, 2004, p. 208).

Quincas recusa-se a ser vítima da fatalidade e assume para si a responsabilidade de seu destino. Sua mobilidade espacial é reflexo do impulso que o leva à mudança

intelectual. Engaja-se nessa busca e engaja o leitor, também, nessa mesma busca; através da comicidade e de uma aparente simplicidade Quincas é reflexo, pois, de questões existenciais. Sua busca por liberdade pessoal é expressa no trajeto que traça, aparentemente despretensioso e errante, mas certo e decidido em questionar valores cristalizados e buscar a almejada e utópica liberdade.

3.3 Navegar é preciso

A observação do trajeto de Quincas Berro Dágua auxilia na compreensão do local que escolhe para seu fim: o mar, “as águas sem fim” (AMADO, 1998, p. 42). Este possui uma significação densa, conforme salientado por Sant’Anna (1983, p. 62). Essa significação é endossada pelo personagem, que assim enuncia:

Não proclamara, peremptório, e tantas vezes, Quincas Berro Dágua, com voz e jeito capazes de convencer ao mais descrente, que jamais morreria em terra, que só um túmulo era digno de sua picardia: o mar banhado de lua, as águas sem fim? (AMADO, 1998, p. 42).

O personagem tem consciência de que somente o mar seria o espaço propício para a expressão do que almeja: a liberdade “sem fim”, como as águas em que se atirou. Por isso, há uma oposição entre seu caixão em terra e o saveiro que embarca no mar.

O caixão possui cristalizado o significado de fechamento, de morte, representa o fim. O barco, por sua vez, representa as viagens marítimas, a transposição de locais, a busca pelo novo, pelo desconhecido. Enunciando que jamais morreria em terra, Quincas está negando os valores desta, pois somente o mar seria digno de compreendê-lo. Assim como o mar representa a infinitude, configura-se sua busca. Por isso, Sant’Anna afirma:

O Joaquim está para a casa, o retrato na sala, o caixão bem arrumado, assim como o Quincas está para a zona boêmia, para o esfarrapado e aquele que nem caixão teve, pois acabou desaparecendo no mar. O interior se opõe ao exterior. E o exterior leva vantagem. Quincas é seqüestrado para a *liberdade mítica e utópica* (SANT’ANNA, 1983, p.61, grifo nosso).

Ao negar terminar sua existência preso ao caixão, Quincas nega, em realidade, a vida de Joaquim e todas as implicações desta. Reforça a negação aos valores que

constituíam a vida de Joaquim. Todavia, a morte social de Joaquim por Quincas possui uma avaliação ideológica diferente daquela feita pela família: para ele, representa o nascimento de uma vida livre. Essa atitude nega, também, sua vida nas ruas: fora um meio de exercer e de buscar sua liberdade, entretanto, não se configura, ainda, como o espaço ideal de sua realização.

O mar apresenta-lhe essa possibilidade, não como a realização plena de sua liberdade, mas como modo de reforçar os questionamentos de seu discurso e de sua busca, negando ser (de)limitado em terra, pois,

de acordo com uma certa tradição do romance marítimo, o mar condensa uma intensidade muito forte de sentidos devido a duas características: a imensidade de sua extensão e a morte violenta. Ele inspira aventuras fazendo com que a busca espiritual coexista com os perigos da morte violenta (LUCAS, 2004, p. 197).

A busca espiritual, na novela, configura-se pela liberdade existencial e de exercício da individualidade, em detrimento das imposições sociais sofridas pelo personagem principal. A morte violenta coloca-se fora dos moldes tradicionais e, novamente, Quincas foge do padrão, para afirmar sua posição: “como a maioria dos espaços do romance amadiano, o mar é um lugar seletivo e um lugar de verdade” (LUCAS, 2004, p. 198). Em alto-mar, longe da sociedade, Quincas reitera sua individualidade e sua aversão a uma sociedade massificada.

Para o personagem, desse modo, é impossível aceitar ser preso em um caixão. Porém, atirando-se ao mar, nega, também, o barco que o conduzia:

No meio do ruído, do mar em fúria, do saveiro em perigo, à luz dos raios, viram Quincas atirar-se e ouviram sua frase derradeira.
Penetrava o saveiro nas águas calmas do quebra-mar, mas Quincas ficara na tempestade, envolto num lençol de ondas e espuma, *por sua própria vontade* (AMADO, 1998, p. 94, grifo nosso).

Quincas faz questão de sobrepor sua própria vontade ao que é considerado comum. Nas condições em que se encontrava, seria natural que pedisse socorro, que resiste a perder-se no mar. Todavia, “por sua própria vontade” (AMADO, 1998, p. 94), atira-se nas águas, não sente medo da tempestade. Novamente, Quincas quebra padrões tradicionais para firmar sua vontade, sua individualidade.

Ao deixar o barco e penetrar nas águas, reforça a ideia de negação que contempla sua subversão:

Mas há uma correlação que se tem que fazer ainda: um paralelo entre a imagem do *caixão* na terra e do *navio* no mar. O navio seria de fato o segundo caixão de Quincas. Mas assim como deixa vazio o caixão na terra, quando é sequestrado pelos amigos, também salta miticamente do barco. Nem o caixão nem o navio podem com ele. Herói anfíbio, de terra-e-mar, *continua insituável* na sua ludicidade carnalizadora (SANT'ANNA, 1983, p. 63, grifo nosso).

Quincas não deseja inserir-se em nenhum tipo de padrão ou normalidade. Sua existência, suas vidas e sucessivas mortes, representam a resistência ao senso comum, à acomodação a valores pré-estabelecidos. Nega o barco assim como nega o caixão: continua insituável, pois suas principais características são o questionamento e a busca, não, necessariamente, as respostas.

Há, na alcunha de seu nome, “Berro Dágua”, uma riqueza de significados. A água é o princípio da vida humana. Para o personagem, representa o início de sua busca, a partir daí sua existência é considerada como vida. Antes, o personagem não vivia, somente existia. Tornar-se Quincas Berro Dágua é renunciar à sua vida pregressa.

Em suas andanças, a água está presente nos porres constantes, na subversão de valores daquele que está fisicamente ébrio, mas intelectualmente sóbrio. E, em seu fim, Quincas berra pela água, clama por ela. Ao mesmo tempo em que a deseja, a refuta: deseja-a por colocar nela a esperança da infinitude, porém, no fundo, sua escolha por ela é por não conseguir enxergar uma solução em terra. Por isso, “continua insituável” (SANT'ANNA, 1983, p. 63). Nesse contexto, afirma Bruneti:

Observe-se a este respeito que a identidade de Quincas como Quincas Berro Dágua, apesar da aparente adesão do narrador, é tão falsa quanto a sua personalidade de funcionário público porque a alcunha integra e explicita a rejeição de seu destino (BRUNETI, 1982, p. 239).

Reflexivo, Quincas contempla a água do mar: “Quincas não respondia: aspirava o ar marítimo, uma de suas mãos tocava a água, abrindo um risco nas ondas” (AMADO, 1998, p. 91-92). Novamente, a ironia presente na narrativa amplia seu significado: para os ingênuos, o trecho retrata apenas a falta de ação daquele que já se encontra sem vida; para os mais sagazes, Quincas está discursivamente inserido na reflexão acerca das

implicações para os que estão ao seu redor ao se atirar no mar, ressignificando-o. Pois “a função mais construtiva ou ‘apropriada’ da ironia teria como alvo o próprio *sistema*” (HUTCHEON, 2000, p. 36). E este é, exatamente, o objetivo de Quincas: atingir o sistema em que está inserido, representado metonimicamente pelo núcleo familiar e pelo núcleo de seus amigos e, a partir daí, buscar a liberdade desse sistema político-ideológico.

Essa liberdade buscada na obra amadiana configura-se como uma forma de insubmissão: “a insubmissão das individualidades, das particularidades, é desenvolvida até a celebração da fantasia” (PORTELLA, p.112, 1983). Quincas Berro Dágua é a personificação da ironia e, por consequência, da subversão; rejeita o que torna a todos comuns, pois busca a afirmação de sua liberdade individual. Espertamente, Amado utiliza-se da fantasia para engajar o leitor no mundo real, operando uma transposição dialógica de valores entre sonho e realidade.

Nesse sentido, o personagem transita entre ficção e realidade, e, de acordo com Brait, “a personagem não encontra espaço na dicotomia ser *reproduzido/ser inventado*. Ela percorre as dobras e viés dessa relação e aí situa sua existência” (BRAIT, 1987, p. 12). É impossível, portanto, dissociar a figura de Quincas do mundo real; há um intercâmbio entre ficção e realidade, tanto na composição do personagem quanto em relação aos valores que são colocados em questão na narrativa.

O leitor, então, é mobilizado a desvendar essa relação entre mundo ficcional e mundo real: “esse dialogismo submerso é uma das peculiaridades da prosa de Jorge Amado, que apela para a inteligência e a coadjuvação do leitor no estabelecimento do significado do romance” (LUCAS, 2005, p. 73). A interpretação da ironia e das funções da polifonia presentes na novela é essencial para que seja estabelecido um significado crítico acerca das questões que são levantadas. Para isso, o leitor é mobilizado a sair de sua zona de conforto, como Quincas, e desvendar os significados presentes nas entrelinhas da aparente simplicidade da história do personagem.

Há, na exploração do riso e da fantasia, o intuito de ressignificar situações, indivíduos e valores cristalizados pelo senso comum. Como consequência, há um deslocamento, operado pela trajetória de Quincas, que influencia para além da narrativa, como salientado por Lucas:

Há um momento, na obra de Jorge Amado, em que a força de atração ideativa deixa de ser a justiça social para se concentrar na *aspiração da liberdade*. E o fermento dessa visão de mundo se transpõe do romantismo sentimental e visionário para a *explosão do riso e do sonho como atributos desrepressores do ser humano*. Assiste-se, então, ao ocaso da certeza apodítica ou da verdade doutrinária, para ingressar-se na esfera do relativismo quanto à conduta humana (LUCAS, 20015, p. 67, grifos nossos).

A fase de escrita amadiana em que se insere *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua* configura-se não somente por levantar questões sobre justiça social, mas, especialmente, pelo impulso na busca por liberdade. O recurso polifônico muda o prisma da questão social, e coloca em evidência o questionamento acerca de todos os segmentos retratados, e não de um em detrimento do outro. E é exatamente este recurso que contribuirá para a aspiração à liberdade, representada pela figura de Quincas, que deseja veementemente desprender-se de condutas sociais vazias de sentido.

A ironia e o riso, explorados em sua figura, são a mola para propulsora em sua busca por essa “desrepressão”, subvertendo valores cristalizados, apontando para o relativismo quanto às noções sociais delimitadas, desconstruindo valores na busca por essa utópica liberdade, pois, “o momento não é mais de fórmulas conhecidas ou de comportamentos sociais que correspondam às expectativas, mas de ênfase nas relações e na invenção” (MACHADO, 2003, p.112). Assim, a desconstrução de valores opera movimentos inesperados na narrativa, questionando estereótipos e, especialmente, relações sociais.

Atirando-se ao mar, Quincas nega tudo o que deixa em terra, exceto sua busca pela liberdade, que chega ao seu cume, tornando-se mítica, assim como sua história. O desaparecimento do personagem em alto-mar tem como consequência o rememoração de suas peripécias em vida, pois são essas lembranças que prevalecem.

A narrativa é finalizada com o espírito mítico no qual as vidas e mortes de Quincas Berro Dágua passam a ser retratadas após seu desaparecimento nas “águas sem fim” (AMADO, 1998, p. 42):

Quanto à frase derradeira há versões variadas. Mas quem poderia ouvir direito no meio daquele temporal? Segundo um trovador do Mercado, passou-se assim:
No meio da confusão
Ouviu-se Quincas dizer:
"– *Me enterro como entender*

*Na hora que resolver.
Podem guardar seu caixão
Pra melhor ocasião.
Não vou deixar me prender
Em cova rasa no chão."
E foi impossível saber
O resto de sua oração* (AMADO, 1998, p. 95-96).

No trecho que finaliza a história de Quincas, instaura-se a afirmação daquilo que ele próprio já havia enunciado em vida, de que não se deixaria ser preso em terra. Há na fala do trovador, que é um contador de histórias, o tom daquele que conta um fato mítico, inexplicável aos humanos, mas compreensível pelo herói que aspira a grandes ideais.

Em realidade, Quincas Berro D'água configura-se como um anti-herói, quebrando padrões e virando do avesso conceitos já bem conhecidos. Entretanto, permanece intacta, como principal característica dos heróis, sua busca pela liberdade. Novamente, o personagem transita entre conceitos, não se deixando definir por completo.

Quincas torna-se um ser mítico, dotado de coragem e de perseverança. Aspira à liberdade utópica de não se deixar ser definido, mas de exercer sua individualidade. Sua história, contada no Mercado pelo trovador, será, provavelmente, difundida entre e pelos habitantes de Salvador.

O conceito da liberdade buscada pelo personagem liga-se aos significados que o mar possui e, de acordo com Sartre,

a própria liberdade, considerada *sub specie aeternitatis*, parece um galho seco: tal como o mar, ela sempre recomeça; não é nada mais do que o movimento pelo qual perpetuamente nos desprendemos e nos libertamos. Não existe liberdade dada; é preciso conquistar-se às paixões, à raça, à classe, à nação, e conquistar junto consigo os outros homens (SARTRE, 2004, p. 55-56).

No contexto da obra estudada, a liberdade sempre recomeça a cada morte de Quincas, culminando em sua morte mítica no mar. Esse desprendimento do personagem é o que o impulsiona a um novo começo, com o intuito de deixar para trás tudo aquilo que o delimita.

A liberdade buscada por Quincas precisa ser conquistada e, por isso, sobrepõe-se a tudo que a sociedade o impõe; o personagem almeja a liberdade individual e

intelectual. Engaja-se nessa busca e, saindo do lugar comum, engaja o leitor no mesmo. Ainda que não incite este diretamente, seus questionamentos são uma forma de engajamento, ao propor a revisão de valores cristalizados através das sucessivas subversões que constituem sua história.

Sob esse prisma, a liberdade almejada por Quincas precisa ser conquistada, pois, “a liberdade *não é*, propriamente falando; ela se conquista numa situação histórica; cada livro propõe uma libertação concreta a partir de uma alienação particular” (SARTRE, 2004, p. 57). A liberdade não existe até que é impulsionada pelas sucessivas negações de Quincas, ela necessita ser conquistada pela superação do contexto em que está inserido, culminando em seu desaparecimento mítico no mar.

Quincas faz uma revisão da sociedade e, por consequência, da história, através de seus questionamentos. A literatura, então, tem a capacidade de, através da ficção, instaurar o questionamento de estruturas que compõem o mundo real, assim como Quincas o faz a partir da subversão de valores dos núcleos composto por sua família e amigos.

Esse movimento em busca da libertação de estruturas sociais consideradas rasas pelo personagem é expresso através da literatura que lhe dá vida:

E a literatura que o [ao indivíduo] libera, é uma função abstrata e um poder *a priori* da natureza humana; é o movimento pelo qual, a cada instante, o homem se liberta da história: em suma, é o exercício da liberdade (SARTRE, 2004, p. 82).

Na visão de Sartre, a literatura tem como característica essa capacidade de revisão da história, e por isso, é exercício da liberdade: é um movimento reflexivo e crítico, como a utópica liberdade buscada por Quincas Berro Dágua.

A revisão da história e de conceitos pré-estabelecidos configura-se, pois, como um exercício de engajamento: luta-se por um ideal, luta-se pela liberdade. Esta passa por diversos conceitos, sob o prisma no qual é condicionada. Porém, em *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, esse ideal tem em seu cerne a ânsia pela realização individual e pessoal.

Quincas, animado pelas experiências de seu autor, não deseja ser apenas mais um na multidão. Por isso, prefere a morte mítica a permanecer irreconhecível em meio a uma sociedade massificada.

Joaquim/ Quincas é metonímia daqueles que, sem notar, perderam sua voz e renderam-se a ideologias ditas portadoras de verdades únicas e completas, e que necessitam de um impulso intelectual renovador. O personagem é engajado na busca por uma liberdade crítica, pois, “a literatura o lança na batalha; escrever é uma certa maneira de desejar a liberdade; tendo começado, de bom grado ou à força você estará engajado” (SARTRE, 2004, p. 53).

Jorge Amado, ao dar vida a Quincas, dá vida, em realidade, a questionamentos que vão muito além da história do personagem; engaja-se e engaja os leitores na mesma busca de Quincas. A adesão é voluntária, todavia, os questionamentos são inevitáveis àqueles que têm contato com a narrativa.

Quincas traz à tona o questionamento às ideologias, todavia deixa intacta a principal característica dos heróis: a exaltação dos ideais e da liberdade. Herói ao avesso ou, ainda, anti-herói ao avesso, o personagem reverbera as experiências e ensinamentos de seu autor:

(Paris, 1988 – neném)

Juntos batalhamos, erramos e aprendemos. *Aprendemos na carne a diferença entre a grandeza dos ideais e a miséria da ideologia*, ficamos sabendo que o grande homem pode diminuir em anão quando o vírus do mando – ainda que seja nesga ínfima do poder absoluto – lhe invade o sangue e lhe atinge o coração. Havíamos aprendido tudo o que havia a aprender e *ninguém mais podia nos enganar*, mas não ficamos nem áridos nem pérfidos, *conservamos intacto o sonho que iluminou nosso percurso* (AMADO, 1992, p. 190, grifos nossos).

Em sua autobiografia, ao lembrar-se de suas experiências, com Neném, ex-secretário geral do Partido Comunista, Amado ressalta o modo como suas experiências políticas o atingiram: critica as ideologias ditas completas, mas seu posicionamento permanece intacto em relação à “grandeza dos ideais” (AMADO, 1998, p. 190). Ou seja, a busca pela liberdade. Nota que é impossível vivê-la à sombra das ideologias, porém sabe que também é impossível desvencilhar-se completamente destas, pois estão imbricadas à vida social.

Esta é, também, a questão que norteia a trajetória de Quincas Berro Dágua, culminando em seu desaparecimento mítico no mar. Resta, então, a busca por uma liberdade questionadora, crítica e inconformada com afirmações do senso comum. Há,

portanto, um desmascaramento da vida social, realizado através do desvendamento operado pela literatura.

Amado, ainda em sua autobiografia, afirma:

Onde quer que eu chegue, nas comarcas do mundo, províncias e metrópoles, vilarejos, encontro mesa posta e escuto uma palavra amiga. Alguém diz: li teu livro, companheiro, ri e chorei, me comovi. [...] aprendi com Quincas a não ser o outro e, sim, eu próprio (AMADO, 1992. p. 375-376).

O engajamento de Amado permanece em busca da liberdade, buscando-a, agora, através de uma atitude crítica. Expressando-o por meio da história de Quincas Berro Dágua, engaja o leitor nessa mesma busca, por uma liberdade individual.

Autor e personagem, então, navegam em busca do mesmo objetivo: Amado, em sua autobiografia, *Navegação de Cabotagem*, expõe inúmeras experiências que o levaram a buscar essa utópica liberdade; Quincas, em seus últimos momentos, navega, literalmente, em busca desse mesmo ideal.

A navegação representa a transposição de uma condição específica na busca de um objetivo além-mar e além seus perigos. Ambos preferiram enfrentar as condições adversas do ambiente marítimo, metaforicamente, do que render-se ao que lhes tornava apenas mais um em meio a uma sociedade que se torna a cada dia mais vazia de sentido.

O engajamento de ambos interpela e anima o leitor nessa mesma busca. Nesse contexto, a navegação de ambos é necessária para que, a partir da experiência, ocorra a transposição de uma condição, à outra maior: muda-se o prisma, mas a grandeza do ideal permanece.

Nesse contexto, torna-se pertinente retomar a poesia de Fernando Pessoa intitulada *Navegar é preciso*. Esta é inspirada na célebre frase latina "*Navigare necesse; vivere non est necesse*", que significa: "navegar é preciso; viver não é preciso", enunciada pelo General Romano Pompeu (106-48 a.C.) aos marinheiros, amedrontados, que negavam viajar durante a guerra.

A frase expressa a grandeza daqueles que partem em busca de seus ideais, ainda que encontrem grandes limitações, tais como os perigos que cercam os mares. Baseado nisso, Fernando Pessoa escreveu:

Navegar é Preciso

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:

"Navegar é preciso; viver não é preciso".

Quero para mim o espírito [d]esta frase,
transformada a forma para a casar como eu sou:

Viver não é necessário; o que é necessário é criar.
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.
Só quero torná-la grande,
ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo.

Só quero torná-la de toda a humanidade;
ainda que para isso tenha de a perder como minha.
Cada vez mais assim penso.

Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue
o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir
para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.
(PESSOA, 2016).

Ultrapassar as linhas do horizonte que limitam a visão, ir além do esperado: “navegar é preciso” (PESSOA, 2016). Sair do lugar comum deve ser uma necessidade daqueles que buscam seus ideais. “Viver não é preciso” (PESSOA, 2016), se for apenas uma existência vazia: preferível é arriscar-se por seus ideais. Tornar a vida grande, mítica, como Quincas, para que os outros também se sintam impelidos e engajados na busca de seus ideais.

A poesia de Pessoa, nesse contexto, traz com maestria a significação metafórica que a navegação possui, e a expressão do eu-lírico encaixa-se, também, nas vivências de Jorge Amado e de Quincas Berro Dágua: para a busca da liberdade, é necessário deixar o velho e partir em busca do novo.

A utópica liberdade buscada por autor e personagem constitui o impulso de suas vidas, aquela que deve ser lembrada e difundida. Quincas Berro Dágua representa o indivíduo que enuncia, com certeza, com todas as implicações e consequências, que “navegar é preciso”. E interpela seus leitores ao mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jorge Amado, em sua trajetória literária, une escrita e reflexão social. Essa união não ocorre somente como consequência, mas é trabalhada pelo autor como aspecto intrínseco de sua literariedade; é uma característica consciente deste.

A organização social moderna, nesse sentido, é trazida à tona. Apesar de sua escrita abarcar especificamente a Bahia, sendo em *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, a cidade de Salvador, suas reflexões podem ser tomadas como universais.

Joaquim/Quincas representa o indivíduo inserido num mundo em que os embates ideológicos encontram-se cada vez mais acirrados, sendo os fatos relativizados por estes. A relativização da morte do personagem principal é a expressão literária dessa condição.

O social passa a ditar todos os aspectos da vida humana, sem deixar espaço para o exercício da individualidade. O aspecto pessoal cede facilmente seu lugar ao social, sendo o indivíduo levado por ideologias que, majoritariamente, não passam pelo prisma da análise crítica.

Em sua trajetória política, Amado vivenciou esse quadro. Suas experiências ideológicas levaram-no a mudar seu posicionamento, tornando-se mais crítico. Consciente de que as ideologias são incapazes de abarcar os ideais humanos em sua totalidade, especialmente a ânsia por liberdade, metamorfoseia seu pensamento e torna-se mais crítico em relação a elas.

A narrativa das vidas e mortes de Quincas Berro Dágua torna-se expressão dessa mudança de posicionamento. Quincas, assim como seu autor, é a figura que desloca as afirmações homogeneizadas, com o intuito de desvendar a realidade. Há uma relação indissociável entre mundo exterior e escrita literária.

O dialogismo e a polifonia trazem à tona esse desvendamento. Tudo e todos são colocados no mesmo patamar crítico. A ironia reforça os questionamentos e as reflexões a serem desenvolvidos através dessa avaliação. Esses recursos linguísticos funcionam em conjunto, suscitando no leitor a necessidade de uma leitura crítica da narrativa e de tudo o que ela engloba e representa. Como consequência, a avaliação exercida por meio

da leitura literária transfere-se ao mundo real, estabelecendo a ligação intrínseca mencionada.

Nesse sentido, o leitor é impelido a engajar-se na avaliação crítica do mundo e de sua condição, em especial. Esse engajamento é questionador, assim como a postura de Quincas, que não deixa se prender, buscando pensar por si próprio.

Amado não exclui a influência social, mas propõe, através da subversão empreendida pelo personagem principal, uma revisão de valores e dos posicionamentos que são tomados frente à realidade.

Portanto, a busca de Quincas pelo exercício de sua individualidade é o que configura sua busca por liberdade. Poder ser reconhecido e constituir-se como si próprio. Reconhece, todavia, que o exercício pleno dessa liberdade é impossível; por isso, atira-se ao mar, não como resolução para sua busca, mas como perpetuação desta, que se torna mítica através daqueles que propalam sua história e seu desaparecimento: o corpo se perde, mas o que busca discursivamente prevalece.

Através da narrativa das vidas e mortes de Quincas Berro Dágua, Amado torna perene aquilo que conduz sua vida e que deseja suscitar, também, no leitor: a busca pela liberdade crítica, engajando-se, desse modo, no mundo.

A busca pelo pensamento próprio é o que difere os seres humanos, o que os torna únicos, tirando-os da condição animal; é o que os engaja no mundo, podendo exercer, assim, a faculdade da reflexão. Tomando parte da história de Quincas, o leitor engaja-se também em sua busca, que se torna, também, pessoal. Navegando com Quincas, o leitor é interpelado à busca pelo mesmo: a liberdade individual e crítica.

Amado vislumbrou embates ideológicos intensos; suas experiências levaram-no a concluir a periculosidade de extremismos. Por isso, Quincas questiona todo e qualquer posicionamento monológico. O personagem incita, ironicamente, a uma revisão da realidade.

Sua ironia, camuflada pela comicidade, engaja o leitor a torna-se debochativo como Quincas, todavia, com a seriedade necessária à questão, pois conclui que ao ser humano, em sua fragilidade, é impossível possuir a verdade absoluta: questiona, através desse jogo linguístico, a completude que muitas ideologias imputam a si mesmas.

A quimera de Quincas é poder ser ele mesmo. Algo que soa simples, mas que o personagem percebe ser uma peripécia, com diversos obstáculos. O anti-herói, firme em

seu ideal de herói, busca incessantemente a almejada liberdade e, para isso, nega tudo que a delimita.

Quincas tem a força da representatividade da pós-modernidade, anunciando a necessária desconstrução de valores que se vislumbra no século XXI. O indivíduo, perdido diante de tantas influências, busca encontrar-se a si próprio. A influência do social sobre o individual chega a um ponto em que é impossível desvencilhar-se ambos. O personagem questiona esse fato.

A massificação, então, é aspecto notório. Ainda que os demais personagens encontrem-se obstinados em suas convicções, a ironia que emana de Quincas questiona e desvenda a fragilidade destas. Ditas portadoras da razão são, em realidade, responsáveis pela alienação daqueles que as pregam.

Nesse contexto, é necessário considerar o papel social do escritor. Amado, através de sua escrita, engaja o leitor naquilo que expressa em sua obra. Há, pois, um objetivo em sua escrita, corroborado pelas considerações de Sartre: desvendar o mundo, tencionando mudá-lo. No livro em questão, especialmente, desvendar os aspectos sociais modernos – renunciando as condições hoje conhecidas da pós-modernidade –, com intuito de mudar, ainda e principalmente, os posicionamentos individuais.

Há, no papel social de Amado, um escritor engajado na busca por liberdade, amadurecendo suas concepções com o passar do tempo. A tessitura literária serve ao autor como instrumento de expressão e difusão de tais ideais. No cerne desse papel social encontra-se seu principal tema: a busca pela liberdade.

Portanto, o autor baiano, engajado nessa busca, desde o início de sua carreira literária, interpela seus leitores ao mesmo. Faz da escrita oportunidade de navegar em águas mais profundas, como Quincas, elegendo a busca pela liberdade como condição necessária a sua escrita e, sobretudo, ao homem. Seu papel social é, então, o do desvendamento do mundo e do indivíduo, oportunizando o mesmo aos seus leitores, convidando-os a, como o personagem, descobrirem sua individualidade em meio a tantas afirmações peremptórias que constituem e (de)limitam o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia do autor

- AMADO, Jorge. *Homens e coisas do PC*. Rio de Janeiro: Horizonte, 1946.
- AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem*. São Paulo: Círculo do livro, 1992.
- AMADO, Jorge. *A Morte e a Morte de Quincas Berro Dágua*. 74. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- AMADO, Jorge. *O menino grapiúna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Bibliografia sobre o autor

- BETTENCOURT, Lúcia. Os velhos “marionetes”: Quincas Berro Dágua, versões e construção de identidade. *Gragoatá*, Niterói, v. 13, n. 24, p. 101-201, 2008.
- BRUNETI, Almir de Campos. Nascimento e dispersão de Quincas Berro Dágua. *Luso-Brazilian Review*, La Crosse, v. 19, n. 2, p. 237-242, 1982.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Jorge Amado, exílio e literatura. *Aletria*, v. 9, n. 1, p. 226-236, 2002. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Aletria%2009/21-Eduardo%20de%20Assis%20Duarte.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2013.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Morte e vida de Jorge Amado*. Disponível em: <<http://lfilipe.tripod.com/jorgeamado.html>>. Acesso em: 22 abr. 2013.
- DUARTE, , Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal, RN: UFRN, 1996.
- FONSECA, Homero. A vida e a vida de Quincas Berro Dágua. *Revista Continente Multicultural*, Pernambuco, Ano I, p. 16-21, set. 2001.
- FRAGA, Myriam. O documento e a ficção. In: OLIVIERI-GODET, Rita; PENJON, Jacqueline (org.). *Jorge Amado: leituras e diálogos em torno de uma obra*. Salvador: FCJA, 2004. p. 19-31.
- GUMÉRY-EMERY, Claude. As significações das personagens mulatas nos romances de Jorge Amado. In: OLIVIERI-GODET, Rita; PENJON, Jacqueline (org.). *Jorge Amado: leituras e diálogos em torno de uma obra*. Salvador: FCJA, 2004. p. 175-187.
- LOSADA, Basílio. Jorge Amado. *Revista Continente Multicultural*, Pernambuco, Ano I, p. 6-15, set. 2001.

LUCAS, Fábio. Jorge Amado: estética do riso e do sonho. *Lições de literatura nordestina*. Salvador: Casa de Palavras, 2005. p. 67-79.

LUCAS, Rafael. Claude. A pedagogia do espaço no romance amadiano. In: OLIVIERI-GODET, Rita; PENJON, Jacqueline (Orgs.). *Jorge Amado: leituras e diálogos em torno de uma obra*. Salvador: FCJA, 2004. p. 189-209.

MACHADO, Ana Maria. *Romântico, sedutor e anarquista: como e por que ler Jorge Amado hoje*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

MONTEIRO, Luiz Carlos. O dilema de Jorge Amado. *Revista Continente Multicultural*, Pernambuco, Ano I, p. 22-23, set. 2001.

OLIVIERI-GODET, Rita. Jorge Amado e a escrita da margem na figuração identitária. In: OLIVIERI-GODET, Rita; PENJON, Jacqueline (Orgs.). *Jorge Amado: leituras e diálogos em torno de uma obra*. Salvador: FCJA, 2004. p. 111-130.

PORTELLA, Eduardo. Marcas de um trajeto menos entendido. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 74, p. 45-65, jul./set. 1983.

RIVAS, Pierre. Fortuna e infortúnios em Jorge Amado (recepção comparada da obra amadiana). In: OLIVIERI-GODET, Rita; PENJON, Jacqueline (Orgs.). *Jorge Amado: leituras e diálogos em torno de uma obra*. Salvador: FCJA, 2004. p. 33-43.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. De como e porque Jorge Amado em "A Morte e a Morte de Quincas Berro Dágua" é um autor carnavalizador, mesmo sem nunca ter-se preocupado com isto. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 74, p. 110-115, jul./set. 1983.

WITKOWSKI, Ariane. Jorge Amado ou a tentação autobiográfica. In: OLIVIERI-GODET, Rita; PENJON, Jacqueline (Orgs.). *Jorge Amado: leituras e diálogos em torno de uma obra*. Salvador: FCJA, 2004. p. 81-97.

Bibliografia – Documentos Fundação Casa de Jorge Amado

Manuscrito bibliográfico

BR FCJA J/O.ma.b A494MQ por (BR). *A discutida morte de Quincas Berro Dágua*. 1959.

Textos diversos

BR FCJA J/O.ma.d 013 A494 por(BR). [Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras]. [S.l.], [ago. 1973]. 3f.

BR FCJA J/O.ma.d 014 A494 por(BR). [Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras da Bahia]. [S.l.], [7 mar. 1985]. 12f.

BR FCJA J/O.ma.tdi 015 A494 por(BR). *Algumas observações sobre a campanha eleitoral* [de 15 de novembro de 1986]. [S.l.], [1986]. 10f.

BR FCJA J/O.ma.tdi 035 A494 por(BR). Atualidade da Literatura Brasileira. [S.l.], [19--]. 4f.

BR FCJA J/O.ma.tdi 083 A494 por(BR). *Carlinhos* [Carlos Pena Filho, a quem dedicou *A morte e a morte de Quincas Berro Dáqua*]. [S.l.], 1960. 2f.

BR FCJA J/O.ma.tdi 090 A494 por(BR). *Carta a uma leitora sobre romance e personagens*. Salvador, jun. 1970. 13f.

BR FCJA J/O.ma.tdi 134 A494 por(BR). *Cuba e arredores no pêndulo da história*. [S.l.], [19--]. 10f.

BR FCJA J/O.ma.tdi 193 A494 por(BR). *Desespero e esperança* [eleição de Fernando Henrique Cardoso]. [S.l.], [1994]. 2f.

BR FCJA J/O.ma.tdi 173 A494 por(BR). [Eleições políticas no Brasil e candidatos]. [S.l.], set. 1998. 1f.

BR FCJA J/O.ma.tdi 286 A494 por(BR). [A legalidade do Partido Comunista Brasileiro]. Bahia, maio 1984. 3f.

BR FCJA J/O.ma.tdi 433 A494 por(BR). [Quincas, o nascimento do seu personagem]. [S.l.], [19--]. 2f.

BR FCJA J/O.ma.p 010 A494 por(BR). *Romance documento romance* [Prefácio para o livro *Nas profundezas do inferno*, de Arthur José Poerner]. [S.L., 197-]. 3f.

2.5.4 Bibliografia geral

AZEVEDO JÚNIOR, Paulo Ricardo. *Marxismo cultural e revolução cultural: visão histórica*. Disponível em: < <https://padrepauloricardo.org/aulas/visao-historica>>. Acesso em 9 mai. 2016.

AZEVEDO JÚNIOR, Paulo Ricardo. *O céu são os outros*. Disponível em: <<https://padrepauloricardo.org/blog/o-ceu-sao-os-outros>>. Acesso em 20 de out. 2016.

- AZEVEDO JÚNIOR, Paulo Ricardo. *O existencialismo e suas conseqüências para a escatologia*. Disponível em: <<https://padrepauloricardo.org/aulas/segunda-aula>>. Acesso em 20 de out. 2016.
- BAKHTIN, M. M. (VOLOSHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. rev. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAUDRILLARD, Jean. *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1987.
- BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto: 2007.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a vida social In: *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 27-49.
- ENGELS, Freidrich; MARX, Karl Heinrich. *O manifesto comunista*. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf>>. Acesso em 7 jun. 2016.
- FERNANDES, Taiane; NOVA, Luiz. Baianidade. In: ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira (Org.). *Mais definições em trânsito*. Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – UFBA. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/BAIANIDADE.pdf>>. Acesso em 28 set. 2016.
- HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- MICHAELIS. Engajar. *Dicionário Brasileiro da Língua Brasileira*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=YOxL>>. Acesso em 30 nov. 2016.
- PESSOA, Fernando. Navegar é preciso. Disponível em: COLOCAR REFERÊNCIA DO DOMÍNIO PÚBLICO. Acesso em 29 dez. 2016.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é a Literatura?* Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004. 3. ed.

ANEXO I - DOCUMENTO CEDIDO PELA FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO – CUBA E ARREDORES NO PÊNDULO DA HISTÓRIA

HYATT REGENCY CERROMAR BEACH
DORADO, PUERTO RICO 00646-1351 USA
809 796 1234 TELEX 3859758 FAX 809 796 4647

CUBA E ARREDORES NO PENDULO DA HISTORIA

Jorge Amado

796 1234 TELEX 3859758 FAX 809 796 4647

-- Que te parece esta foto para a capa do livro?

809/750-1254-1255
)-- Que te parece esta foto para a capa do livro.
Sobre a toalha , na meza de jantar, a foto em preto e branco mostra tres homens fortes e decididos, tres presidentes, tres chefes de partido ^S de poder incontetavel ^T, tres estadistas de nosso tempo de perplexidades e de espantos, tres homens que fazem a historia, ~~do mesmo tempo~~ personagens e autores, Conheço aos tres e os reconheço , cada um com suas caracteristicas proprias, a maneira de ser e de atuar, as ^Asemelhanças e as diferanças, o impeto, a energia, a capacidade de sedução, ~~extremamente viril~~ o habito do comando, a aventura desmedida. Discutidos, polemicos, lamados e odiados, afirmados e negados, Assim acontece com os chefes de estado: jamais obteem a unanimidade , divididos entre o aplauso e a vaia.

unanimidade , divídidos entre o aplauso e a vaia.

Tres Chefes de estado? Mihail Gorbachov, presidente da União So-
vietica, secretario geral do Partido Comunista da URSS, Fidel Cas-
tro, presidente da Republica de Cuba, secretario-geral do Partido
Comnista Cubano, mas o terceiro, ^{pósseu} ai meu Deus, não é nem presidente,
nem secretario-geral, nada ^{que} se assemelhe ao poder politico, ^ã direção ideologica, ao comando de massas populares, ~~x~~ povos e nações.
O terceiro senhor forte e decidido tem uma face de anjo romano e um
sorriso irresistivel. Trata-se de Gianni Mina, jornalista e homem
de televisão, ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ de incontestavel presen-
ça na imprensa e no video, ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ respeitado e popu-
lar, quem não o conhece na Italia? ^{Quem sabe} ~~Quem sabe~~ de esporte, de cultura, de po-
litica, ^{prova} ~~prova~~ e dirige programas de tevê, assina artigos, publica
livros, promove debates, faz miserias. ^{Sempre cercado de mulheres} ~~Sempre cercado de mulheres~~
bonitas, de certo elas o inspiram e, ^{quem sabe} ~~quem sabe~~ velam pelo descan-
ço do gerreiro nas raras horas de descanso do infatigavel Mina.

Exaustivo, cansado, com o cansaço do inafatigável Mina.
 Infatigável guerreiro, sem dúvida, eu o conheço bem e ^{em} ~~o~~ tenho visto atuando nos quatro cantos do mundo, buscando assuntos, ~~temas~~ ^{motivações}, referindo acontecimentos, ^{em} por vezes provocando-os. Ama os temas polemicos, aqueles que levam à discussão, ao debate, não ~~tem~~ ^{busca} porancia de sucesso e, sim, ^o amor às causas fundamentais do homem. Plantado em meio aos acontecimentos, ~~xxxxxxx~~ não lhe basta assistir o desenrolar dos novos capitulos da historia de mundo moderno, ^{procura} influir, ~~xxxxxxxxxxxx~~ ingromete-se, coloca a ^{duvida} buscando a verdade: a verdade -- inteira e completa -- será que alguem a detem nos dias de hoje. Gianni Mina interroga.

Não vou dizer que seja cidadão imparcial e que sua pesquisa se assina pela isenção: Mina não é isento. Nos conflitos deste fim de

seculo, ele toma partido e o faz de maneira ativa e combativa, a
 fabula que ele constroeu com talento e ex-
 periencia tem ~~a~~ moral a vista, Mina ~~tem~~
 deixa as conclusões ao alcance dos leitores
 mesmo quando não as expõe: conclusões obvias. Esse o terceiro ci-
 dadão da foto, nem por não ser estadista, chefe de governo, secre-
 tario--geral, é menos batalhador, menos temerario, menos obstinado.
 A lanterna de Ginni Mina na busca da verdade do homem é uma estre-
 la, ele a traz no coração.

Certa ocasião, ^{há passados} uns quatro anos, ~~encontrei~~ encontrei Mina em La
 Habana, o jornalista buscava acertar entrevista e programa de tele-
 visão com Fidel Castro, eu lhe falei do sucesso do programa reali-
 sado por Roberto d'Avila com o presidente cubano para a TV Manche-
 teado Rio de Janeiro: Roberto vinha de ser eleito deputado federal
~~na legenda do partido de Brizola~~ na legenda do partido de Brizola. Penso que
 a entrevista com Fidel Castro acrescentou alguns milhares de vo-
 tos á grande votação obtida pelo jornalista ~~extremamente~~ ^{autógrafa}
 brasileiro, ~~devido á alta qualidade de seus programas de televisão:~~
 devido á alta qualidade de seus programas de televisão:

-- Fazes um programa de televisão sensacional com Fidel e de-
 pois te candidatas a deputado á Camara italiana: ^{elias garzuti da}

Não se contentou Miná com ^{además} um programa de televisão (que ob-
 teve exito consideravel): publicou um livro ^{de conversação} ~~contendo suas conversas~~
 com o lider cubano, best-seller na edição italiana e em varias tra-
 duções. Não se candidatou, contudo, a deputado, ~~prosseguir~~ prosse-
 guiu no video e no jornal, observando o que vai pelo mundo, des-
 esquecer a ecologia e os eventos culturais, insaciavel curiosidade.

-- Pois esta foto poderá servir, quem sabe?, para ilustrar
 a capa de um novo livro de conversações com Fidel. -- diz Mina ao
 exhibir-me a foto dos tres senhores. -- Voltei a estar com Fidel,
 queria ouvi-lo sobre Cuba, o socialismo, a peristroika, o destino
~~da revolução cubana~~ ^{hoje} da revolução cubana, o que ele pensa que vai acontecer...
 Não vejo assunto mais ~~interessante~~ ^{estrante, mas} interessante, dramático e apaixonante do que
 esse. Toda a imprensa, nos ~~diversos~~ ^{diversos} diversos paises, conjectura sobre o
 destino de Cuba, de seu governo, de sua revolução, os cientistas
 politicos, os maiores, já decretaram a queda de Fidel e a volta
 de Cuba aos dias de antanho, áqueles...

O rosto de Mina está iluminado de paixão, sua boca abre-se
 num sorriso:

-- Ouvi ^{outra vez} ~~ouvi~~ ^{na preparação de} Fidel ~~para~~ para um novo programa de televisão
 e um novo livro: ~~sobre~~ sobre o momento atual, o que se está pas-
 sando no mundo e o que poderá se passar em Cuba. Fiz ~~as~~ perguntas

Cuba, uma das fascinantes ~~países~~ ^{países} da segunda metade de século XX, ninguém conseguiu ser indiferente à ~~uma~~ ^{essa} revolução dos barbudos, ~~metade da população~~ ³⁰ ou era a favor ou contra, impossível a neutralidade. Cuba isolada, levada pequena e heroica ilha contra o colosso norteamericano, enfrentando o alto de sua fraqueza e de seu desasombro; Cuba, perigosa centelha ~~subversiva~~ ^{subversiva} exportada a Revolução para os ~~países~~ ^{demais} países da América Latina; Cuba usando, repetindo, abusando de expressões antes populares e exaltantes, ~~já~~ ^{já} abandonadas noutras capitânias do socialismo das teorias marxistas, ~~como as expressões~~ ^{como} internacionalismo e internacionalista -- solidariedade internacionalista, missões internacionalistas -- que nos dicionários moscovitas significavam apenas ~~gratificação~~ ^{gratificação}, ~~o~~ ^o domínio soviético sobre países e povos; Cuba tentando mater o romantismo da revolta dos jovens estudantes, dos combates da Sierra Maestra, quando o romantismo nos países do leste europeu não passava de distante recordação, esquecidas lembranças de um tempo que o stalinismo ~~era~~ ^{era} enterrara num mar de sangue e de ~~destruição~~ ^{destruição}. Ah, Cuba, Cuba, quanta coisa significavas e significas, nos dias de ontem e nos dias de hoje, para a gente da América Latina. ~~Recorde~~ ^{Recorde} os versos do poeta Nicolas Guillen -- que morreu sem ter recebido o Premio Nobel que ~~lhe era devido~~ ^{lhe era devido} -- : "Mi patria es dulce por afuera / y muy amarga por dentro". Amarga por dentro e também por fora, cada vez mais, a América Latina. Realidade ~~muito~~ ^{muito} triste e humilhante, sob qualquer aspecto que se encare. A miséria extrema das massas camponesas e urbanas,

*De Lisboa - ao de-sei-dar - e se dize - atualmente tudo de
boa - e bem - de Cuba, de sua revolução de seu pro-prio hospital, de seu
liber-ta-de do Castro. mas, cada dia de seu país da America Latina, se en-
tra no mundo - mais e mais*

3A

Aí está o livro: dois homens, um chefe de estado e um jornalista conversam a baton rompu, passam em revista os acontecimentos desmedidos ~~que se sucedem~~ ^{rápidos} num ritmo de alucinação, num encadeamento de tempestades ~~demais~~ ^{intervalo} rapidamente rápidos, não deixam tempo para a reflexão, ~~para~~ ^{o balanço} o peso e a medida, e o comentário. Um tempo de sufoco, ~~sem pausa~~ ^{o atropelo} para respiração. De repente, entre dois noticiários de televisão, o mundo é outro, já ~~não~~ ^o o de ontem, mudou como num passe de magia, tampouco é o de hoje pela manhã, na quinta-feira o que era branco virou negro, como será o mundo no próximo domingo? Alemães ainda estavam fugindo do leste para o oeste quando, sem anúncio previo, ruuiu o muro de Berlim, não dava para acreditar e já os bravos comerciantes vendiam as pedras do muro como souvenir nas ruas de New York e de Chicago. E tudo vem assim acontecendo, o que era a verdade indiscutível ~~marxismos~~ ^{marxismos} ideológicos mais disciplinados revelou-se de uma hora para outra a mentira mais descarada, a intrujice mais sordida e o herói impoluto não passava de último dos corruptos. Os ~~manhãs~~ ^{manhãs} de felicidade prometidos às populações desesperadas pelos teóricos e líderes desmancharam-se como flocos de neve, enterrado o sonho na lama e no sangue. ~~Onde foram~~ ^{para} *"des lendas mais que chautat", o anúncio de realidade, feito e feito?*
 Vontade de chorar, de arrancar os cabelos, de gritar: como pode ser assim tão vazio e torpe o que pensávamos tão pleno e belo? Incapacidade de entender: por favor, camarada, me acuda, não sei o que pensar, estou ~~na~~ ^{em} na maior confusão, o que era claro, evidente, o que ~~limpida~~ ^{era} verdade, deixou simplesmente de ser. Um vento de borrasca a ~~travessa~~ ^{travessa} o mundo, ~~destruindo~~ ^{destruindo} o ~~que~~ ^{que} ~~era~~ ^{era} ~~claro~~ ^{claro}. Por vezes -- assim acontece em meio à tragédia mais medonha -- uma nota comica, com aparência de deboche, desata o riso, conduz à gargalhada: ~~por decreto~~ ^{por decreto} a República Marxista-Leninista do Benin deixou de ser marxista e leninista, e o decreto -- acredite quem quizer -- o assinou o mesmo despota que a proclamara a República marxista-leninista do Benin. Marxista ou não, entre os dois decretos, a miséria não diminuiu, a fome não se fez menor, nem a opressão. ~~Governos~~ ^{Governos} do leste europeu ~~se~~ ^{se} esborçoando-se ~~em~~ ^{em} meio à revolta sangrenta, ~~na~~ ^{na} Rumania, por exemplo, ou em meio ~~das~~ ^{das} vaias, um clamor imenso de liberdade, no bom exemplo de Praga. Mundo mais louco, mais absurdo, mais inesperado, esse nosso mundo do fim do século XX. Não dá para acreditar.
 -- E Cuba, no meio de tudo isso? Essa a pergunta que resume as questões colocadas pelo curiuissidade do reporter ~~apeixonado~~ ^{apeixonado} ao comandante da ~~Revolução~~ ^{Cuba} ~~de Cuba~~ ^{de Cuba}, Presidente da República, ~~país~~ ^{país} que se diz regido pelos dogmas do marxismo-leninismo e se proclama disposto a defendê-los e mantê-los, sem levar em conta a negação que se amplia, de Moscou a ~~Luanda~~ ^{Luanda}, de Belgrad a ~~Addis-Abeba~~ ^{Addis-Abeba}, de Sofia a Maputo.
 Cuba, uma das fascinações principais de nosso tempo do após-guer-

Cuba isolada, expulsada da comunidade americana, da comunidade latino-americana, expulsa do Caribe; Cuba, levantada, pequena e heroica contra o colosso norte-americano, enfrentando sua ameaça e sua potência militar, diplomática e política, enfrentando o alto de sua fraqueza e de seu desassombro; a bandeira de uma vida melhor para o homem levantada num mar de tormentas, Cuba, fragil embarcação de estudantes abusados. Ou se era a favor ou se era contra, muitos a favor, os pobres do mundo, uns quantos contra, os bons vivants. Cuba, perigosa centelha subversiva buscando exportar a Revolução comunista para os demais países da América Latina, amedrontando governantes.

José Quadros, um iluminado eleito Presidente

Ai, Cuba, Cuba, quanta coisa significaste e significas, nos dias de ontem, num passado ainda proximo, e nos dias de hoje, de tanta euforia e de tanta amargura, ai Cuba, tanto odio erguido contra ti, mas quanto entusiasmo e quanto amor. Cuba, estrela da Carribe iluminando a selva e o pantano, com uma luz de sonho e de esperança. Que cidades honradas de qualquer
Um homem de um pais dos paises da America Latina, do Mexico

à Patagonia, um escritor sobretudo. ⁵ Um ~~homem~~ ^{cidadão}, um escritor brasileiro, não pode se levantar contra Cuba, injuriar e condenar sua Revolução, pregar seu fim, chamar à luta contra os que a governam. De Cuba pode-se dizer -- e se diz ~~em~~ atualmente tudo de bom e de mal, ~~se souber~~ ^{se mediar} a revolução e do regime por ela imposto, de seus pró-homens, ^{o ideal} do Fidal Castro. Mas um cidadão da America Latina que se preze, que ame seu povo e deseje para ele um futuro menos terrível que a realidade atual, um escritor com a responsabilidade de ver e de dizer, não pode deixar de comparar e a comparação entre a sociedade cubana, com todas as suas limitações -- e são muitas --, e a sociedade de nossos países, de todos eles, sem exceção, mostra Cuba fraterna e ^{se contrasta com} ~~radiante~~ ^{contra} de nossas patrias injustas, mendigas, assassinas. Recordo os versos do poeta Nicolas Guillen -- grande poeta mestiço das Americas que morreu sem que lhe tenham dado o Premio Nobel que lhe era devido: ~~xx~~ "Mi patria es dulce por fuera/ y muy amarga por dentro".

Amarga por dentro e também por fora, cada vez mais, a América Latina. A miséria extrema das massas campesinas e urbanas, nos latifúndios dos senhores rurais, poderosos como reis, senhores de cutelo e barão, nas favelas onde impera e ordena a máfia da droga, ah! tamanha miséria não existe -- mas não existe mesmo -- em Cuba. Não ~~acho~~ penso que os cortadores de cana nas plantações de ~~saca~~^{cana} sejam príncipes e gozem de uma vida farta e despida de qualquer limitação: o povo em Cuba é pobre, ha uma pobreza generalizada, ~~xxxxxx~~ não ~~se pode~~^{felizmente} comidar com a dar com a mão ~~falemos~~. Mas não ha comparação possível entre a miséria extensa e profunda, realidade primeira e maior de nossas patrias, e a pobreza de Cuba. A verdade deve ser dita e dizê-la é a obrigação do escritor.

Teio nos jornais do Brasil espantosas noticias sobre as crianças abandonadas nas ruas das cidades, ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ nos caminhos do latifundio: é uma tragedia inconcebivel, depois de Heller e de Stalin, Ha mais de cinquenta anos, escrevi um romance sobre o tema das crianças abandonadas nas ruas da cidade da Bahia, os "Capitães da Areia". De então para cá, o problema se fez crescer, tornar-se mais brutal, mais criminosa ^{ainda} posição da sociedade ~~atual~~ ^{problema} o assassinato de crianças transformou-se na coisa mais corrente, entre quantas abjeções se praticam no Brasil. Centenas de milhares de crianças abandonadas, condenadas ao crime e à morte. Tal desamparo, tal desventura, esse crime hediondo, ah! não se pratica em Cuba. No que se refere as crianças a sociedade cubana age de maneira exemplar.

Pelo menos em dois aspectos da vida social, Cuba tem realizado

6

um sucesso espetacular, indiscutível. Refiro-me à educação e à saúde pública. No particular, Cuba nada fica a dever aos países mais adiantados do primeiro mundo. A educação, ~~particularmente~~ preocupação predominante do governo revolucionário, os êxitos obtidos são patentes, inegáveis. Não adianta querer diminuir a importância de fato tão ~~importante~~ ^{significativo, multiplicando os dados disponíveis,} lembrando ser Cuba um pequeno país, de população diminuta e outras ~~razões~~ ^{alegações} assim tão ~~valiosas~~ ^{bobas}. A verdade é que em matéria de educação e de cuidados com a infância, Cuba realizou e realisa um programa de governo admirável. *Percorri muitas*

Recordo ~~minha~~ ^{minha} primeira visita a Cuba, em 1963. ~~Encontrei~~ ^{constatei} escolas, creches, ~~a~~ ^{constantemente} atenção e o atendimento às crianças, ~~mas~~ ^{primária de uma vez, e há de futuro.} fui tomado pela emoção, ~~mas~~ ^{emoção e entusiasmo} cresci quando, ao chegar ao México, vindo de La Habana, deparei-me ~~na~~ ^{na cidade do México, em Cuernavaca,} em Puebla com os bandos de crianças ~~que~~ ^{que} mendigando, maltrapilhas, desamparadas. De então para cá não houve solução de continuidade no devotamento às crianças, em Cuba, ainda bem; não houve tampouco qualquer melhoria na vida das crianças mexicanas ou das crianças dos demais países latinoamericanos. No Brasil andou-se ~~para trás~~ ^{desgratamente} e como! Faz-se necessário reconhecer e louvar a ~~excelente~~ ^{excelente} organização da saúde pública, capaz de atender com eficiência as necessidades da população, não ha a menor possibilidade de esconder e negar o esforço, coroado de sucesso, do governo para dar aos cidadãos cubanos um sistema valido de previdencia social. No Brasil a previdencia social existe, ~~mas~~ ^{mas} conquista ~~preziosa~~ ^{preziosa} obtida a custa de aspera luta, mas existe porca e sujeira, as filas imensas, a espera infinita de um leito em hospital, a corrupção, a negociata, um horror! Comparar significa reconhecer a diferença na aplicação dos mesmos benefícios e sair ~~vivendo~~ ^{vivendo} vivos a Cuba -- não ha para onde fugir.

No que se refere à medicina é ~~justo~~ ^{justo} e correto ~~re-~~ ^{re-} ~~conhecer~~ ^{reconhecer} os avanços da ciencia medica em Cuba, na pesquisa, ~~nos~~ ^{nos} laboratorios, nos institutos científicos, na descoberta de ~~medicamentos~~ ^{medicamentos} na produção de remedios, até parece ~~um~~ ^{um} país do primeiro mundo. Estou ~~convencido~~ ^{convencido} que os cientistas brasileiros, os nossos medicos, nada ficam a dever em talento, vocação e cultura especializada aos medicos de Cuba-- o que faz a diferença é o apoio que o governo (a sociedade) de Cuba dá aos seus cientistas e que o governo (a sociedade) do Brasil nega aos nossos. Como ~~reconheço~~ ^{reconheço} o aplauso, reconhecimento do governo da revolução cubana? Uma cidadão de país da America latina, um escritor sobretudo, não pode... etc e tal. Poderia demorar-me a encher ~~varias~~ ^{varias} paginas na comparação entre ~~os~~ ^{os} êxitos de sociedade cubana e os fracassos ~~das~~ ^{das} sociedades ~~das~~ ^{das} diversas nações da America Latina. Não vou fazê-

um sucesso espetacular, indiscutível. Refiro-me à
 6. educação e à saúde públi-
 ca. Nada fica a dever aos países mais avançados

| X Para não me abogar, referindo apenas
 um detalhe - sem ^{sempre cá} ~~importante~~ ^{voici} ~~em~~ Cuba
 as Teorias 'estéticas' de Zdanov que
 tanto mal causaram à cultura do mundo
 socialista, não tiveram a mesma
 odiosa e intolerante presença, foi
 sem menor ~~melhor~~ ^{influência} e suas nefastas
 consequências. A literatura, as artes
 plásticas, a música, as diversas
 formas de criação não foram objecto,
~~da mesma~~ ^{da mesma} em idêntica medida, da
 virulência da "estética do realismo
 socialista". Escrever que sou, não
 posso deixar de referir e celebrar
 tal prova de tolerância e de independência
 dos dirigentes cubanos.

7
 -lo, por desnecessário: hoje existe uma espécie de consciencia continental -- por vezes um tanto envergonhada -- nas ^{patas} ~~continências~~ latino-americanas em relação ao significado de Cuba. Prova disso, o ^{aviso} ~~aviso~~ ^{de Linpata, na verdade, na} ~~aviso~~ com que Fidel Castro foi recebido no Brasil por ocasião de sua presença à posse do Presidente Collor. Foi saudado com respeito e admiração ~~prime~~ ^{por} diversas capas da população, dos sindicalistas aos empresários -- não me refiro ao fanatismo de certas camadas ^{de} intelectuais, os ^{veteranos} ~~maiores~~ do culto à personalidade, ~~de bajulação~~ ^{de bajulação}; refiro-me a patriotas que colocam o interesse do país acima das disputas ideológicas. Creio que a palavra respeito ^{usada} ~~em~~ aqui ^{para definir} ~~a~~ recepção concedida a Fidel ^{adequada} ~~e~~ a palavra ^{capaz} ~~capaz~~ de determinar o sentimento da população. Respeito pelo homem de governo que ~~realizou~~ ^{realizou} com seus companheiros, uma obra que obriga à admiração e ^{respeito} ~~admiração~~. Em sua estada no Brasil, Fidel foi saudado e aplaudido não por ser líder comunista, chefe revolucionário -- ~~mas~~ ^{mas} muito ^{apesar} ~~apesar de assim ser -- e, sim, pelo êxito sociais do governo que dirige. Respeito conquistado devido ^{às} ~~as~~ realizações concretas, visíveis, palpáveis, em benefício do povo cubano, ^{fazendo esquecer} ~~fazendo esquecer~~ as incompreensões, os erros, as ingenuidades, as bravatas, todo o ruidoso e ineficiente fogo de artifício ~~que tanto dano causou à "evolução cubana"~~ ^{que tanto dano causou à "evolução cubana"}.~~

Em algumas páginas, em quantos parágrafos da longa entrevista que compõe este livro de conversações com Fidel Castro, redigido por Gianni Mina, explodem ainda foguetes de retórica marxista, ingenuidades declamatorias, ^{discurso} ~~discurso~~ de propaganda. ^{em que} ~~em que~~ ^{em certos} ~~em certos~~ instantes dotada de estranha inocência ^{Acento que de forma} ~~Acento que de forma~~ troca de opiniões, esta explicação de posições, ^{esta} ~~esta~~ ^{dúbia} ~~dúbia~~ e ^{apelo} ~~apelo~~ a cartas concepções, teorias, regras, definições -- em determinados momentos ^{arrogância} ~~arrogância~~ e ^{desafio} ~~desafio~~: morro mas não me entrego. Por tudo isso, quase sempre documento capaz de conter e conduzir à emoção. ^{Impossível negar um} ~~Impossível negar um~~ arriero-gout de fanatismo, iniscue-se aqui e lá ^{paternalis-} ~~paternalis-~~ mo: naturais, parece-me, no dialogo onde o chefe de uma revolução defende sua total integridade quando, no resto do mundo, a mesma ideologia da qual ele, o Chefe, se reclama, corroe e destrói par-tidos, governos e sistemas. A tempestada ^{no meio da qual} ~~no meio da qual~~ navega a galeota da revolução dos barbudos, não desaba apenas no mar das Caraíbas, ela se alastra ^{do mar do Norte a costa da África e} ~~do mar do Norte a costa da África e~~ co, do mar Negro ao ^{mediterrâneo} ~~mediterrâneo~~, ^{do mar do Norte a costa da África e} ~~do mar do Norte a costa da África e~~ quecer o mar da China. A bandeira ^{erguida no} ~~erguida no~~ ^{tope do mastro,} ~~tope do mastro,~~ ^{contra vento e mares,} ~~contra vento e mares,~~

por desnecessario: 7
-lo ~~x~~ existe uma consciencia continental em relação ao significado de Cuba : quando Fidel Castro veio ao Brasil para a posse do Presidente Collor , foi saudado com admiração e estima e não por acaso. Não por ser lider comunista , chefe revolucionario e ,sim, pelos exitos sociais do governo que dirige.

8 *desta maneira*
 Ao ler *as* ~~estas~~ páginas ardentes -- certos topicos queimas como
 brasas, ~~trouxe as chamadas~~ *que se elevam para*
~~as chamadas~~ *alças para a* elevam-se chamadas e fagulhas --
 fico pensando se ~~deveria~~ *o* que a Revolução cubana trouxe de
 bom para Cuba *o* muito de bom, de digno, de decente, de frater-
 no que ela trouxe para Cuba, se deve ~~de~~ *de* fato às teorias do
 marxismo e do leninismo -- quantos *barbudos* *em verdade* verdade-
 deira, leram e estudaram Marx, Engels, *Lenin e* *Stalin* (talves de-
 vido ao *medo da época* ~~medo~~ se houvesse lido e decorado mais a Stalin que a
 qual *outra*, não será?), quantos? Talvez meu velho e querido
 amigo Carlos Rafael Rodrigues -- exemplo admiravel de coerencia,
 decência, dignidade, *integro como quem mais o seja* -- tenha
 lido os chamados classicos, *mas quantos* *o* leram entre os *barba*
~~os~~ *que se bateram na Sierra Maestra e depois descenderam para*
 os trabalhos de construção e criação de uma patria? Quanto a mim,
 jamais li *os* *grandes da filosofia e da economia* e não o fiz
 por preguiça e ignorancia, *mas* li os pequenos discipulos, não
 perdi meu tempo -- ganhou tempo, *alegria e emoção* quem *com*
 grandes escritores, *os romancistas, os poetas.*

ceros leon
 Em 1960, apenas vitoriosa a Revolução cubana, Sartre desem-
 barcou no Brasil e a trazia em suas *bagagem* *então* : Cuna e Argelia eram
 seu tema, seu motivo de luta e de vida, sua esperança. "A Revo-
 lução unica e incomparavel, a Revolução sem ideologia". Para
 ele, naquela ~~momento~~ *instante* fugidio da historia, aconteceu
 algo novo e fundamental: uma Revolução se fazia e chegava ao po-
 der para modificar a sociedade de um país sem trazer nos ~~seus~~
~~seus~~ *pés* as grilhetas, nas mãos as algemas de uma ideo-
 logia, Sartre vibrava. ~~xx~~ *Durou pouco a euforia*
 que o levava a escrever a grande reportagem *que no Brasil publi-*
 cou-se em livro, "Turbilhão sobre Cuba". Os acontecimentos *eram*
os barbudos para o aprisco da ideologia marxista, sobre cu-
 jas teorias e leis estava sendo construido o socialismo no les-
 te europeu, na China, na *Coreia* do Norte, no Viet-Nam. Quero
 crer que talvez se deva ~~ao~~ *a* ideologia adotada sobretudo os
 erros, os desacertos, as tolices, as limitações da "evolução
 cubana e *se* devam os acertos, os exitos, as vitorias ao pa-
 triotismo, ao humanismo *dos rapazes* *ao deus da semântica*
aqueles que assumiram o poder. Estou
 escrevendo uma imbecilidade sem tamanho? E' possivel, não se-
 rá a primeira vez que o faço mas não é impossivel que eu tenha
 razão.

limitadora
 Quem é responsavel pela teze do partido unico, do partido
 determinando, ditando, mandando, incontestavel, irrepresenta-
 vel, incapaz de cometer o menor erro? Quem é responsavel pela
 politica estreita e grosseira da violação dos ~~seus~~ *direitos*

1 - Luiz Flauad

humanos, ^{as} ~~as~~ limitações à liberdade, à democracia? Não será por acaso o sistema ~~limitado~~ ^{atrasado} e estreito nascido da ideologia marxista leninista?

A partir de 1948 andei de ponta a ponta, de lado a lado, fui e voltei, imbatível cigano, ^{nos países do} mundo do socialismo real, conheci gente de todos os tipos, fiz milhares de amigos e fiz-me amigo desses povos que, a meu ^{pensar} ~~ver~~ estavam construindo o futuro do mundo, junto com eles me bati e lutei -- e disso muito me orgulho -- pela paz e pela felicidade do homem sobre a terra. Assim sendo, aprendi em carne própria que os limites para a liberdade -- de pensamento, de expressão, ^{de ir e vir, de toda e qualquer} ~~de ir e vir, de toda e qual-~~ quer liberdade -- não eram ~~iguais~~ ^{iguais} identicos, mudavam, mais ou menos amplos, de país para país. Na ~~Europa~~ ^{na} Europa, ~~em~~ na Yugoslavia ~~as~~ as fronteiras da liberdade eram ^{as} maiores: desde que se respeitasse a figura de Tito e uns quantos conceitos ^{de liberdade} ~~podia-se~~ falar quase livremente. A vitrine de um livraria de Belgrad, em 1986, chegava a paracer livraria de Roma ou de Londres pela variedade de títulos e autores.

Esses limites, no mundo socialista, foram mais amplos, bem mais sem dúvida, em Cuba do que em qualquer das democracias populares da Europa e da Asia. ^{Muita} coisa deve ter concorrido para que assim fosse e, tenho para mim, que também Fidel ^{astro} teve a ver com a extensão maior ~~de certos direitos~~ ^{de certas concessões} à liberdade. Mais é evidente que também em Cuba a liberdade tem limites, fronteiras que não podem ser ^{ultrapassadas} ~~atravessadas~~. Democracia política não existe em Cuba, não adianta ~~xxxxxxxxxxxx~~ tergiversar.

Escrevia eu essas paginas quando me telefone da Bahia meu irmão James Amado, conto-lhe do livro de Mina, das certezas e duvidas que me habitam. James me diz: "de todo esse mundo socialista vá restar um país, ^{talvez} ~~talvez~~ o unico, e esse país é Cuba, porque a Revolução serviu ao povo e Fidel é realmente amado pelos cubanos. E a democracia? ~~xxxxxxxxxxxx~~ A liberdade? -- exclamo do outro lado do fio intercontinental pagando em dolar a discussão politica. -- Fidel é um homem capaz, vai dar um jeito". ^{Também Amado de subto cientista politico, também outro pensamento!} No avião que me traz da Italia, na bagagem os originais do novo Fidel ~~xxxxxxxxxxxx~~ Castro de Gianni Mina, leio uma entrevista de Felipe Gonzalez, primeiro-ministro da Espanha, ~~xxxxxxxxxxxx~~ ^{que nasceu nos dias da guerra civil, e que se tornou um dos raros homens de governo quem se pode chamar com justiça de estadista.} Entrevista concedida ao jornal "Le Monde" de Paris. O reporter traz a baila o problema ^{ameaçado de naufragio} ~~de segurança~~ das aguas da peristrioka. Felipe Gonzalez ~~responde~~ ^{responde}: "Fidel a pourtant une agilité intellectuelle que devrait lui permettre de mesurer l'ampleur ~~des~~ ^{des} chagements necessaires".

que conhece Cuba, andou por lá de juiz de primeiro grau da Corte de Los Angeles, aliás muito bem atribuido ao processo de Ocasio e Hóayr Sellar - (ver anexo da pagina 6)

Muito mais...

Como se pode ver, há uma coincidência de pensamento entre ^{este} estadista espanhol e o homem de letras do ^{em geral reservado} Brasil, Fadel saberá como fazer. Junto-me a eles -- e Gissani Miná -- no amor a Cuba, ^{na} na esperança que o barco/Revolução chegue ao porto e a aurora venha a nascer ^{no} ~~perto~~ dia da bonança.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Paris, dezembro de 1990